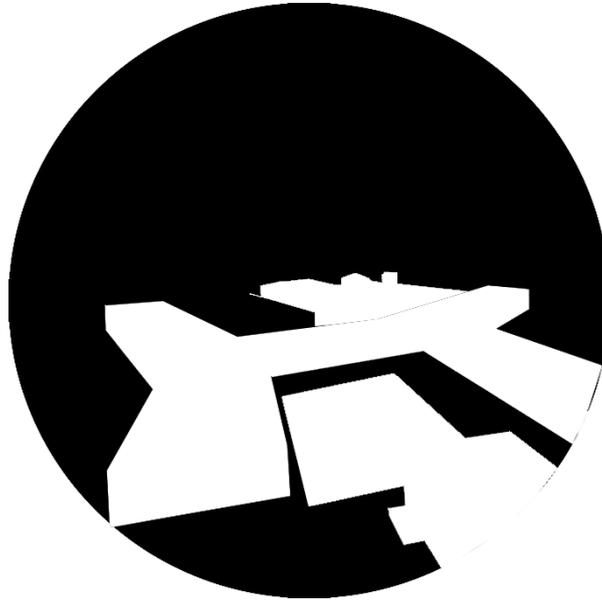


FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

João Pedro Martins Dias

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Professor Doutor Jorge Luís Firmino Nunes

Júri

Presidente: Professora Doutora Margarida Maria Louro do Nascimento e Oliveira

Vogal: Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Janeiro, 2021

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

João Pedro Martins Dias

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Professor Doutor Jorge Luís Firmino Nunes

Júri

Presidente: Professora Doutora Margarida Maria Louro do Nascimento e Oliveira

Vogal: Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Janeiro, 2021

Este documento foi redigido segundo o atual Acordo Ortográfico.

RESUMO

A conceção dos vários planos para a defesa marítima originou a construção de várias Fortificações Militares, que durante séculos, consolidaram e protegeram o território marítimo e terrestre.

TÍTULO

MEMÓRIA (RE)VISITADA

SUBTÍTULO

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

Após os tempos de guerra, muitas das estruturas militares que caracterizavam a barra do tejo, ficaram obsoletas e as necessidades evolutivas da cidade não se coadunavam mais com a sua utilização bélica. Muitas foram sofrendo alterações ao longo dos séculos e adaptadas a novos usos, outras, permanecem devolutas.

DISCENTE

João Pedro Martins Dias

O Forte da Nossa Senhora da Saúde, erigido no início do Século XVI, na Trafaria, representa um desses casos de abandono.

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professor Doutor António Leite

Professor Doutor Jorge Nunes

O projeto apresentado contempla a reestruturação da malha urbana preexistente e a adaptação dos espaços do forte para novos usos e vivências que o reinscrevem na contemporaneidade.

Projeto elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Numa viagem do passado ao futuro, a proposta reflete a importância da análise histórica da defesa marítima da barra do tejo e a importância da memória na arquitetura e da identidade coletiva, como premissas para devolver o forte à vila como uma nova centralidade.

Lisboa, Janeiro, 2021

PALAVRAS-CHAVE

Memória | Património Militar | Escola de Hotelaria | Pólo Cultural | Trafaria

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

ABSTRACT

The design of the various plans for maritime defense led to the construction of several Military Fortifications that for centuries consolidated and protected the maritime and land territory.

TITLE

(RE)VISITED MEMORY

SUBTITLE

Rehabilitation of Fort of Trafaria as a School of Hotel and Tourism.

After the war period, many of the military structures for which Tagus River was categorized became obsolete and the city's evolving needs were no longer in line with its warlike use. Many of them have undergone changes over the centuries or adapted to new uses and others remain vacant.

STUDENT

João Pedro Martins Dias

The Fort of 'Nossa Senhora da Saúde', built in the beginning of the 16th century in Trafaria, is one of the cases of abandonment.

ADVISERS TEAM

Professor Doutor António Leite

Professor Doutor Jorge Nunes

The project presented in this thesis contemplates the restructuring of the pre-existing urban mesh and the adaptation of the fort's spaces to new uses and experiences to reinsert it in contemporary times.

Project to obtain the Master's Degree in Architecture

In a journey from the past into the future, the proposal sheds light on the importance of the historical analysis of the maritime defense of Tagus sand bar and also the prominence of memory in architecture and collective identity as evidences for returning the fort to the village as a new centrality.

Lisbon, January, 2021

KEYWORDS

Memory | Military Heritage | Tourism School | Cultural Center | Trafaria

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo amor e apoio incondicional.

À Cristina ao Vítor e ao Sr. Alfredo, agradeço-lhes o apoio e a confiança que depositaram em mim durante todo o meu percurso académico. Agradeço-lhes o orgulho transmitido e força dada desde o primeiro dia. A eles dedico também este trabalho, como forma de retribuição dos valores transmitidos.

Aos meus orientadores:

Agradeço ao Professor António Santos Leite e ao Professor Jorge Firmino Nunes por terem aceite pertencer a este trabalho e pela constante disponibilidade, pelo interesse demonstrado e conhecimentos transmitidos durante o decorrer dos acompanhamentos.

Aos meus amigos, agradeço-lhes por terem feito parte do meu percurso académico cheio de amizade e companheirismo.

À Sofia, por tudo. Pelo apoio emocional, pelo companheirismo, pelo incentivo, pelo espírito crítico e por continuar a remar nas minhas manhãs de nevoeiro.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	
1.1 ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS	3
1.2 METODOLOGIA	5
1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO	7
II. CONTEXTUALIZAÇÃO	9
2.1 MEMÓRIA	11
2.1.1. Uma Definição de Memória	11
2.1.2. Memória e Identidade Social	13
2.1.3. Memória e Arquitetura	15
2.2 O LEGADO MILITAR - As Fortificações da Barra do Tejo XVI-XIX	17
2.2.1. A Fortificação de Transição	17
2.2.2. As Fortificações Modernas na Barra do Tejo	19
2.2.3. A Invasão Espanhola	20
2.2.4. A Restauração da Independência	21
2.2.5. A Guerra dos Sete Anos	22
2.2.6. As Fortificações na Barra do Tejo no Contexto das invasões Francesas	23
2.2.7. O Início do Fim de uma Era Fortificada	24
III. DO LUGAR AO TERRITÓRIO	27
3.1 A ORIGEM - O FORTE DA TRAFARIA	29
3.2 TRAFARIA - TERRITÓRIO E IDENTIDADE	35
3.2.1. A Pesca, Ofício e Sacrifício	37
3.2.2. Rio, Cultura e Arte	39
3.2.3. Expressão de Fé	42
3.2.4. O Contexto Militar no Território	43
3.2.5. Património Militar na Trafaria	47
IV. CASOS DE ESTUDO	49
4.1. Edifício, Sede e Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian	53
4.2. Concurso Para o Museu da Resistência e Liberdade	55
4.3. Neue National Galerie	42
4.4. Escola de Hotelaria e Turismo - Portalegre	61
4.5. Cidade do Futebol	63

V. PROJETO	67
5.1 O PROGRAMA	71
5.2 CONCEITOS	71
5.2.1 Linhas de Força	76
5.2.2. Planos Habitados – Os (Des)níveis	81
5.2.3. A água – O espelho da Memória	85
5.2.4. Espaço Vegetal Habitado	86
5.2.5. Pontos Focais	88
5.3. PROPOSTA URBANA	89
5.4. PROPOSTA ARQUITETÓNICA	91
5.4.1. O Núcleo Preexistente	93
5.4.2. A Escola de Hotelaria e Turismo	94
5.5. MATERIALIDADE E ESTRUTURA	97
5.5.1. A Pele - Materialidade	98
5.5.2. Os Ossos - Estrutura	100
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
VII. FONTES BIBLIOGRÁFICAS	109
VII. ANEXOS	114

ÍNDICE IMAGENS

- 01.** Paço Real da Ribeira, antes da sua destruição no Terramoto de Lisboa de 1755
FONTE: <https://www.borges-library.com/baroque-science/>
- 02.** Torre Velha da Caparica - Corte Transversal.
FONTE: <http://kuentro.blogspot.pt/2015/01/a-abandonada-torre-de-ssebastiao-de.html>
- 03.** Planta da Torre de Belém ou Baluarte de São Vicente, Lisboa, 1520, Francisco de Arruda.
FONTE:
https://www.flickr.com/search/?user_id=26577438%40N06&view_all=1&text=torre%20de%20Bel%C3%A9m
- 04.** Forte do Forte São Julião da Barra, Carcavelos, 2018

FONTE: <http://lisboa-e-o-tejo.blogspot.com/2016/06/o-forcamento-da-barrado-tejo.html>
- 05.** Ilustração da invasão francesa no dia 11 de julho de 1831.
FONTE: <http://lisboa-e-o-tejo.blogspot.com/2016/06/o-forcamento-da-barrado-tejo.html>
- 06.** Esquema da Evolução Histórica e Funcional do Forte da Trafaria
FONTE: Desenho do autor, 2019.
- 07.** Fotografia do Interior de uma das celas do presídio da Trafaria, 2019.
FONTE: <https://gandaia.info/presidio-da-trafaria-2/>
- 08.** Mapa da Localização do Território da Trafaria e de Murfacém
FONTE: Desenho do autor, 2020.
- 09.** Ilustração Portuguesa -“Um pescador da Trafaria, 1919.
FONTE: LEAL (2014, p.57).
- 10.** Praia da Trafaria, 1911.
FONTE: LEAL (2014, p.109).
- 11.** Gravura do Século XVIII – Igreja da Nossa Senhora da Conceição.
FONTE: CMALMADA (2002,).
- 12.** Localização das Ermidas da Trafaria, nos Finais do Século XVIII
FONTE: LEAL (2014, p.54).
- 13.** De cima para Baixo – Quartel Militar da Trafaria, Bateria da Alpena e Bateria da Raposeira.
FONTE: Desenho do autor, 2020.
- 14.** Arquitectura e paisagem – Fundação Calouste Gulbenkian.
FONTE: <https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/fundacao-calouste-gulbenkian/>

- 15.** De cima para baixo – Átrio Principal e recepção, Sala de Exposições, Auditório.
FONTE: <https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/fundacao-calouste-gulbenkian/>
- 16.** Proposta para o Museu Nacional da Resistência e da Liberdade na Fortaleza de Peniche.
FONTE: <http://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/z6gHDv/museu-nacional-da-resistencia-e-da-liberdade>
- 17.** Proposta para o Museu – Percursos Expositivos
FONTE: <http://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/z6gHDv/museu-nacional-da-resistencia-e-da-liberdade>
- 18.** Axonometria programática da Proposta para novo Museu Nacional da Resistência e da Liberdade na Fortaleza de Peniche.
FONTE: <http://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/z6gHDv/museu-nacional-da-resistencia-e-da-liberdade>
- 19.** Neue Nationalgalerie de Ludwig Mies van der Rohe, 1962 - 1968.
FONTE: <https://www.inexhibit.com/mymuseum/neue-nationalgalerie-berlin-mies-van-der-rohe/>
- 20.** Espaço de exposição – Conceito de Planta livre
FONTE: <https://www.inexhibit.com/mymuseum/neue-nationalgalerie-berlin-mies-van-der-rohe/>
- 21.** Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, 2011
FONTE: <https://www.archdaily.com/297474/hotel-catering-school-eduardo-souto-de-moura-graca-correia>
- 22.** Cidade do Futebol - Centro de Treino da Federação Portuguesa de Futebol, 2012.
FONTE: https://www.archdaily.com/886768/portuguese-football-national-team-headquarters-risco?ad_source=search&ad_medium=search_result_all/
- 23.** Planta de Cobertura da Proposta e organização volumétrica do conjunto.
FONTE: https://www.archdaily.com/886768/portuguese-football-national-team-headquarters-risco?ad_source=search&ad_medium=search_result_all/
- 24.** Cidade Do Futebol, acesso ao Átrio Principal
FONTE: https://www.archdaily.com/886768/portuguese-football-national-team-headquarters-risco?ad_source=search&ad_medium=search_result_all/
- 25.** Axonometria Programática
FONTE: Desenho do Autor, 2020.
- 26.** Linhas de Força orientadoras da Proposta Arquitetónica
FONTE: Desenho do Autor, 2020.
- 27.** Definição do conceito de Muro Habitado
FONTE: Desenho do Autor, 2020.
- 28.** Definição da Linha de Percurso e do Eixo visual até ao rio
FONTE: Desenho do Autor, 2020.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

- 29.** Limite Vegetal.
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 30.** Os Percursos – Interligação da Preexistência e da nova Construção com as Praças.
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 31.** Integração do percurso de Ronda na Proposta.
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 32.** Um olhar sobre a preexistência – Percurso e eixo visual.
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 33.** Praça da Torre da Igreja.
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 34.** O Espaço da Praça D'ÁGUA
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 35.** Praça de Água e o Rio
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 36.** Cenários Urbanos da Proposta
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 37.** O Miradouro Vertical – Imagem Conceptual
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 38.** Imagem ilustrativa da Praça da Torre
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 39.** Um barco que navega no tejo.
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 40.** Da Esquerda para a Direita – Planta geral da proposta urbana; Diagrama de Demolição e Percursos propostos.
FONTE: Desenho do Autor,2020.
- 41.** Perspetiva geral da Proposta
FONTE: Desenho do Autor,2020.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

CAPÍTULO I **INTRODUÇÃO**

1.1 ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS

Toma-se como enquadramento geral, a situação atual do núcleo histórico da Trafaria, limitado a norte pelo Rio Tejo, a Poente pelo Oceano Atlântico, a sul pela freguesia da Costa de Caparica e a nascente pela freguesia de Caparica. Este território é caracterizado por uma grande estrutura industrial ativa, uma frente ribeirinha constituída por edifícios habitacionais e de comércio devolutos e/ou de génese ilegal, por um vasto Património Militar e ainda pela vista arrebatadora sobre Lisboa.

Perante este cenário, a proposta incide sobre a importância de (re)integrar a estrutura natural e o património militar da Trafaria no seu contexto urbano e arquitetónico que, apesar das qualidades naturais e antrópicas, apresenta um aglomerado urbano pouco consolidado, espaços de permanência pouco qualificados e um conjunto significativo de património militar e industrial devoluto.

Define-se como principal premissa a reabilitação do Forte da Trafaria, onde se pretende que este se assuma como símbolo identitário e coletivo do território. Para tal, propõe-se:

- Entender o valor e a importância do património para a preservação das memórias sociais, como forma de dar continuidade às construções identitárias das sociedades.
- Aprofundar a evolução histórica das fortificações da barra do tejo, entre o século XVI e XIX, compreendendo as características que lhe conferem a possibilidade da sua (re)inscrição na contemporaneidade.
- Desenvolver uma proposta urbana e arquitetónica para a vila da Trafaria que estabeleça uma relação coerente com a sua essência, história e memória matricial.
- Intervir no Forte da Trafaria como elemento marcante e único da paisagem, integrando-o com um novo edificado e novas narrativas para o lugar.

1.2 METODOLOGIA

O método que acompanha o presente trabalho, desenvolve-se segundo várias etapas que auxiliam tanto a contextualização teórica e histórica, como a pesquisa referencial do projeto. Para tal, definiram-se vários momentos de trabalho, dos quais:

- O enquadramento conceptual e estruturante do trabalho, com base na recolha, pesquisa e análise de bibliografia específica sobre as temáticas definidas.
- Análise histórica da evolução das Fortificações da barra do tejo no período compreendido entre os Séculos XVI – XIX que, a partir de pesquisa e análise de documentos históricos permitem entender o seu valor memorial e matricial no contexto de reinscrição na contemporaneidade.
- Pesquisa de projetos de referência fenomenologicamente e morfologicamente idênticos que confirmem a problemática apresentada e que auxiliem na fundamentação das opções de projeto.
- Recolha de cartografia, planos e regulamentos, para uma melhor compreensão do lugar e das suas potencialidades, assim como o seu levantamento urbano e arquitetónico que permitam conhecer o a estado atual da vila e do Forte da Trafaria.
- Reflexão crítica que sintetize a problemática abordada, como ponto de partida para o desenvolvimento de uma solução para o lugar.
- Estudo da envolvente, definição do programa e elaboração de estudos conceptuais que, procurem dar resposta à solução dos vários objetivos.
- Elaboração de uma solução arquitetónica de reinscrição do objeto em estudo com base nas várias fases de trabalho enunciadas anteriormente, sistematizada por esboços e desenhos técnicos, maquetes e estudos tridimensionais.

1.3 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

O trabalho apresentado desenvolve-se ao longo de seis capítulos, compostos por uma componente teórica e prática. Existe ainda um capítulo introdutório onde são clarificados os objetivos e as premissas para o desenvolvimento do trabalho.

A componente teórica, apresentada no segundo capítulo, surge como fundamento das motivações que levaram à proposta de reabilitação do Forte da Trafaria e das opções adotadas durante a elaboração do projeto prático. Ainda no segundo capítulo, produz-se uma reflexão teórica sobre a importância da memória na arquitetura e do seu valor para o entendimento das expressões culturais da sociedade. Este capítulo será finalizado dado enfoque ao tema das fortificações da barra do tejo, no período compreendido entre o século XVI e XIX, onde se pretende compreender o valor arquitetónico e possível articulação com a cidade contemporânea.

O terceiro capítulo retrata o Forte da Trafaria como peça matricial da vila, onde são analisadas tanto as características formais e a sua história, como o território e a paisagem que o envolve.

Após a análise dos três capítulos de enquadramento conceptual e histórico, que justificam o valor do património edificado no contexto da defesa da barra do tejo, surge ainda um momento de procura por casos de estudo, no quarto capítulo. Para tal, foram considerados casos de estudo que retratam obras de arquitetura militar reintegradas na contemporaneidade e adaptadas a novos usos, assim como projetos que, pelo seu contexto formal e programático, referenciam a proposta de intervenção.

O quinto capítulo é dedicado ao desenvolvimento do projeto para o Forte da Trafaria e envolvente próxima, com o objetivo de formular hipóteses para a sua reinscrição na contemporaneidade.

Por fim surgem as considerações finais do projeto final de mestrado no sexto capítulo.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

CAPÍTULO II

CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 | A MEMÓRIA

2.1.1. UMA DEFINIÇÃO DE MEMÓRIA

Segundo a concepção Platônica, o entendimento filosófico da memória está diretamente ligado aos atos de reter e recordar, ou seja, à “*conservação de sensações e reminiscência*”¹. Assim, numa primeira instância, a memória conserva os conhecimentos passados e que posteriormente poderão ser rememorados através do ato dedutivo de recordar. À semelhança de Platão, também Aristóteles afirma que o conhecimento adquirido é vinculado à memória retida. Contudo, para que exista esse estado cognoscente, terá sempre que existir uma experiência sensorial que o complete. Segundo Hegel, mais do que uma experiência sensorial, é a representação do objeto que se quer reter que realmente tem relevância no processo da mnemis. No entanto, segundo, Bergson o conceito da memória poderá ter subjacente a ideia de autoconservação em detrimento da conservação, uma perspectiva inversa que “*não consiste na regressão do presente para o passado, mas, ao contrário, no progresso do passado ao presente*”². Ou seja, da ideia que partimos da nossa memória num “estado virtual” e que paralelamente vamos adquirindo consciência até chegamos até ao nosso corpo. À semelhança de Bergson, Halbwachs afirma que a memória se define também pela correspondência entre memória pessoal e social, «(...) *um homem que recorda sozinho aquilo que os outros não recordam, assemelha-se a alguém que vê o que os outros não veem. É como se sofresse de alucinações.*».

¹ ABBAGNANO, Nicola. in – Dicionário de filosofia, p.668.

² Idem.

Para Halbwachs, a memória é um veículo do conhecimento que só pode ser percebido como tal através da experiência vivida e da relação do indivíduo com a sociedade. Apesar de estar em constante mutação, do conceito da memória prevalece sempre a experiência sensorial, quer nas “*imagens impressas na alma*”, como afirma Aristóteles, quer de dentro do “*ventre da alma*”³, segundo a perspectiva espiritualista de Bergson e Leibniz.

Assim, entende-se o conceito de Memória como, a “*capacidade humana de conservar e de reproduzir impressões sensoriais, vivências psíquicas, imagens mentais e elaborações intelectuais*”.⁴ E como veremos nos capítulos seguintes, pela atribuição de um estatuto coletivo, ou seja, a ideia de que “*o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida.*”⁵

³ ABBAGNANO, Nicola. in – Dicionário de filosofia, p.669

⁴ Logos, Enciclopédia Volume I, p. 786.

⁵ POLLAK, Michael 1989, p.14.

2.1.2. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL

“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos, sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir”.

José Saramago (2010)

A memória no seu sentido mais lato é o ato de recordar, a capacidade que nos permite armazenar informações relativas a um determinado acontecimento para que ele mais tarde se torne *“uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”*.

Para Halbwachs, o ato individual de memorizar pressupõe a existência de um grupo referencial, através do qual o indivíduo consegue construir a sua identidade. Segundo o autor, esse grupo representa a garantia de vitalidade dos atos mnemónicos e do não-esquecimento. *“A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos”*⁶.

É a partir da rememoração individual de uma experiência coletiva que, segundo Halbwachs se estrutura o conceito de identidade social. Contudo, o processo de memória social, só decorre com a validação do próprio eco mnemónico no “outro” ou seja, para que a *“nossa memória beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.”*⁷ Assim, o conceito de identidade social como parte integrante de um memória social, corresponde também ao lugar onde estas conexões são transmitidas e assimiladas, ou seja, *“é na casa, no bairro, na escola, no ambiente de trabalho – espaços aos quais pertencemos em determinadas fases de nossas vidas – que lembranças determinantes de nossa existência foram geradas”*⁸.

⁶ NORA, Pierre 1993, p. 09.

⁷ POLLAK, Michael 1989, p. 03-04.

⁸ HALBWACHS, Maurice – A Memória Coletiva. 1990, p.348.

2.1.3. MEMÓRIA E ARQUITECTURA

Se por um lado, entendermos que a memória se constrói com base na raiz da experiência e que são as “imagens impressas na alma”⁹ que garantem o nosso desenvolvimento individual enquanto “ser” coletivo, por outro, a arquitetura representa a ascensão da memória, o expoente máximo das sensações que devem ser para sempre retidas. *“A arquitetura enquanto obra do Homem, concede significado e por isso beleza e memória à vida.”*¹⁰

Segundo Ruskin, a arquitetura deve ao passado a afirmação no presente, onde o ato mnemónico de recordar garante o entendimento da arquitetura nas sociedades futuras.

*“Podemos viver sem a arquitetura, mas sem ela não podemos recordar”*¹¹.

Segundo Peter Eisenman, a visão de Ruskin sobre o conceito da cultura tradicional, alicerçada num princípio ético e estético universal, não existe mais. Eisenman, estabelece que a *“atualidade não pode ser mais definida por convicções, não existe uma verdade absoluta e universal, estas mudam ao longo da história, assentes nas alterações e percepção do mundo físico, e das implicações profundas ao nível da moralidade”*¹².

Assim, entende-se que são os valores entre história, memória e arquitetura que enquadram a problemática de disrupção entre continuidade e oposição na contemporaneidade.

¹⁰ RUSKIN, John cit. por LOURO, Margarida, 2016, p.

¹¹ RUSKIN cit. por CHOAY, Françoise 2011, p. 158.

¹² LOURO, Margarida, Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo, p.32.

Consubstanciando a ideia de que a arquitetura, e particularmente a arquitetura da cidade, é um instrumento da memória, Aldo Rossi afirma que *“a própria cidade é a memória colectiva dos povos; e como a memória está ligada a fatos e lugares, a cidade é o “locus” da memória coletiva...”*¹³.

Segundo Montaner, Aldo Rossi considera *“a crítica e a história como instrumentos de projecto, e a arquitectura como um processo de conhecimento.”*¹⁴ Ou seja, recusa separar a teoria da realidade.

A visão holística de Rossi sobre a arquitetura, reflete-se na sua concepção de cidade, na qual a experiência invoca o espírito da memória coletiva como razão necessária para a concepção arquitetónica. Para Rossi, o “eu” coletivo *“parece constituir a origem ou fim da cidade.”*¹⁵

Para Norberg-Sculz, *“O lugar é a concreta manifestação do habitar humano”*¹⁶, ou seja, é na relação que o Homem estabelece com o lugar que a arquitetura se revela e se afirma. Nesse sentido o lugar enquanto espaço de encontro de acontecimentos e fluxos, está em permanente mudança e carrega em si os vários momentos da sua história e das histórias dos que vivem esse lugar.

*“...todos os lugares são assim, com camadas sucessivas de história, é por isso que a arquitetura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.”*¹⁷

Assim, se a arquitetura deve à memória o sentido de existência, enquanto suporte efêmero da identidade do Homem, é na relação de experiência com o lugar que se define a consciência pela preservação do passado e a formulação de um sentido que possa assegurar também no presente, um futuro.

¹³ ROSSI, Aldo 2001, p. 127.

¹⁴ Montaner, Josep, 2000, p. 168.

¹⁵ Idem.

¹⁶ SCHULZ, Norberg, p.21.

¹⁷ SILVA, João Gomes da Cit. por CANELAS, Lucinda in A arquitetura lida sempre com a memória, porque um lugar nunca é de um tempo só, 2015.

2.2 | O LEGADO MILITAR

AS FORTIFICAÇÕES DA BARRA DO TEJO XVI-XIX

2.2.1. A FORTIFICAÇÃO DE TRANSIÇÃO



01. Paço Real da Ribeira, antes da sua destruição no Terramoto de Lisboa de 1755

A partir do século XV, com a evolução da “artilharia pirobalística”, as fortificações passam por um período de revisão. As estruturas militares do século XIV são reforçadas e adaptadas aos desígnios mais vanguardistas das fortificações modernas.

Segundo Barroca¹⁸, este período de transição pode ser analisado em duas fases. A primeira, compreendida entre a regência de D. Joao II (1481-95) até ao primeiro período do reinado de D. Manuel (1508-1510), na qual as fortificações medievais vão sendo sucessivamente adaptadas e apetrechadas com o poder de fogo da época. E numa segunda fase, compreendida entre o reinado de D. Manuel I até ao fim do século XVI, na qual se procura repensar a matriz medieval das estruturas preexistentes e erigir novas fortificações abaluartadas. Como afirma Nunes¹⁹, o paço da ribeira das naus, construído em de 1520 da autoria de Diogo Arruda, marca o início das fortificações abaluartadas e a fase final das fortificações medievais.

“A discussão sobre a utilização dos vários tipos de baluarte, desde os redondos colocados nos ângulos do polígono e destinados a flanquearem e a protegerem as cortinas do mesmo, até aos pentagonais, decorreu em Itália durante as duas primeiras décadas do século XVI e refletiram-se em Portugal nos reinados de D. Manuel e de D. João III”.²⁰

A influência da “Escola de fortificação italiana”, do século XV, acabaria também por definir o rumo das fortificações em Portugal no século XVI, que através de “tratados e gravuras que circulavam por toda a Europa, nomeadamente no “Trattato di Architettura Civilli e

¹⁸ BARROCA, Mário Jorge – Op. Cit., 2001, p.97.

¹⁹ NUNES, António - Dicionário de Arquitectura Militar, 2005, p. 146.

²⁰ NOÉ, Paula - Guia das Fortificações Medievais e Modernas, 2015, p.16.

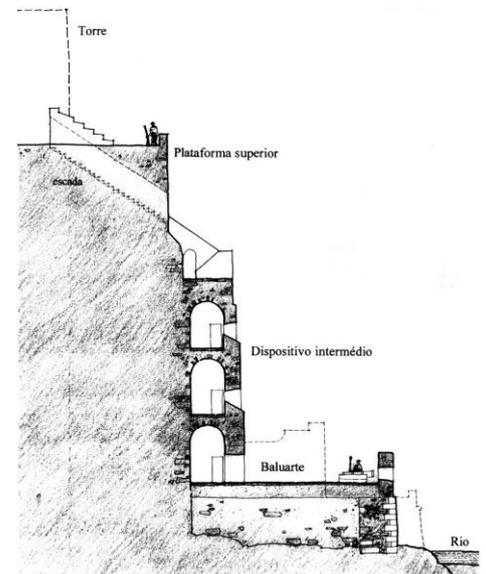
Militare”, de Francesco di Giorgio Martini, de 1492.”²¹ deu origem às fortificações modernas em Portugal.

Ainda numa primeira fase, D. João II dá início a um plano de defesa que integrava várias fortificações ao longo da costa, que permitiu consolidar e defender a barra do tejo dos invasores e controlar os ataques e desembarques pelo rio. *“Um conceito de estratégia global – fronteiriça, marítima e ultramarina – intransigente posta ao serviço dos objetivos essenciais da segurança nacional: na contenção das cobiças espanholas, na consolidação do domínio costeiro contra pretensões inglesas ou francesas e no controle do Atlântico Sul como área de influência exclusiva.”*²²

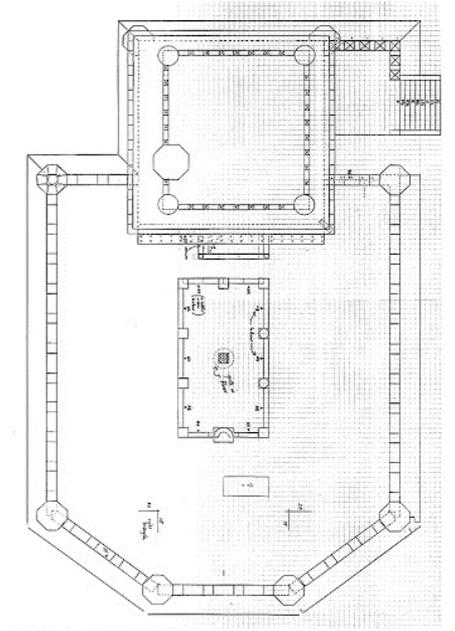
Durante este período, são construídas para defesa da barra do tejo outras obras de transição de arquitetura medieval e moderna. É o caso da torre velha de Porto Brandão, na Caparica, e a torre de Cascais. Ambas erigidas em 1488, conjugavam o poder de fogo com a defesa móvel no rio.²³

Posteriormente, surgem também outras obras de carácter ímpar na arquitetura militar. A torre de belém (1515 -1519), da autoria de Francisco de Arruda, reflete o expoente máximo das fortificações medievais preexistentes e assume-se como primeiro exemplar da arquitetura militar moderna.

Segundo Noé²⁴, o Baluarte de S. Vicente representa várias influências da arquitetura abaluartada do século XV, expressas no tratado de Francesco di Giorgio Martini. *“A plataforma baixa, virada ao mar e em talude, foi rasgada num plano intermédio por canhoneiras retangulares e, ladeando o portal para o defender, permitem o tiro rasante à linha de água; ao centro possui um pátio retangular sem cobertura, com o qual comunicam todas as câmaras de tiro, permitindo o rápido escoamento dos fumos. O remate superior do baluarte é mais decorativo do que funcional”.*²⁵



02. Torre Velha da Caparica - Corte Transversal



03. Planta da Torre de Belém ou Baluarte de São Vicente, Lisboa, 1520, Francisco de Arruda..

²¹ Idem.

²² MOREIRA, Rafael – A época Manuelina in AAVV, Portugal no Mundo: História das Fortificações Portuguesas no Mundo.1989, p.99.

²³ Sistema Composto por navios ancorados na baía de Cascais com um galeão a meio do Tejo que contribuía para a sua interdição.

²⁴ MOREIRA, Rafael – A época Manuelina in AAVV, Portugal no Mundo: História das Fortificações Portuguesas no Mundo.1989, p.105.

²⁵ Idem.

2.2.2. AS FORTIFICAÇÕES MODERNAS NA BARRA DO TEJO



04. Forte do Forte São Julião da Barra, Carcavelos, 2018

O contexto militar deste período fica marcado pela construção de várias fortificações na barra do Tejo e pela introdução do baluarte como sistema defensivo. A fortificação moderna, surge de um processo de sistematização das fortificações de transição do século XV, que se prolonga até à segunda metade do século XVII.

No início do século XVI, o traçado abaluartado já representava o sistema defensivo preferencial em Portugal. *“Devido à inexistência de condicionantes geológicas do solo, e, preferencialmente pentagonal, por ser a forma que melhor elimina os ângulos mortos de defesa, permite que todo o espaço exterior ao reparo pudesse ser atingido pela artilharia da praça; mais tarde, quando o alcance das peças de artilharia aumenta, o baluarte permite ainda a defesa mútua de diferentes fortificações. O ângulo do flanco com a cortina foi tema de discussão entre as várias escolas de fortificação: inicialmente, o flanco era perpendicular à cortina, segundo a Escola Italiana, mas depois passa a ser oblíquo, segundo diferentes ângulos, com o objetivo de aumentar a sua eficiência defensiva”.*²⁶

No contexto da implantação das fortificações modernas em Portugal, o ensino dos sistemas fortificados assume, na segunda metade do século XVI, um papel preponderante na evolução da arquitetura militar. Miguel de Arruda é nomeado *“Mestre de obras de fortificação do Reino, logares d’Além e Índia”*²⁷ e passa a integrar o plano de D. João III para o reforço da defesa da barra do Tejo. Em 1552, o arquiteto inicia o estudo para a primeira fortaleza de traçado abaluartado, o Forte de São Julião da Barra, em Oeiras. Se por um lado o baluarte se define como sistema primário de defesa, por outro, surgem estruturas complementares que lhe conferem o sentido de unidade necessário na defesa conjunta da barra do Tejo. *“As fortificações apresentam várias outras estruturas compondo o recinto principal, como o meio baluarte, a tenalha, o redente, a falsa braga*

²⁶ NOÉ, Paula - Guia das Fortificações Medievais e Modernas, 2015, p.27.

²⁷Idem.

*e a bateria, que se adaptam ao terreno e se articulam consoante a importância do local a defender*²⁸.

2.2.3. A INVASÃO ESPANHOLA

Após a morte do cardeal D. Henrique, em 1580, as tropas castelhanas invadem Portugal sobre o comando de D. Filipe II de Espanha, posteriormente D. Filipe I de Portugal. Durante este período, assistimos a uma mudança de paradigma, as fortificações no interior perdem a importância estratégica e o foco das operações militares centra-se na defesa marítima.

A preocupação com a invasão dos corsários ingleses por mar, assume-se uma das prioridades de D. Filipe I que, durante o seu reinado, reforça o ensino da *“arte de bem fortificar”*²⁹. Segundo Noé, dá-se início no paço da ribeira à *“Aula do Risco”*³⁰, sob a alçada do arquiteto militar Filipo Terzi. Nesse período, assistimos também à chegada a Lisboa de vários engenheiros militares italianos³¹, que integram o plano de D. Filipe I para a construção de várias fortificações de norte a sul do país.

Numa primeira fase, entre 1589 e 1593, D. Filipe I procura reforçar as estruturas existentes em Lisboa e em Setúbal e estudar o território com a vista à implantação de novas fortificações marítimas na barra do Tejo.

Giovanni Vincenzo Casale é nomeado, por *“el rei”*, responsável pela conceção de um plano para a defesa da barra do Tejo que é iniciado com a edificação da fortaleza de São Lourenço (Bugio). Esta construção, permitia-lhe criar um sistema de defesa conjunto com o forte de S. Julião da Barra e a fortaleza da Luz, em Cascais.

Na mesma época, surgem também algumas obras militares na margem sul do Tejo, como o fortim da Banática. Contudo, a distância entre margens e o poder de alcance, dificultava a articulação com as fortificações da margem norte, relevando para segundo plano a sua afirmação no contexto militar do século XVI

²⁸ NOÉ, Paula - Guia das Fortificações Medievais e Modernas, 2015, p.40.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

³¹ Eng.º Turriano, Eng.º Giovanni Vincenzo Casale, Eng.º Giacomino Palearo ou Capitão Fratino, Eng.º Alexandre Massay, Eng.º João Baptista Spanochi.

2.2.4. A RESTAURAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

À semelhança de D. Filipe I, também D. João IV dá continuidade aos estudos sobre as fortificações da barra do Tejo. Durante o seu reinado foram construídas várias escolas que proliferaram o ensino militar para além do Paço da Ribeira e aprofundados os conhecimentos das ciências e da matemática, aplicados à arquitetura militar. Com o objetivo de auxiliar na tomada de decisões sobre a defesa marítima e na construção de novas fortificações, D. João IV estabelece o primeiro conselho de guerra a 11 de dezembro de 1640 e assume medidas mais interventivas na defesa da barra do Tejo. Numa primeira fase chama vários engenheiros da escola francesa e holandesa, na tentativa de se prevenir contra uma nova invasão dos castelhanos, e reforça todas as fortificações marítimas e terrestres.

Durante este período, a pedido do rei D. António Luís de Meneses, conde de Cantanhede e governador da praça de Cascais, elabora um plano para o reforço e construção de várias fortificações, das quais se destacam a ampliação da fortaleza da Luz, a ampliação do forte de São Julião da Barra e a conclusão dos trabalhos no forte de São Lourenço (Bugio), em 1657. O plano contemplava também a construção de 48 pequenos fortes que deveriam ser dispostos estrategicamente por toda a linha de costa com a função de auxiliar as três principais praças de guerra: o Forte da Nossa Senhora da Luz, em Cascais; o Forte de São Julião da Barra; e por último, a praça que se estendia desde Algés a Belém, apoiada pela Torre de São Vicente.

Na margem norte do Tejo era visível o *“típico de um conceito de defesa escalonado”*³², com a construção complementar dos fortes de São João de Oitavos, Santa Marta, São Bruno e o forte de São João das Maias. Enquanto que na margem sul do Tejo, foram construídos também os fortes da Trafaria, Pipa, Vigia, e o de Santa Luzia, em Cacilhas. *“As praças de Cascais e a de São Julião da Barra, eram essenciais na defesa dos acessos à capital, e, a Sul, as de Sesimbra e de Setúbal, contribuíam para impedir o acesso terrestre à margem esquerda do Tejo”*.³³

³² NOÉ, Paula - Guia das Fortificações Medievais e Modernas, 2015, p.24.

³³ idem

2.2.5. A GUERRA DOS SETE ANOS

Ao longo do século XVII e início do XVIII, a defesa da barra do tejo continuou a ser gradualmente apetrechada, devido à constante ameaça dos corsários ingleses. Também neste contexto, a margem sul vê reforçado o seu aparelho militar com a implantação do forte da Raposeira e Alpena. *“As fortalezas da margem sul têm na sua história militar aparentemente um papel secundário. No entanto, mesmo quando não as encontramos directamente envolvidas nos grandes conflitos, a sua existência não deixou de influenciar indirecta, mas seguramente o curso dos movimentos militares.”*³⁴

O contexto da guerra dos sete anos marca, uma vez mais, o início de um período de construção de novas fortificações e a melhoria das existentes. Antevendo a invasão das armadas Espanhola e Francesa, D. José I interpela os aliados ingleses por auxílio. Pedido esse que acabaria por chegar na pessoa do Conde de Lippe, e de outros engenheiros militares ingleses.

Foi com base no plano do Conde de Lippe que se procurou reformular a estratégia e as táticas até então utilizadas. Para tal, foram construídas as Baterias³⁵ da Galé, Alta e da Crismina, e também o forte de Catalazete, no guincho, que objetivamente deveriam articular-se com as praças de guerra mais importantes.

“A nível construtivo estas pequenas estruturas fortificadas eram definidas “pela justaposição de dois corpos de planta retangular: a bateria, de três faces, e os alojamentos (quartéis, armazéns, paiol, casa da palamenta, etc.), na retaguarda daquela. Quanto ao poder de fogo, a sua capacidade variava entre as quatro e as oito peças, albergando os quartéis, pequenos contingentes de artilharia e infantaria (quatro a doze homens)”.³⁶

³⁴ SOUSA R. H. in Fortalezas de Almada e seu Termo, 1985, p.10.

³⁵ Plataforma, geralmente coberta, onde é disposto um certo número de bocas de fogo de artilharia. Pode ser abobadada (casamata), tipo barbata ou ter qualquer outra estrutura.

³⁶ BOIÇA, Joaquim Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; RAMALHO, Margarida de Magalhães - Op. Cit., 2001.

2.2.6. AS FORTIFICAÇÕES DA BARRA DO TEJO NO CONTEXTO DAS INVASÕES FRANCESAS



05. Ilustração da invasão francesa no dia 11 de julho de 1831.

A primeira referência às fortificações da barra do tejo do século XIX, surge do contexto das invasões de 1780, em França. O Risco eminente de uma invasão levou a que fosse construído durante este período o maior sistema fortificado em Portugal – as linhas de torres. Este sistema era composto por quatro linhas de defesa – terrestres e marítimas, suportado por 152 fortificações. Na barra do tejo, o sistema era representado por uma linha defensiva na margem norte, em torno do forte de São Julião da Barra, com o objetivo de facilitar a fuga das tropas inglesas, caso as linhas restantes fossem tomadas. Na margem sul, surge uma quarta linha defensiva que circundava a península de Setúbal e impedia os acessos e desembarques por mar.

Este período ficaria marcado também pela consumação da entrada forçada na barra do tejo pela esquadra francesa, do general Roussin³⁷. As debilidades da armada portuguesa tornar-se-iam visíveis em plena guerra entre liberais e absolutistas. Ainda que a fortaleza de São Lourenço (Bugio) tentasse retaliar sob o Suffren³⁸ francês, as tropas francesas veriam consumado o intento no dia 11 de julho de 1831. Como relata a 8 de julho, o governador do Bugio, Major João francisco de Matos, *“Unicamente tenho guarnição para uma só peça; e juntamente tenho um preso de Estado, e trinta e quatro bocas de fogo, achando-se a Torre em um total abandono...”*³⁹.

Durante o Período da Guerra Civil Portuguesa (1832-1834), foram realizadas obras de reparação nas principais fortificações da barra do tejo. Ainda sob influência Miguelista, foram aproveitadas algumas das linhas defensivas utilizadas durante as invasões francesas. A margem sul foi também reforçada, como a construção do reduto da raposeira e o forte da Vigia. Já na margem norte, são iniciados os trabalhos para erigir o forte Novo, em cascais, na tentativa de emboscar D. Pedro IV.

³⁷ROUSSIN, Albin Pierre, Roussin (1781-1854)

³⁸ Navio de Guerra das invasões francesas, utilizado no dia 11 de julho de 1831 em Portugal.

³⁹ SOUSA R. H. in Fortalezas de Almada e seu Termo, 1985, p.34.

2.2.7. O INÍCIO DO FIM DE UMA ERA FORTIFICADA

Após um longo período de invasões em Portugal, o avanço tecnológico da artilharia não se refletia na maioria das fortalezas em Portugal. No final do século XIX, muitas eram as fortificações obsoletas e desguarnecidas. *“Os progressos da artilharia de costa na segunda metade do século XIX, particularmente no que respeita ao alcance de tiro, tornavam Lisboa vulnerável ao fogo de navios que atiravam de fora da barra. Desta forma, as fortalezas dentro do estuário do tejo não tinham já utilidade para a defesa da barra”*.⁴⁰

Entre 1857 e 1876, foi instaurado o primeiro concelho de guerra que debateu sobre a defesa do território. Primeiramente, sob o comando do Marques Sá da Bandeira, com a reformulação dos sistemas de linhas defensivas tendo por base o da “linha de Torres”. E, posteriormente, sob o comando de Sanches Osório, que procurou reforçar as linhas defensivas do início do século XIX com a integração de novas fortificações entre 1874 – 1893: o Forte do Alto do Duque, o Forte do Bom Sucesso e o Forte da Ameixoeira.

Apesar dos esforços para integrar as fortificações da barra do tejo no contexto da nova modernidade, surge, na transição do século XIX para o século XX, uma nova abordagem à sua reinscrição. O Campo Entrincheirado de Lisboa, que irá assumir-se como nova estratégia defensiva, pelo poder de fogo renovado das novas baterias de costa na margem sul do tejo e pela definição de novos setores estratégicos na margem norte.

⁴⁰ CALLIXTO, Carlos Pereira - Fortificações da Praça de Cascais a ocidente da Vila. Sep. Revista Militar, Lisboa: s.n., 1980.



MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

CAPÍTULO III

DO LUGAR AO TERRITÓRIO

*“Minha mãe, haverá mundo para além da Trafaria?
Não sei, meu filho. Não sei.”*

António Gedeão

3.1 | A ORIGEM

O FORTE DA TRAFARIA

A origem e o desenvolvimento da vila da Trafaria ficarão para sempre associados à imagem e presença do Presídio-Lazareto, que durante as suas várias funções, integrou a memória matricial deste lugar.

Erigido no final do século XVI, pelo cardeal D. Henrique, o Forte da Trafaria começou, no dia 7 de agosto de 1565, a cumprir a sua função como lazareto, para muitos o último destino antes de aportar na capital. *“Sitio afastado e despovoado, mas de acesso fluvial relativamente rápido e fácil, o local era de facto conveniente para tal instalação, conjugando o clima saudável, soalheiro e arejado com as brisas marítimas e os bons ares do vale do ribeiro”*.⁴¹

Entre o ano de 1667/68, o impedimento⁴² no cabo extremo do tejo via atingida a lotação máxima. Como gesto apaziguador do desespero dos quarentenários, foi edificada uma ermida no interior do complexo – **Ermida da Nossa Senhora da Saúde**.

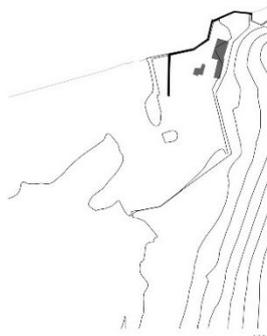
O lazareto da Trafaria, até então dedicado à contenção de *“pessoas e mercadorias Impedidas de maldades”*⁴³, surge no contexto da defesa marítima da barra do tejo somente em 1683, no reinado de D. Pedro II.

A designação de lazareto ficaria, no início do século XVIII, sobejamente conhecida e associada às maleitas de quem pretendia desembarcar em Lisboa. Em 1702, este conjunto edificado, reunia cinco funções:

Sanitária, Aduaneira, Fiscal, Religiosa e Militar

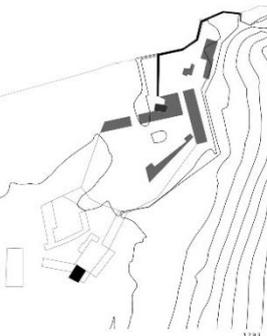
1683 - Construção da Bateria de Tiro

—SÉC XVI



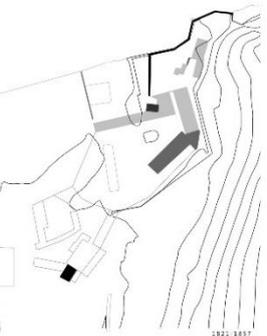
1721 - Lazareto e Fortificação Marítima

—SÉC XVIII



1815 - Cessou funções de Lazareto

—SÉC XIX



1830 - Obras de Ampliação e reconversão em Presídio

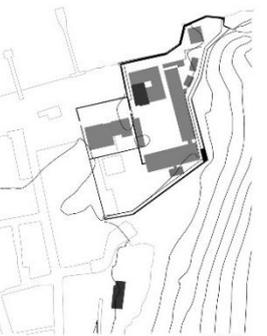
1833 - Presídio e Fortificação Marítima

1840 - Posto de Saúde e Fiscalização Alfandegária

1879 - Abrigo das Galeotas Reais

1908|09 - Presídio Militar

—SÉC XX



1926-45 - Presídio do Estado Novo

1989 - Devoluto

06. Esquema da Evolução Histórica e Funcional do Forte da Trafaria

⁴¹ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.09

⁴² Impedimento: Expressão utilizada para definir o lazareto da Trafaria.

⁴³ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.36

No primeiro quartel do século XVIII, o lazareto da Trafaria via uma vez mais serem alcançados os máximos de efetivo populacional, o que propiciou a emissão de um decreto Real para a ampliação do complexo existente.

A autorização para a reestruturação do edifício chegou no ano de 1721, onde constavam indicações para a edificação de um muro que circundasse o recinto, a construção de um novo armazém para as “fazendas impedidas”⁴⁴ e a tomada administrativa das habitações contíguas, para alojamento dos trabalhadores. “(...) mandar tomar umas quatro ou cinco moradas de casas que algumas pessoas edificaram, inconscientemente, tão junto ao muro do dito lazareto que não podem deixar de ter comunicação com os que vão beneficiar as fazendas, e, alargando-se mais os muros dele, ficarão dentro, e não perderão as suas casas que racionalmente se haviam de demolir”.⁴⁵

Além das exigências de “el rei”, finalizadas em 1743, com as obras da autoria do Sargento/ Engenheiro Carlos Mardel, o interior do complexo contou com a construção de uma enfermaria. Em 1751 o lazareto funcionava em pleno como presídio-lazareto, albergando os condenados convalescentes que aguardavam deportação.

No decorrer do século XVIII, o contexto militar português ainda não antevia a importância que esta fortificação teria na defesa da barra do tejo. Contudo, em 1796 o regimento do conde de Lippe era destacado para o presídio, na tentativa de acautelar um possível ataque das esquadras francesas aos portos da capital.

Se por um lado a função prisional era fundamental e integrava no presídio não só os sentenciados a degredo como os prisioneiros franceses, a dupla função (presídio-lazareto) revelar-se-ia no início do século incomportável. No dia 22 de outubro de 1815, por falta de serviços sanitários, o lazareto da Trafaria via as suas funções serem transferidas para a Torre de S. Sebastião, no atual porto brandão (Caparica). Em 1819/22, os edifícios que tinham servido de lazareto foram desativados, permanecendo assim até ao período da guerra civil.



07. Fotografia do Interior de uma das celas do presídio da Trafaria, 2019.

⁴⁴ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.45

⁴⁵ Tomo IX, (1896), pp. 168-171

O forte da Trafaria marcaria também o contexto militar português do século XIX. Uma vez que, em 1829, muitos eram os “*crimes de estado e delitos de opinião punidos com o degredo*”⁴⁶, onde cada vez mais as instalações do forte, deixadas ao abandono, pareciam a solução para alguns dissidentes.

Em 1830 foram efetuadas as primeiras obras de recuperação do presídio⁴⁷, com o objetivo de uma nova ativação militar. A 4 de julho desse mesmo ano, Alexandre de Lemos fica responsável pelo comando do presídio que, apesar da escassa guarnição, manteve as canhoeriras na antiga bateria com a esperança de um dia fazer abrir fogo sobre o inimigo. No dia 11 de julho de 1830, esse momento histórico acabaria por chegar, registando-se a a entrada de uma esquadra francesa na barra no tejo.

*“ Na bateria do meu comando se fez frente na tarde de 11 do corrente à esquadra francesa com 5 peças que nela se acham montadas e com os poucos Artilheiros que nela havia, visto terem vergonhosamente fugido o pequeno numero de ordenanças que se apresentou nesta Bateria, toda aquela Resistência que foi possível tendo-se feito 47 tiros de bala rasa(...) Tendo sofrido algumas ruínas o parapeito da bateria, os muros do Presídio e em diferentes casas da povoação, assim como um grande rombo no meu quartel do presídio”.*⁴⁸

A resposta pronta do forte da Trafaria, viria a constatar simultaneamente a importância deste tipo de fortificação junto à barra do tejo e a sua vulnerabilidade, sendo que, nesse mesmo ano, foram realizadas as obras de reparação da bateria de tiro, assim como a reposição de treze posições de fogo e a construção de novas baterias na raposeira e torrão.

⁴⁶ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.87

⁴⁷ Durante a inspeção realizada com vista à sua recuperação o estado de degradação da fortaleza era preocupante – Peças de Artilharia inoperacionais, Paiol subterrâneo, armazéns e quarteis parcial/totalmente destruído pelas intempéries.

⁴⁸ Biblioteca Central da Marinha, 2020, Cota – Cx11057 – 1831.

Em 1832, uma epidemia de cólera *morbis* assolou a população da capital e a Trafaria não foi exceção. Sem conseguir dar uma resposta eficaz aos infetados, muitos dos sentenciados no presídio acabariam por sair em liberdade com um perdão régio.

Com o fim da guerra civil, os edifícios do forte ficaram sem função atribuída e deram lugar a um “posto de saúde” e a um “posto de fiscalização da alfândega grande de lisboa”. Serviços estes, que, se mantiveram em atividade até ao fim do século XIX.

No início do século XX, a marinha apresentou planos para aquele que viria a ser um presídio militar naval, reabilitando algumas construções existentes, que hoje se reconhecem como peças matriciais do conjunto militar. De salientar, o percurso de ronda e o edifício da ala prisional. Contudo, estes planos apenas viriam a ser realizados já no reinado de D. Manuel II, entre 1908 e 1909, após a desocupação do conjunto edificado.

Até 1926, o forte da Trafaria espelhava a inconstância do regime. Políticos, militares e civis eram regularmente inquiridos e detidos. Com a queda do regime, o Presídio viria a cessar funções no ano de 1989.

Atualmente, o Forte da Trafaria espelha a identidade adormecida de uma cultura que o homem não quis reconhecer e que desde a sua origem se inscreveu na memória da vila como símbolo coletivo deste lugar.



3.2 | A TRAFARIA

TERRITÓRIO E IDENTIDADE

“O sítio é um pressuposto. Não existe o sítio. O sítio é um instrumento. É impossível fazer casas sem ter um lápis, e ter casas sem ter um sítio. E o sítio é aquilo que se quer que ele seja. Tentou-se ‘vender’ o sítio como entidade objectiva, com frases como: ‘A solução está no sítio’. A solução está na cabeça das pessoas. O Leonardo da Vinci dizia: ‘A Arte é uma coisa mental’. O sítio é coisa mental. Portanto, o sítio é tão importante quanto as outras coisas que intervêm no projecto.”⁴⁹

É entre o rio e as colinas, num vale que desagua no tejo, que a Vila da Trafaria constrói a sua memória matricial. A sua origem, remete-nos para a colina de Murfacém como pequeno povoamento, mas é junto ao rio que este território se desenvolve, com a implantação de um lazareto junto à margem do tejo. *“Sitio afastado e despovoado, mas de acesso fluvial relativamente rápido e fácil, o local era de facto conveniente para tal instalação, conjugando o clima saudável, soalheiro e arejado com as brisas marítimas e os bons ares do vale do ribeiro”⁵⁰.*



08. Mapa da Localização do Território da Trafaria e de Murfacém

⁴⁹ SIZA, Álvaro, in <https://www.rtp.pt/play/p6388/arquitecto-de-sonhos>, 2019.

⁵⁰ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.10

3.2.1. A PESCA – OFÍCIO E SACRIFÍCIO



09. Ilustração Portuguesa - "Um pescador da Trafaria, 1919.

Até ao início do século XVIII o setor da pesca nunca se apresentou como alternativa comercial para a população da Trafaria, ainda que pudesse existir pontualmente como meio de subsistência. Na realidade, todas as atividades económicas aconteciam entorno do lazareto e da agricultura.

*"A Trafaria, sítio de trânsito para Lisboa, não era nesses anos, um local identificado com a pesca nem com pescadores."*⁵¹

Contudo, no fim do século XVII este era um território que se caracterizava por *"convidar a aventuras piscatórias"*⁵², onde a abundância do pescado surgia cada vez mais como alternativa à prática da agricultura. Apercebendo-se desta possibilidade de comércio, *"as gentes de fora, nomeadamente de Ílhavo"*⁵³, viajam até à Trafaria na tentativa de se estabelecerem na atividade piscatória. Primeiramente, de forma sazonal e, numa fase posterior, permanentemente.

Em 1735 *"assistimos à primeira forma de mutualismo e comunidade social na Trafaria"*⁵⁴ com a criação da primeira confraria dos pescadores, que procurava dar resposta aos problemas dos mais necessitados do grupo, nomeadamente nos cuidados de saúde. Também através desta coletividade, foi possível ainda no século XVIII erigir duas ermidas na Trafaria, primeiramente a de Nossa Senhora da Saúde (no lazareto) e, após o seu encerramento, a Ermida de Nossa Senhora de Conceição.

*"(...) a pesca tornava-se então uma atividade importante na economia da Trafaria, estabelecendo-se uma ligação funcional muito forte com a costa de Caparica" uma vez que era efetuada nas praias da costa (...) e embora fosse ainda um porto em crescimento a Trafaria, "começava a adquirir características de centralidade social".*⁵⁵

⁵¹ LEAL, Carlos Barradas, *Outrafaria*, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.31

⁵² Idem, p.59

⁵³ Idem, p.62

⁵⁴ Idem, p.67

⁵⁵ Idem, p.61

Em meados do século XIX, a Trafaria adquiria o estatuto de *“principal porto de pesca na margem sul”*⁵⁶ promovendo o crescimento exponencial da atividade e a construção de instalações de suporte à atividade como a sociedade de Pescarias Lisbonense, no Forte da Trafaria, e a criação de indústrias de conserva de peixe. Durante o século XX a Trafaria e Costa de Caparica surgem referenciadas como estâncias balneares por excelência, o sector das pescas começa a perder notoriedade e assiste-se ao crescimento da atividade turística no território.

⁵⁶ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.68

3.2.2. RIO, CULTURA E ARTE**10.** Praia da Trafaria, 1911.

“A estadia de figuras públicas na Trafaria conferia visibilidade à moda dos banhos de mar, contribuindo para que a localidade se tornasse um Pólo de atração para os estratos urbanos, que nos tempos de verão procuravam um estilo de vida que lhes permitisse sair do ritmo ao qual estavam habituados durante o resto do ano”⁵⁷.

A deslocação da aristocracia à praia das pescarias da Costa deu a conhecer o território da costa de Caparica e da Trafaria à capital, que aguçados de curiosidade e a “pretexto de ver pescar”, se deslocavam também às praias da margem sul para se divertirem.

No entanto, ainda que as divulgações das virtuosidades terapêuticas da água fossem sendo descritas, na literatura do século XIX, a falta de condições infraestruturais encontrada na frente ribeirinha e na vila não permitia a sua expansão. Só em 1886 surgem as primeiras obras de infraestruturização que permitem o acesso à frente ribeirinha.

“A Trafaria (...) seria a praia mais frequentada para banhos nos arredores da capital, se por ventura tivesse comodidades que em outros sítios encontram os banhistas, população eventual (...) Há grande falta e é sensível, de iluminação pública. (...). É necessário tratar da limpeza das ruas, que não abona, quando mal feira e descurada, a salubridade que se procura fora da capital”⁵⁸ E em 1890, onde assistimos à “drenagem e florestação dos charcos do juncal, facilitando o acesso à orla marítima. (...) passando a ser muito mais praticável o eixo de comunicação entre a Trafaria e Costa de Caparica”⁵⁹.

⁵⁷ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.110

⁵⁸ Postura Nº10, Livro de Posturas 1886 (Câmara Municipal de Almada)

⁵⁹ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.109

No início do século XX, a importância da reestruturação da frente urbana estendia-se também à reabilitação do edificado singular, nomeadamente ao nível dos equipamentos públicos.

Em 1902, a rainha D. Amélia reforça a importância da Trafaria como zona de veraneio, através da criação do “Real Gymnasio Club Portuguez”, e, em 1909, do instituto de socorro a náufragos.

A Trafaria passa a ser vista como um lugar que, fomentava a heterogeneidade cultural e como alternativa sazonal à vida na grande metrópole.

Referenciada como um novo polo social e cultural ativo, em 1901, as primeiras travessias de passageiros no tejo, entre a Trafaria e Lisboa, através da “*Parceria dos Vapores Lisbonenses*”⁶⁰ consolidam a relação com a capital. Ainda que este modelo se consubstanciasse à classe mais aristocrata da sociedade, muitas eram as iniciativas que se iam propiciando aos Trafarienses, nomeadamente, com a construção de equipamentos que dinamizaram o próprio local. De salientar a Recita criada no Salão do Antigo Presídio em 1882, o Club dos Banhistas (que mais tarde passaria a funcionar como casino) e a fundação de várias organizações e coletividades, que, ainda hoje, se encontram em funcionamento e contribuem para memória identitária deste lugar.

Contudo, se os primórdios do século XX ficariam marcados pela crescente afluência às praias da Trafaria, paralelamente, na Costa de Caparica, assiste-se a uma reformulação no ordenamento do território. Impulsionada pelo crescimento das estâncias Balneares a sul do tejo, a década de trinta traria à “A Praia do sol”, na Costa, um conjunto de estruturas de suporte à dinamização territorial, de salientar, a construção do hotel (praia do sol), a colónia de férias da FNAT, os parques de campismo e os bairros de habitação (Stº António da Caparica).

A Trafaria, não conseguindo acompanhar a progressão na costa de Caparica, inverteu drasticamente a sua tendência de crescimento face ao “território vizinho”, permanecendo assim até à atualidade.

⁶⁰ LEAL, Carlos Barradas, *Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria*, 2014, p.112

3.2.3. EXPRESSÃO DE FÉ



11. Gravura do Século XVIII – Igreja da Nossa Senhora da Conceição.

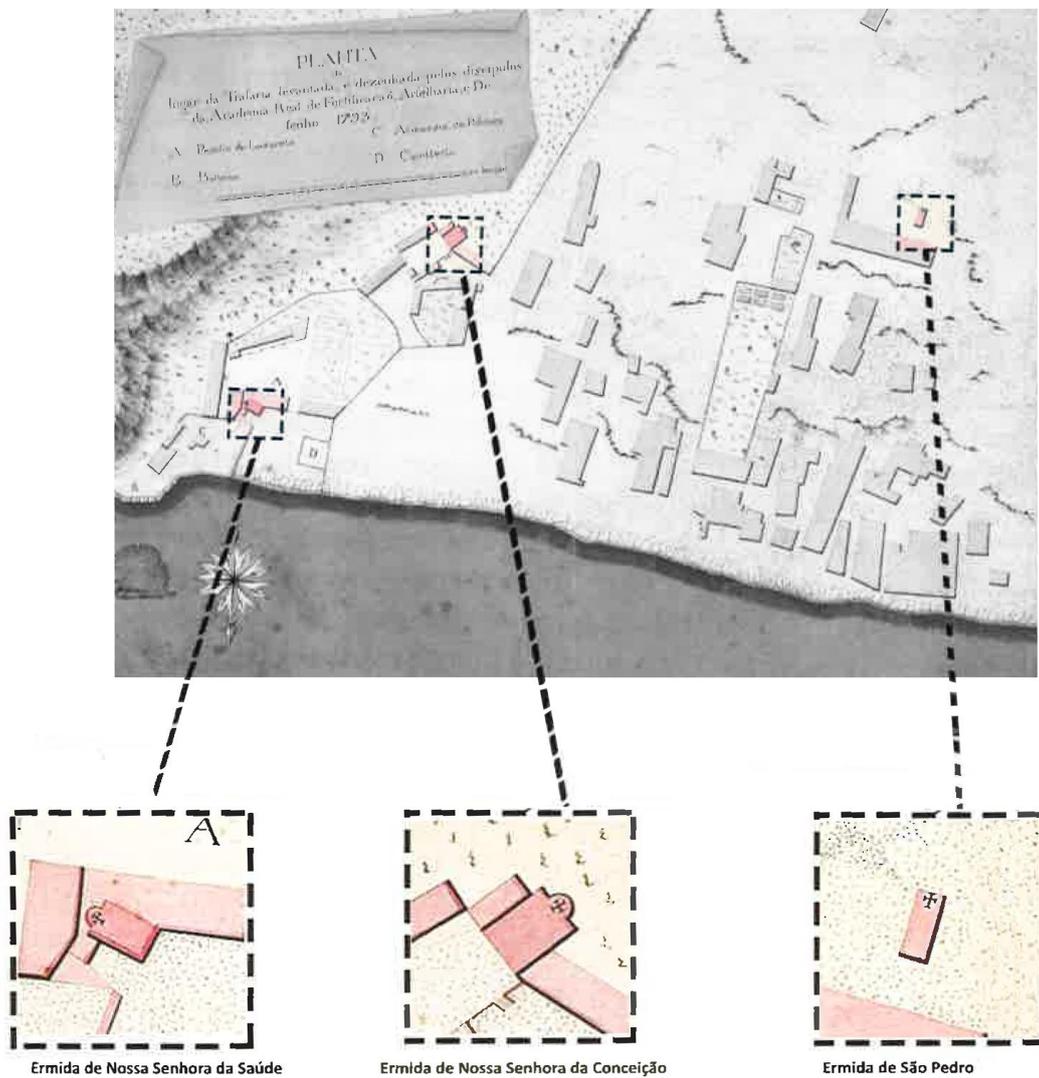
A vila da Trafaria desde sempre integrou a componente religiosa como ato matricial e identitário do próprio território, permitindo que esta dinâmica orientasse ainda hoje os mais devotos Trafarienses.

A história do património religioso da Trafaria inicia-se no século XVI, na quinta de N^a S^a do Monte do Carmo, em Murfacém, com a construção de uma ermida e termina com a construção da atual igreja de S. Pedro, já na vila da Trafaria, no século XVIII.

No Século XVII assiste-se à edificação da ermida da N^a S^a da Conceição, que, apesar de hoje não surgir clarificada no contexto urbano da vila, até à construção do muro do presídio no século XVIII, complementava as funções da ermida no lazareto.

Contudo, é a igreja da N^a S^a da Saúde no interior do presídio que ganharia mais notoriedade na história deste lugar. Edificada com o propósito de apaziguar todos os quarentenários no Século XVII, acompanhou todo o desenvolvimento do território até ao encerramento da fortificação no século XIX.

Assim, entre o século XVI e XVIII assistimos à construção de três igrejas na vila da Trafaria, N^a S^a da Saúde, N^a S^a da Conceição, S. Pedro, que foram progressivamente assumindo um carácter semipúblico e permitiram a utilização de todos os populares.



12. Localização das Ermidas da Tráfaria, nos Finais do Século XVIII

3.2.4. O CONTEXTO MILITAR NO TERRITÓRIO

“A sua estrutura natural apresenta uma topografia bastante variada, a vila da Trafaria insere-se numa enseada ladeada de por duas colinas, as quais, pelas suas qualidades morfológicas foram sendo aproveitadas ao longo do tempo como ponto estratégico de defesa do porto de Lisboa.”⁶¹

A inscrição da Trafaria no planeamento/estratégia militar, acontece no século XVII com a construção de um forte junto ao lazareto, no qual se procurava explorar a linha de fogo entre a margem norte e sul do Tejo e deste modo articular esforços com a Torre de S. Lourenço e com a Torre de S. Sebastião na proteção da Entrada da Barra do Tejo.

Com o intuito de reforçar a linha fortificada, o conde de Lippe apresenta, em 1762, a D. José I uma estratégia que consistia no alargamento da linha de fogo anteriormente apresentada, com início na vila de Almada até ao Monte da Raposeira, na qual se deveriam inscrever um conjunto de fortificações. Porém, o secretário de estado do reino acabaria por não achar necessário tal medida, não procedendo à sua implementação.

Em 1797 é criada a Brigada real da Marinha, que guarneceu o Presídio com *“(...) huma bateria que servirá ao Exército, e onde se dará as necessárias lições aos artilheiros”*.⁶²

O início do século XIX ficaria marcado pela ida de D. João VI para o Brasil, no entanto em 1808, sabe-se que terá deixado instruções para que também no Monte de Murfacém fosse erigida uma nova bateria, com o objetivo de garantir, em caso de ataque por terra, o impedimento da chegada das tropas francesas ao território, resguardando assim a sua posição de sul para norte e garantindo uma linha de visão limpa sobre a entrada da barra do Tejo.

⁶¹ SOUSA, 1981

⁶² Alvará Régio. 28 de agosto de 1797, LXXVII, in coleção da Legislação Portuguesa, 1791 a 1801 – Lisboa, Typografia Maigrense, 1828.

Com o acontecimento da entrada da esquadra francesa na barra do tejo, rapidamente houve a necessidade de implementar um sistema que conseguisse responder de forma pronta ao inimigo.

Assim, em 1814 o general Wellesley apresenta como medida alternativa o sistema defensivo, inicialmente apresentado pelo Conde de Lipe que, apesar de nunca ter sido utilizado em combate, consistia “na criação de uma linha de redutos desde a margueira até à raposeira”⁶³ dos quais cinco localizar-se-iam no território da Trafaria: o Forte do Guedes, na Quinta do Guedes, onde atualmente se localiza a Quinta de N^a S^a da Conceição, em Cova; o forte de Murfacém, orientado a poente, relativamente à Ermida de N^a S^a do Monte do Carmo; o forte da Raposeira Pequena, em Alpena, mesmo junto à arriba e ligeiramente a noroeste da raposeira grande (o único forte com fogo dirigido à defesa marítima); e o Forte da Raposeira Grande.

No ano de 1816 a Trafaria integrava uma das linhas de artilharia mais completas da defesa marítima do território português. Nesse ano muitos eram os treinos realizados na margem sul do tejo e, ainda que fossem realizados num cenário de ensaio controlado, o poder bélico destas máquinas era demonstrado com regularidade pela Real Academia de Fortificação como elemento dissuasor⁶⁴.

Durante a guerra civil, este território também viria a assumir um papel preponderante na vigia da frente ribeirinha, uma vez que D. Miguel receava um ataque dos Liberais junto à costa. Assim, em 1816, assiste-se a um novo reforço da linha de defesa da Trafaria, com a integração da bateria do Torrão, Vigia e Raposeira na linha de costa fortificada.

⁶³ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.23

⁶⁴ Direção de Infraestruturas do Exército, PT-GEAEM-4297/I a IV-3-39-54.

Comandado a partir do Presídio, este conjunto de instalações militares não viria a desempenhar as funções para as quais tinham sido concebidas, ainda que os avistamentos relatados a 20 de junho de 1832 sugerissem a sua intervenção. *“Avistamentos de 7 embarcações dos infames Rebeldes da Terceira (...) encarando todos com horror e indignação as infernais cores das bandeiras que tremulam nos navios dos Rebeldes”*.⁶⁵

No início do século XX, estas baterias de costa voltam à ribalta, integrando o Campo Entrincheirado de Lisboa. *“A Artilharia de Costa sempre se destacou na defesa costeira de Portugal, com particular importância no Campo Entrincheirado de Lisboa, que a partir dos fins do século XIX, assim como no Plano Barron em meados do século XX, viu renovado alguns dos equipamentos existentes, com materiais e armamento moderno à época”*⁶⁶.

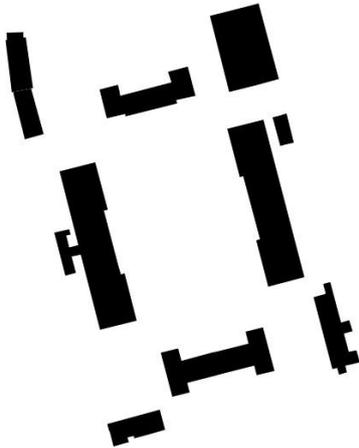
Contudo, apesar de todas as melhorias feitas no sistema fortificado, este acabaria por ser desativado no início do século XXI, uma vez que a estratégia de defesa em que se baseava o Campo Entrincheirado de Lisboa foi perdendo funções em virtude do avanço tecnológico.

⁶⁵ LEAL, Carlos Barradas, Outrafaria, CAA, JUFCT, Trafaria, 2014, p.81

⁶⁶ Berger, José 2005.

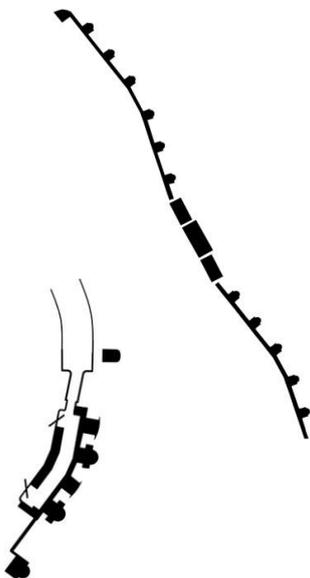
3.2.5. PATRIMÓNIO MILITAR NA TRAFARIA

O QUARTEL MILITAR DA TRAFARIA



Após o encerramento do forte da Trafaria em 1989, foi construído um quartel militar com a função de alojar os soldados que operavam nas baterias de Costa. Este equipamento militar operou até aos fins do século XX, data em que as baterias de costa deixaram de estar em funcionamento. Atualmente o quartel recebe os serviços da GNR e alguns usos administrativos relacionados com o comando militar.

BATERIAS DE ALPENA E RAPOSEIRA



No contexto da defesa da defesa marítima de Lisboa, foram implantadas no século XIX duas baterias de tiro, nos fortes de Alpena e Raposeira na Trafaria.

Numa primeira fase de construção as baterias são integradas nos fortes já existentes. Posteriormente no século XX, são reestruturadas e guarnecidas com artilharia mais moderna e equipamento de defesa antiaéreo, de salientar os canhões Krupp de 28 mm produzidos na Alemanha.

Apesar de nunca terem sido utilizadas num cenário real, estas máquinas de guerra foram utilizadas em diversos exercícios de treino militar. Após a primeira Guerra mundial e com evolução tecnológica no sector militar, este equipamento tornou-se obsoleto no contexto da defesa marítima. Atualmente estas peças de artilharia permanecem abandonadas e desguarnecidas sem uma função atribuída.

13. De cima para Baixo – Quartel Militar da Trafaria, Bateria da Alpena e Bateria da Raposeira.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

CAPÍTULO IV

CASOS DE ESTUDO

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

Os casos de estudo apresentados, surgem no contexto teórico/prático como aproximação e verificação das temáticas abordadas. Assim, foram selecionadas obras de referência que, pelo seu carácter funcional, morfológico e conceptual, se demonstrem pertinentes para a linguagem urbanística e arquitetónica que se pretende abordar.

4.1 | PROJETO | EDIFÍCIO SEDE E JARDIM DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

LOCALIZAÇÃO | LISBOA, PORTUGAL

ARQUITETO | EDIFÍCIO E SEDE: RUY D'ATHOUGUIA, ALBERTO PESSOA E PEDRO CID; JARDIM: ANTÓNIO VINA BARRETO

ANO | 1956 – 1960



14. Arquitectura e paisagem – Fundação Calouste Gulbenkian.

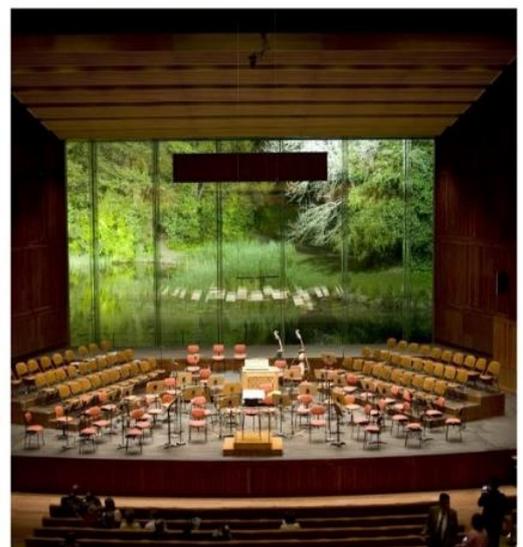
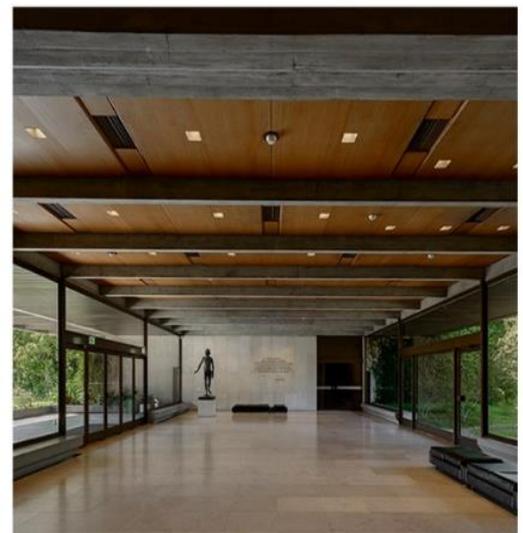
No dia 4 de abril de 1960, a Proposta dos arquitetos Ruy Athougia, Alberto Pessoa e Pedro Cid ganham o concurso para a construção do conjunto edificado da Fundação Calouste Gulbenkian.

“O conjunto da Sede, Museu e Jardim da fundação Calouste Gulbenkian é hoje reconhecido pela comunidade não só como monumento identitário, mas como lugar público de vida intensa e estimulante”.

O conjunto da Sede, Museu e auditórios articulados com o jardim projetado por Gonçalo Ribeiro Telles e António Viana Barreto é distinguido como o primeiro conjunto patrimonial arquitetónico do século XX e reconhecido como um *“Ambiente contemplativo que resulta da rigidez da composição volumétrica, conjugada com uma paradoxal maleabilidade espacial. Uma secreta disciplina, não evidente porque portadora do sentido de «ordem» suprema, impõe-se por isso com naturalidade.”*⁶⁷

O carácter singular dos volumes edificados em constante simbiose com o jardim, corresponde a uma interpretação do espaço como extensão biótica num sistema antrópico. O conjunto construído, caracterizado por uma *“insistente horizontalidade”*⁶⁸, transporta para o lugar a autenticidade do movimento moderno. Volumes platónicos em betão e vidro que interpelam a paisagem pela constante permeabilidade ao nível do embasamento e que refletem no seu interior uma organização funcional que lhes permite um constante diálogo. Salienta-se *“a posição das salas de reuniões e de congressos, nave de exposições temporárias e tratamento espacial do Museu, da Biblioteca, francamente aberta a sul com larga visão sobre o jardim”.*

A implantação dos edifícios, em constante relação com a natureza, remete para uma atmosfera que suspende o tempo num espaço que perpetua a memória da vida. Desde o corpo da Sede, que se evidencia pelo equilíbrio geométrico, ao Museu da Fundação, que se desenvolve do conceito de planta livre e na relação com os desníveis, ao Grande auditório que pela sua localização no centro do jardim, confirma a matriz de refúgio urbano do lugar e sintetiza a *“fusão entre obra de arte, arquitetura e paisagem”*⁶⁹.



15. De cima para baixo – Átrio Principal e receção, Sala de Exposições, Auditório.

⁶⁷ TOSTÕES, Ana – Fundação Calouste Gulbenkian p.10.

⁶⁸ Idem, p.12.

⁶⁹ Idem, p.05.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

4.2 | PROJETO | CONCURSO PARA O MUSEU DA RESISTÊNCIA E DA LIBERDADE

LOCALIZAÇÃO | FORTE DE PENICHE, PORTUGAL

ARQUITETO | ATELIER AR4 ARQUITETOS

ANO | 2018



16. Proposta para o Museu Nacional da Resistência e da Liberdade na Fortaleza de Peniche.

A proposta contempla a reabilitação do forte de Peniche do século XVII como Museu da Resistência e da liberdade. O projeto desenvolve-se com base no conceito de três tempos, “*o tempo da fortaleza, o tempo da prisão e o tempo do museu, com o reconhecimento da importância da salvaguarda e conservação do conjunto no seu todo. Conservar, adaptar e construir de novo são ações complementares, parte de um mesmo processo, que estão na génese do próprio projeto museológico.*”⁷⁰

A solução encontrada prevê a articulação de percursos de diversas naturezas, que se podem sobrepor e que relacionam os edifícios do núcleo central com as plataformas preexistentes.

Dos vários percursos, salienta-se aquele que relaciona o carácter mnemónico da matriz militar do século XVII, e que corresponde à reabilitação das casamatas e cisternas existentes que, foram infraestruturadas e pavimentadas com saibro.

Com o objetivo de interligar os edifícios preexistentes, foram concebidos vários elementos que vão referenciando os espaços ao longo deste percurso museológico. Com início e término no hall da receção, a exposição contempla no piso térreo o espaço de loja do museu e a zona de cafetaria/bar, que se abrem sobre o pátio da cisterna. Pretende-se que a experiência de percorrer o forte militar atravessasse os quatro edifícios e pátios associados, como tal a proposta organiza-se em torno de vários núcleos, denominados de M1, M2, M3, M4 e M5.

Cada núcleo da intervenção vai revelando o passado militar da fortificação e dos próprios espaços onde a exposição decorre. As zonas expositivas podem ser intercaladas entre as celas de alta segurança, definidas no núcleo M1, até às casamatas no núcleo M3. A procura do reconhecimento identitário deste lugar tendo por base a sua história militar permitiu também invocar e perpetuar a memória de cada ambiente. As celas permanecem “*brancas, frias e despidas*” e os restantes núcleos, “*caracterizados por uma luz reduzida e justa, com som e silêncio controlados e materiais que procuram o máximo conforto*”⁷¹.



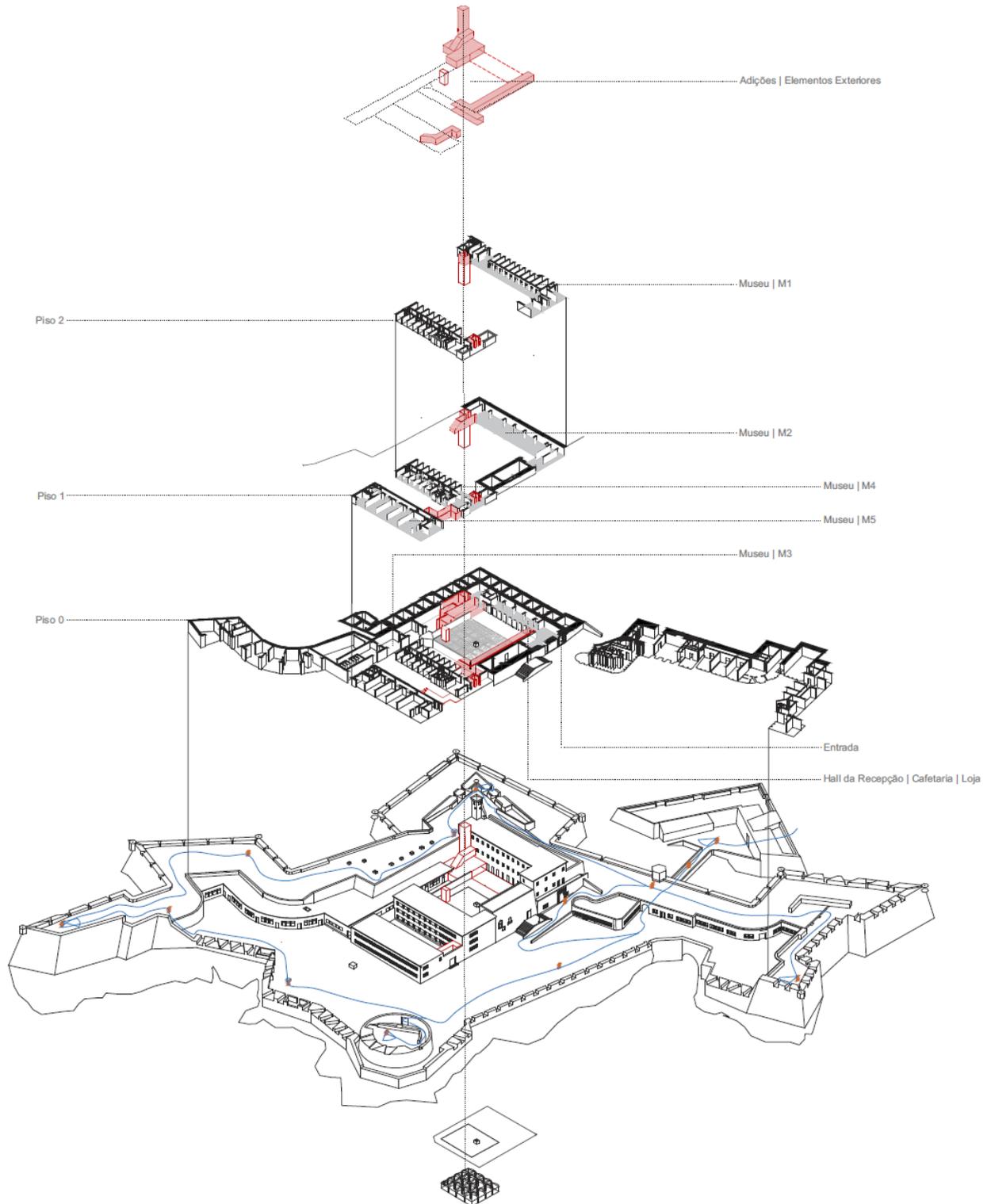
17. Proposta para o Museu – Percursos Expositivos

⁷⁰ Matos, João. ArQa N.º 132, 2018.

⁷¹ Idem.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo



18. Axonometria programática da Proposta para novo Museu Nacional da Resistência e da Liberdade na Fortaleza de Peniche.

4.3 | PROJETO | NEUE NATIONALGALERIE

LOCALIZAÇÃO | BERLIM, ALEMANHA

ARQUITETO | MIES VAN DER ROHE

ANO | 1956 – 1960



19. Neue Nationalgalerie de Ludwig Mies van der Rohe, 1962 - 1968.

No fim do século XX a cidade de Berlim encontrava-se mergulhada num conturbado contexto político e o governo administrativo da RFA decide revitalizar a área de Kulturorum com a construção de um equipamento cultural, à semelhança da filarmónica de Berlim (1963) e da Matthiaskirche.

Com princípios claros e uma linguagem arquitetónica baseada no estilo internacional, Mies van der Rohe inicia o projeto para a Neue Nationalgalerie.

A regra e composição constante a que as obras de Mies obedecem, são também nesta obra. O projeto desenvolve-se a partir do conceito de planta livre, que determina a ausência de um local específico para a exposição das obras de arte, o que, à data, se constituía como uma reflexão inovadora pela possibilidade de implementar novas dinâmicas na área da curadoria.

Volumetricamente o museu é composto por dois pisos. Um embasamento em betão no piso inferior, com 8 metros de pé direito, que se abre sobre uma praça com esculturas e um espelho de água, e que permite articular as exposições permanentes de grandes dimensões com a zona de cafetaria e os escritórios da galeria. No piso superior, à cota da receção do museu, encontra-se o único espaço de exposição temporária, onde o conceito de planta livre associado à métrica de 7,20m entre pilares, permite perceber a continuidade espacial do interior para o exterior, transmitida também pelos grandes planos envidraçados que invocam a paisagem da cidade e aproximam a comunidade das obras de arte.

A depuração geométrica e o sentido de unidade do projeto, surgem inevitavelmente referenciados à obra de um dos seus mestres, K.F.Schinkel, nomeadamente no desenho e composição das “colunas”⁷² que sustentam a cobertura metálica. À semelhança do Altes Museum de Schinkel, a regra e composição da moderna Neue Nationalgalerie têm por base os princípios das ordens clássicas. O entendimento do embasamento como se de um estilóbato se tratasse e a semelhança do desenho dos pilares cruciformes com o “Peristasis” dos templos Gregos, formalizam a constante aproximação classicista de Mies na sua última obra.



20. Espaço de exposição – Conceito de Planta livre

⁷² *(Nota) - Termo utilizado por Mies van der Rohe para definir os perfis metálicos da estrutura, relacionando os elementos arquitetura clássica.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

4.4 | PROJETO | ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO

LOCALIZAÇÃO | PORTALEGRE, PORTUGAL

ARQUITETO | SOUTO DE MOUA + GRAÇA CORREIA

ANO | 2011



21. Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, 2011

Inaugurada em 2008, a escola de hotelaria e turismo de Portalegre, projetada pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura e pela arquiteta Graça Correia, requalifica o antigo conjunto industrial da fábrica de Cortiça “G. Robison”.

O conjunto edificado surge implantado numa área com sete hectares e procura devolver à estima pública os vários edifícios da fábrica preexistente. O novo volume desenvolve-se numa barra horizontal que surge como “linha de horizonte” e que define a paisagem da cidade alentejana.

Com o propósito de estabelecer um diálogo entre as construções preexistentes e os novos volumes propostos o projeto reflete uma constante preocupação entre os níveis altimétricos dos novos volumes e dos elementos preexistentes.

“Não se sobrepõem às chaminés (...) houve uma intenção de fazer uma composição horizontal ligada ao núcleo urbano e ao centro histórico de Portalegre com as mesmas cores – branco – mas as chaminés continuam a sobressair”⁷³.

Programaticamente a reabilitação dos edifícios da fábrica procura valorizar o património industrial devoluto através da inscrição de espaços que dinamizam o conjunto edificado enquanto polo cultural, como o auditório, o espaço multiusos, a Igreja do Convento de S. Francisco e a integração da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre no antigo lagar.

No novo edifício, desenvolvem-se as atividades letivas que são o espelho da métrica estrutural implementada. Um sistema laminar que determina a unidade das salas teóricas e práticas e acolhe no seu interior o cenário urbano de Portalegre. A distribuição funcional das duas componentes letivas desenvolve-se no mesmo piso, segundo um corredor central, que orienta a sul a componente teórica, os gabinetes dos docentes, a cafetaria e uma sala polivalente e, a norte, as salas práticas que são iluminadas por uma entrada de luz zenital, uma vez que o declive do terreno não permite a entrada de luz direta. Os topos do edifício são encerrados pelo refeitório, a poente, com acesso a um piso inferior para as áreas técnicas e, a nascente, por uma sala de reuniões.

⁷³ Segundo opinião de Eduardo Souto Moura, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NFchoNAXITQ>, consultado em 13.06.20

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

4.5 | PROJETO | CIDADE DO FUTEBOL

LOCALIZAÇÃO | OEIRAS, PORTUGAL

ARQUITETO | ATELIER RISCO

ANO | 2012



22. Cidade do Futebol - Centro de Treino da Federação Portuguesa de Futebol, 2012.

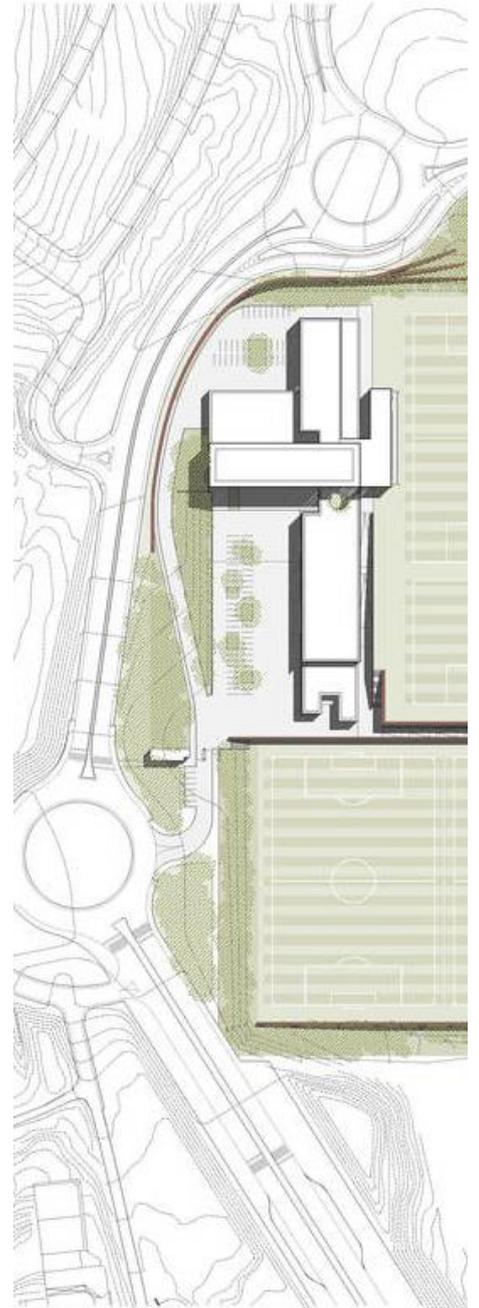
É através do concurso lançado pela Federação Portuguesa de Futebol que surge a proposta para a “cidade do futebol”. O novo equipamento localizado junto ao Complexo Desportivo Nacional do Jamor, tem como objetivo reunir a sede, o centro técnico e o centro logístico da federação portuguesa de futebol.

O complexo compreende uma área de implantação com cerca de 7 hectares e procura articular programaticamente os volumes propostos com a construção de três campos de futebol e outro campo de treino específico.

O programa distribui-se por três volumes independentes, articulados a um núcleo central que representa a sede da federação. A solução compacta, permitiu uma maior economia dos espaços de circulação e das infraestruturas necessárias e aproximou o espaço público dos volumes propostos.

A conceção arquitetónica, predominantemente horizontal, organiza os três volumes em “T”. O volume central, onde se localiza a Sede da Federação, articula os espaços públicos como a cafetaria e as salas de conferências. Os restantes, a norte e a sul da sede, contemplam o centro técnico e o centro logístico, respetivamente.

A proposta apresentada revela uma constante preocupação com os espaços exteriores que foram valorizados através conceção de duas praças de natureza e cotas distintas. A sul do corpo principal e à cota do piso térreo, desenvolve-se a praça de cariz mais público, que permite o acesso a todos os visitantes do complexo. A norte, a uma cota superior, localiza-se uma praça de acesso restrito que permite a distribuição e o acesso do grupo de trabalho (jogadores e funcionários) aos campos de treino.



23. Planta de Cobertura da Proposta e organização volumétrica do conjunto.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

A linguagem visual do conjunto distingue-se também pela abordagem contrastante entre os pisos inferiores e superiores. Ao nível do piso térreo a proposta é caracterizada por um sólido embasamento em betão armado, à semelhança dos muros que socalam o terreno. Nos pisos superiores, assiste-se a uma desmaterialização da massa edificada no piso térreo, através de uma fachada parcialmente envidraçada, que é pautada por elementos cerâmicos.



24. Cidade Do Futebol, acesso ao Átrio Principal



MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

CAPÍTULO V

PROJETO

5.1 | O PROGRAMA

“A Trafaria tem um grande potencial regenerador da sua imagem, não só enquanto paisagem, mas também enquanto memória coletiva.”

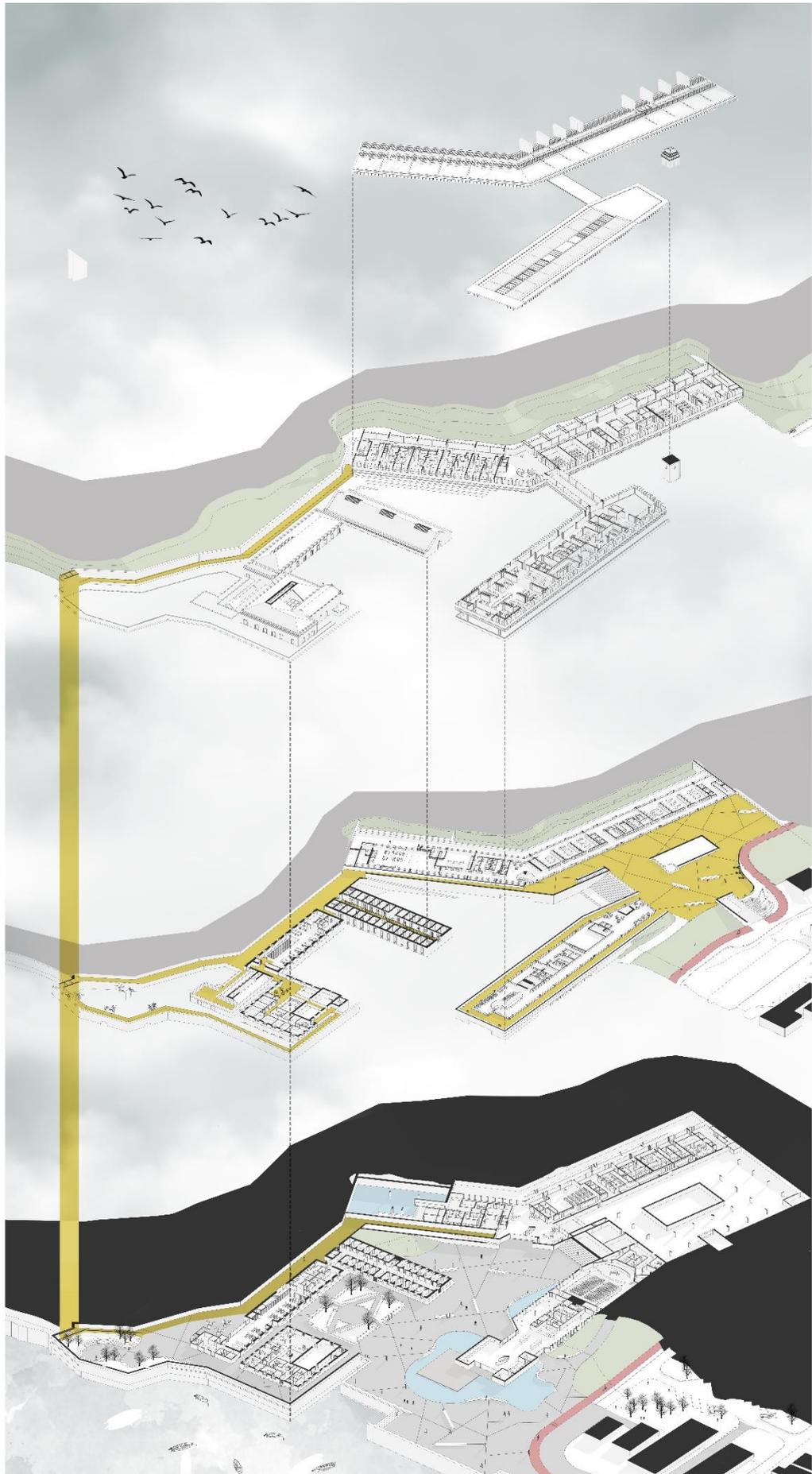
A área de intervenção incide sobre a zona urbana da Trafaria, que contempla *“a presença de diversos espaços de uso militar, uns já desativados por perda da sua função inicial e não reconversão de uso, outros ainda em atividade, muitos possuindo uma localização privilegiada no plano cénico (na frente ribeirinha, na arriba com excelentes vistas de mar e de rio) ou no quadro da expansão futura de certos aglomerados”*.⁷⁴

Pretende-se que o programa represente um regresso às origens, não só pela intervenção no forte como memória matricial da vila e principal impulsionador da aglomeração urbana no território, como também pelo aproveitamento das qualidades da frente ribeirinha para atividades de lazer ligadas ao rio.

*“A Trafaria configurava um local de fruição balnear que, por todo o primeiro quartel do século XX (até à ascensão da Costa de Caparica como destino de praia), foi ganhando protagonismo, sustentado pelas ligações fluviais que de Lisboa aí aportavam.”*⁷⁵

⁷⁴ CMA in Estudo do Plano estratégico para a costa da Trafaria, 2005 p.70

⁷⁵ Idem.



25. Axonometria Programática

Como estratégia de requalificação arquitetónica sugere-se o desenvolvimento de uma escola de hotelaria e turismo no forte da Trafaria, como equipamento capaz de integrar a comunidade e captar as novas gerações para as qualidades intrínsecas da vila. Pretende-se que a escola ofereça espaços de lazer e permanência, mas também iniciativas locais de formação e emprego.

De salientar que a câmara municipal de Almada reconhece as potencialidades de uma escola de hotelaria e turismo na Trafaria. *“Está prevista a instalação de um Complexo de Formação Turística no Forte da Trafaria poderá e deverá potenciar o desenvolvimento do turismo em todo o concelho, “combatendo” uma oferta demasiado especializada/centrada no turismo de sol e mar e apostando, através da qualificação dos recursos humanos noutros produtos turísticos, entre os quais a gastronomia.”*⁷⁶

Assim, sugere-se que o programa se articule com o edificado preexistente e os novos volumes. Na preexistência, foram contemplados os espaços de serviço e administrativos, o refeitório da escola e a reconversão das celas em laboratórios de trabalho.

Aos novos volumes, ficarão afetas as principais atividades letivas, o hotel pedagógico, a biblioteca e o auditório. Em suma, a proposta pretende que o forte da Trafaria se assuma como um novo núcleo urbano, enquanto centro cultural e pólo dinamizador da vida coletiva na vila, sem nunca esquecer o sentido e a relação de complementaridade com a preexistência.

⁷⁶CMA in Estudo do Plano estratégico para a costa da Trafaria, 2005 p.80

5.2 | CONCEITOS

A proposta desenvolvida procurou que o forte da Trafaria voltasse a integrar a malha urbana da vila de forma clara e objetiva. Como tal, a leitura inicial do conjunto edificado, permitiu-nos entender que alguns dos seus elementos arquitetónicos, não possibilitavam a sua compreensão. Assim, a intervenção foi no sentido de compreender quais seriam os elementos dissonantes da narrativa urbana e arquitetónica preexistente e de que forma poderia a nova construção (re)estabelecer esse diálogo.

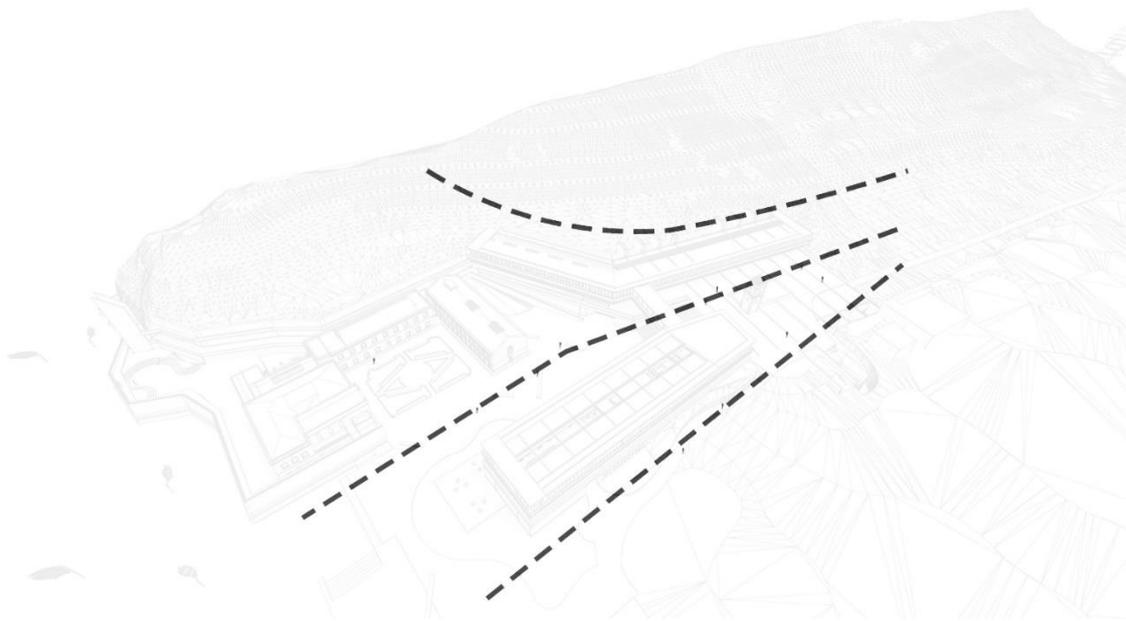
Atualmente, o conjunto edificado do forte pouco contribui para a dinâmica urbana da vila, uma vez que se encontram devolutos e/ou degradados a maioria dos elementos que constituem a fortaleza. Como tal, foram estabelecidas algumas diretrizes, que integradas no ato de projeto, procuram devolver à Trafaria o forte como memória matricial.

Para uma melhor compreensão do projeto iremos tomar como ponto de partida três conceitos base, nos quais a proposta se desenvolve.

Linhas de Força; Planos Habitados; Pontos Focais

5.2.1 | LINHAS DE FORÇA

“A função de uma cidade deve tornar-se evidente após uma vista de olhos pela planta. Isto resulta obviamente porque a organização dos seus elementos reflete certas linhas de força que representam igualmente uma combinação de circunstâncias que estiveram na origem da cidade. Inversamente, quando uma cidade se revela incaracterística e amorfa, este fracasso pode, em geral, ser localizado em qualquer falha na relação entre forma e função, em que linhas de força se tornaram confusas ou desapareceram”.⁷⁷



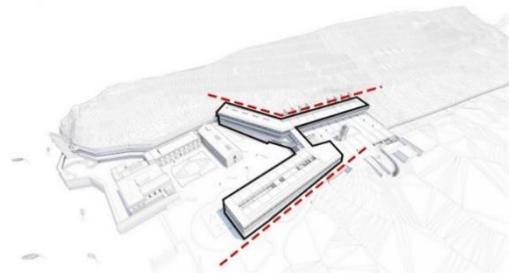
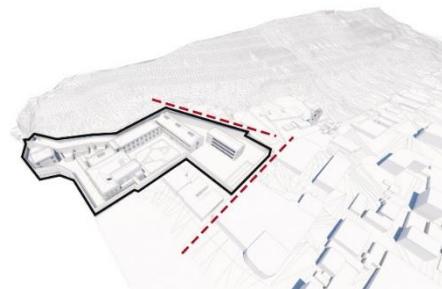
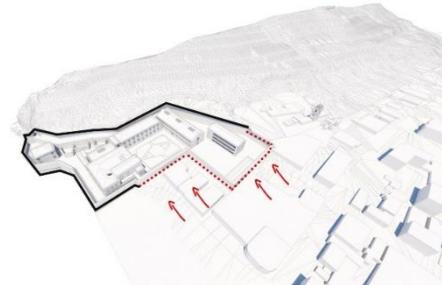
26. Linhas de Força orientadoras da Proposta Arquitetónica

⁷⁷ CULLEN, Gordon, Paisagem Urbana, 2006, p.36.

5.2.1.1. LIMITE HABITADO

O muro do forte, como limite edificado, corresponde a uma das três linhas de força que geram um novo “habitar”. Este, que corresponde ao perímetro da fortificação, impossibilita a leitura do interior do conjunto.

Assim, propõe-se a demolição parcial do mesmo e a edificação de dois novos volumes que se estabelecem como memória do antigo limite, agora habitado. Ambos assumem-se como base organizadora e unificadora de todo o programa, consolidam frentes de rua e potenciam novos espaços de fruição e lazer – **Planos Habitados**.



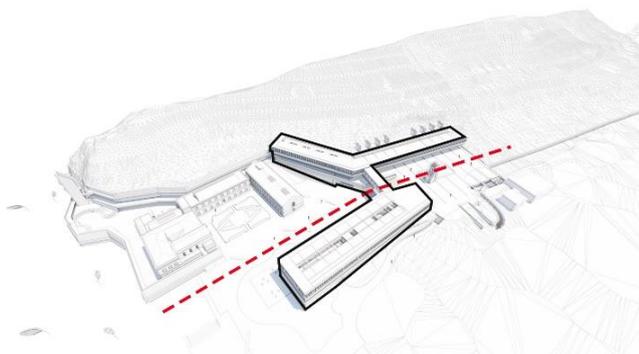
27. Definição do conceito de Muro Habitado

5.2.1.2. LINHA DE PERCURSO

Esta linha de força assume-se como eixo estruturante do projeto, e procura expressar a vontade de anular as barreiras existentes – a diferença de cotas do interior para o exterior do forte e o limite visual imposto pelo muro.

Como tal, contemplou-se a construção de uma escadaria central, que permite o acesso tanto à cota baixa, onde se localiza a praça d'água, como à cota superior, onde se encontra a praça da torre da igreja⁷⁸ e o bloco de aulas. Complementarmente, esta problemática foi resolvida com a integração de um sistema de rampas, garantindo desta forma o acesso de pessoas com mobilidade reduzida a todos os planos habitados.

Na comunidade escolar, o momento do atravessamento permite gerir o seu estado de alma, sendo possível sintetizá-lo em dois momentos: de **descompressão** – de sul para norte, em direção ao rio, e no sentido inverso; e de **Introspeção** – preparando-os para a entrada no bloco de aulas.



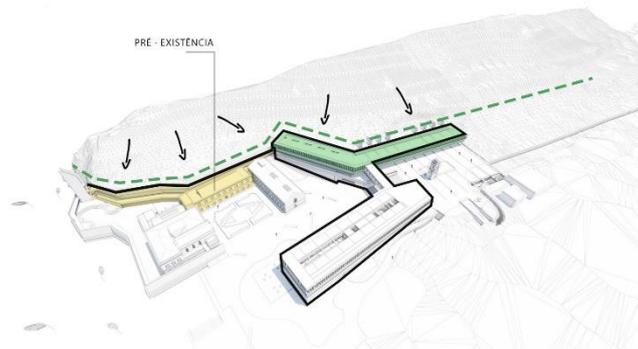
28. Definição da Linha de Percurso e do Eixo visual até ao rio

⁷⁸ Igreja da Nossa Senhora da Conceição

5.2.1.3. LIMITE VEGETAL

*“A floresta nos envolve com o seu abraço multissensorial. A multiplicidade dos estímulos periféricos efetivamente nos chama à realidade do espaço”.*⁷⁹

Este limite simboliza a colina e expressa-se por meio desta linha de força (representada a verde). O elemento vegetal aqui representado, aplica ao conjunto edificado um eco de uma atmosfera própria, premindo-lhe retirar partido dos seus valores intrínsecos.



29. Limite Vegetal.

Procurou-se desta forma, que o bloco de aulas (a verde) funcionasse segundo esta orientação, onde se garante o sentido de proteção e acolhimento, já verificado na pré-existência.

Foram criados espaços de trabalho e de circulação que permitem uma relação visual e de proximidade com a colina, qualificados por uma luz filtrada que os modela ao penetrar no seu interior.

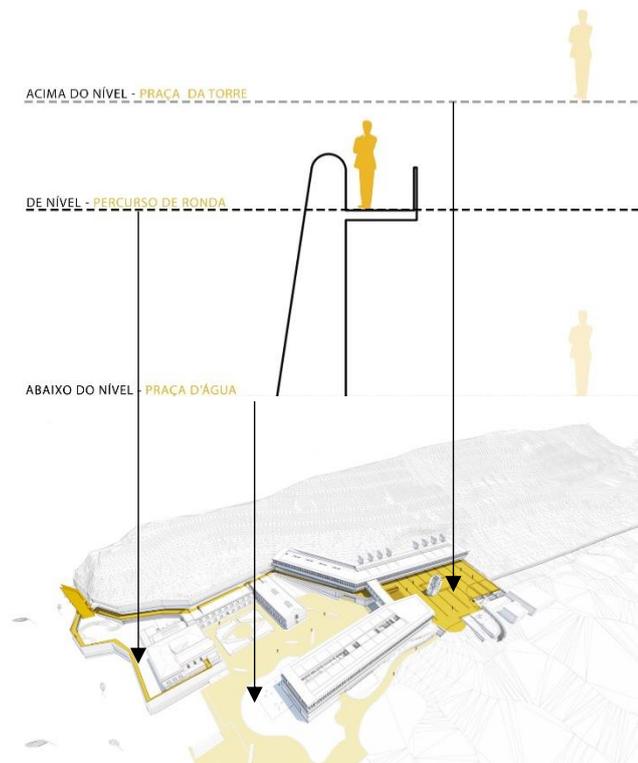
⁷⁹ PALLASMA, Juhani, os olhos da Pele, 2005, p.30.

5.2.2 | PLANOS HABITADOS – OS (DES)NÍVEIS

“Os edifícios adquirem significados diferentes através da sua relação com os desníveis”⁸⁰.

A interpretação deste significado pressupõe uma relação muito direta entre o observador e a envolvente que, no projeto, surge materializada pela articulação das Praças com os Percursos de ronda pré-existentes. A conceção de um nível superior e inferior está diretamente relacionada com esta premissa.

Desta forma, tomámos como plano de referência a cota do percurso de ronda do forte, no qual se expressa a lógica de continuidade espacial da proposta, uma vez que tanto ao nível programático, como conceptual, permite interligar o edificado preexistente com os novos volumes edificados.



30. Os Percursos – Interligação da Preexistência e da nova Construção com as Praças.

⁸⁰CULLEN, Gordon, Paisagem Urbana, 2006, p.36.

5.2.2.1. DE NÍVEL – O PERCURSO EXISTENTE

«A sensação do infinito não é normalmente aparente do céu que se vê sobre os telhados. Mas quando subitamente se vê céu aonde normalmente seria de esperar que se andasse, isto é, ao nível do chão, surge então uma situação de choque, e uma sensação de infinito.»⁸¹

Quando atravessamos o caminho de ronda perdemos a noção do plano de terra, passamos a habitar entre o céu e o rio, remetendo o nosso pensamento para o sonho, ou seja, não é mais um percurso onde a relação hierárquica - oprimido e opressor - prevalece, mas sim onde se estabelece uma relação de complementariedade entre o ver e o ser visto.

Assim, a reabilitação do muro do forte representa na proposta duas realidades completares. Por um lado, a ideia de que este tipo de fortificação, o presídio, só poderá ser entendido como tal se estiver contido de alguma forma e, por outro, porque lhe surge associado um percurso de ronda, que agora lhe permite articular a construção preexistente com os novos volumes edificados.

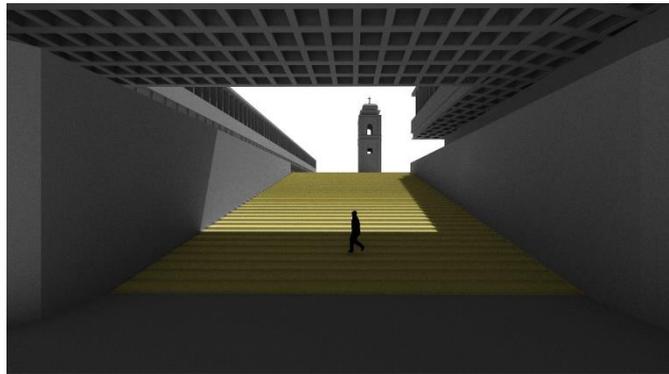


31. Integração do percurso de Ronda na Proposta.

⁸¹ CULLEN, Gordon, Paisagem Urbana, 2006, p.188.

5.2.2.2. ACIMA DO NÍVEL – A PRAÇA DA TORRE

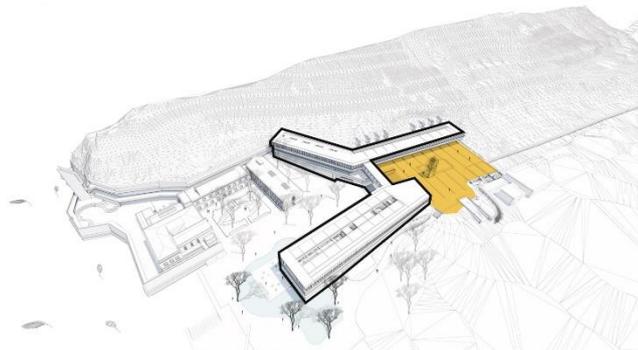
Conciliar o momento de ascensão à torre da igreja e a projeção de uma nova praça à cota da igreja da N^a Sra da Conceição, atribui ao conjunto edificado e à vila, um novo referencial na paisagem.



32. Um olhar sobre a preexistência – Percurso e eixo visual.

Programaticamente, a conceção da praça da torre – acima do nível – permite receber e encaminhar os alunos para o átrio da escola e estabelecer uma relação de continuidade espacial com os percursos públicos preexistentes.

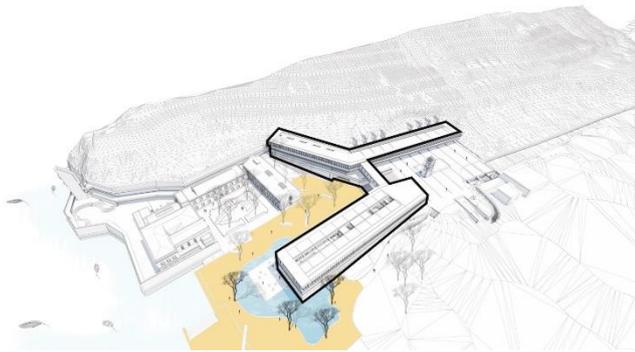
A praça, deverá servir também o propósito de acolher toda a comunidade, bem como a realização de eventos e espetáculos, tendo como cenário a colina a nascente, o rio a norte e a vila a poente.



33. Praça da Torre da Igreja.

5.2.2.3. ABAIXO DO NÍVEL – A PRAÇA D’ÁGUA

“Em contraste com as superfícies sobre-elevadas as zonas situadas a um nível inferior assumem um aspeto de intimidade e aconchego, que pode ser aproveitado funcionalmente para transmitir uma noção de privacidade”.⁸²



34. O Espaço da Praça D’ÁGUA

Na proposta, podemos observar que os blocos edificados que agora delimitam a praça d’água, potenciam uma atmosfera intimista. Esta sensação, é também ampliada pelo espelho de água desenhado, onde se pretende que este reflita uma nova experiência.

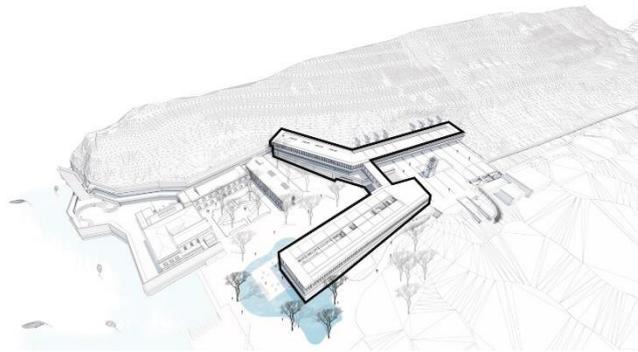
Funcionalmente, deverá entender-se também como um espaço de confraternização para a população, articulando a dinâmica de distribuição dos alunos, com as vivências da comunidade.

⁸² CULLEN, Gordon, Paisagem Urbana, 2006, p.190

5.2.3 | A ÁGUA - O ESPELHO DA MEMÓRIA

A Água como elemento matricial da vida, existe neste território desde que o reconhecemos como tal. O rio permitiu, em conjunto com a erosão das arribas fósseis, moldar, espelhar e evidenciar a espacialidade do edificado e da natureza preexistente.

“Para além da sua função ecológica e ambiental, a água tem uma relação permanentemente de reflexão da luz que irradia do céu, transfigurando os espaços ao longo do ano e com o correr do dia”.



35. Praça de Água e o Rio

O Espelho de água, como gesto aglutinador, transfere para a praça uma geometria que se diferencia da do edificado. Pretende-se assim que este elemento, cujo limite periférico é mais orgânico, se evidencie e convide ao habitar, quebre o silêncio da forma e equilibre a ortogonalidade dos novos volumes.

A integração da água, como *“elemento de unidade da própria composição”*⁸³, marca em termos funcionais o acesso ao bloco do auditório, restituindo o presídio através do brilho da sua reminiscência.

⁸³ CULLEN, Gordon, Paisagem Urbana, 2006, p.16.

5.2.4 | ESPAÇO VEGETAL HABITADO

“A urbanidade, no sentido de viver melhor a cidade, que desde sempre acompanhou o percurso deste jardim, manifesta-se agora através da função ecológica que o jardim desempenha na cidade, na sua expressão mais holística.”⁸⁴

Ainda sobre a importância deste elemento para a cidade *“merece ainda particular referência a recuperação do parque e dos jardins, pela importância que reconhecidamente detêm no envolvimento arquitetónico e na sua vocação de espaço aberto à fruição pública.”⁸⁵*

Com base nestas premissas, pretende-se que o desenho do **espaço vegetal habitado**, em conjunto com o dos **planos habitados**, incremente a reestruturação do espaço público.

Como tal, sugere-se a materialização de percursos de carácter permanente, pautados pela presença de diferentes espécies de vegetação que organizam e qualificam toda a proposta.



36. Cenários Urbanos da Proposta

⁸⁴ CARAPINHA, Aurora, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, p.33.

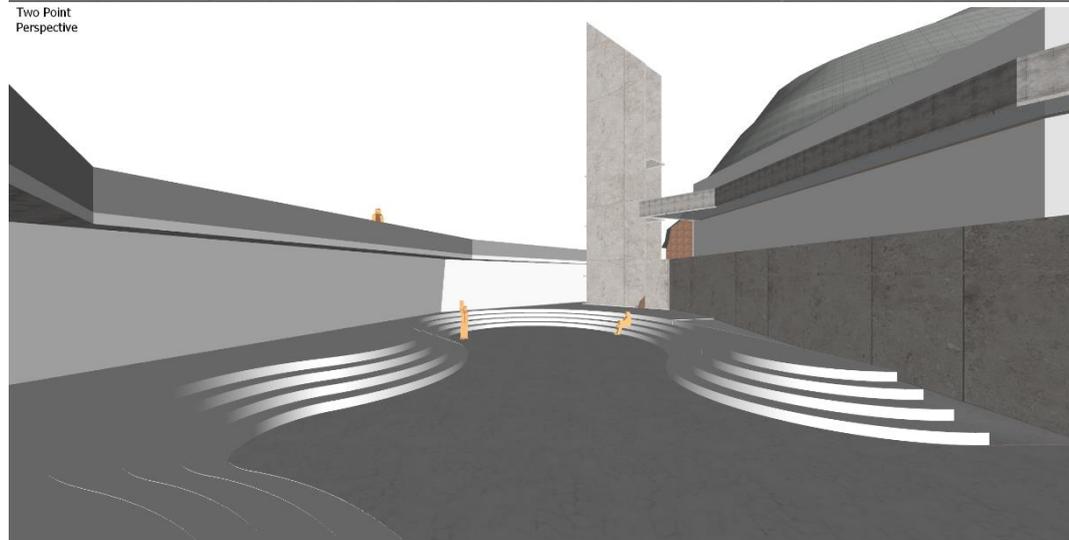
⁸⁵ Idem, p.39.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo



Two Point
Perspective



5.2.5 | PONTOS FOCAIS

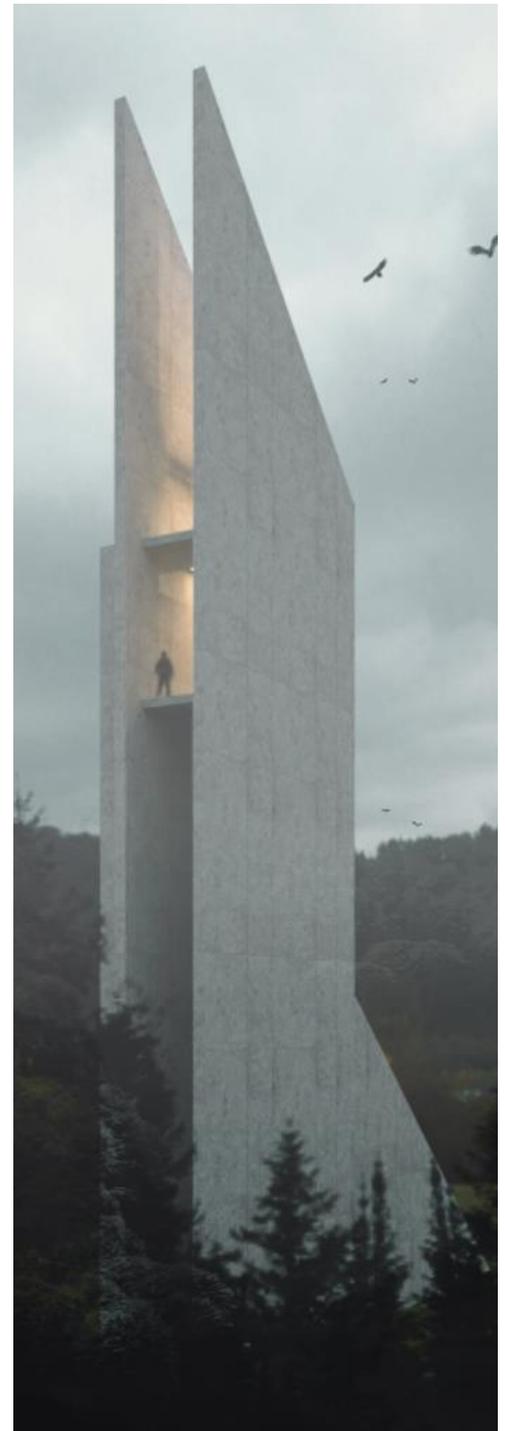
“São normalmente representados por um objeto físico, definido de um modo simples: edifício, sinal, loja ou montanha. O seu uso implica a sua distinção e evidência, em relação a uma quantidade enorme de outros elementos. Podem situar-se dentro da cidade ou a uma tal distância que desempenham a função constante de símbolo de direção”.

MIRADOURO VERTICAL

O miradouro proposto expressa a intenção funcional de articular os percursos preexistentes com as praças criadas, através de um elevador panorâmico.

A construção deste elemento vertical tem também o objetivo de referenciar, localizar e orientar o forte na paisagem e contribuir para a sua legibilidade, uma vez que *“Uma cidade com imagem aparente, legível, ou visível, seria bem formada, distinta, memorável; e convidaria os olhos e ouvidos a uma maior atenção e participação”*⁸⁶.

Na base deste elemento desenvolve-se um pequeno anfiteatro que potencia a relação entre a comunidade e que se estabelece como um local de reflexão, um memorial à bateria de tiro do século XVII, o primeiro exemplar militar no território.



37. O Miradouro Vertical – Imagem Conceptual da Proposta

⁸⁶ LYNCH, Kevin, 1982, p.10.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

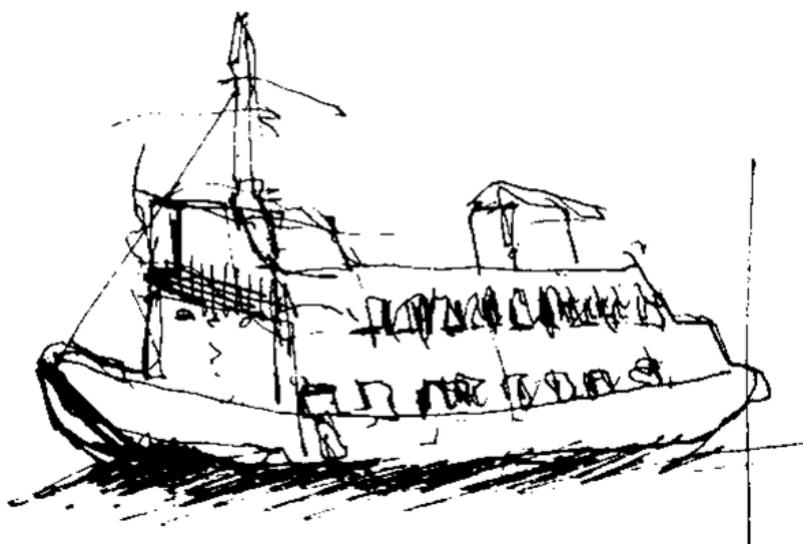
TORRE DA IGREJA

A torre da igreja articula as vivências na praça e desempenha a função de referencial da escola. Em torno deste elemento desenvolve-se uma praça, que recebe e direciona a comunidade escolar para os vários átrios.

A torre da igreja, como símbolo que convocava a fé, transforma-se agora num referencial que pretende orientar, distribuir e receber a comunidade. Pretende-se revisitar esta memória através da participação da comunidade num programa público com atividades recreativas para o efeito.



38. Imagem ilustrativa da Praça da Torre



39. Um barco que navega no tejo.

5.3 | PROPOSTA URBANA

OS PERCURSOS DA MEMÓRIA

“Uma vez que o nosso corpo tem o hábito de se relacionar instintiva e continuamente com o meio ambiente, o sentido de localização não pode ser ignorado e entra, forçosamente em linha de conta na planificação do ambiente.”⁸⁷

A viagem começa, e logo a memória se apressa a gravar na alma as imagens impressas do percurso...Sob as ondas do tejo navegamos para o lugar onde a terra se faz ao mar e assim chegamos à Trafaria com a única certeza que tentaremos permanecer quando partimos.

A proposta urbana que aqui se propõe, reflete sobre o território da Trafaria e apresenta como premissa uma lógica de continuidade territorial, na qual o percurso e a Memória coletiva, se assumem como elementos geradores desta nova narrativa urbana. Assim, procurou-se consolidar primeiramente a frente ribeirinha através da restituição do percurso à beira-rio, vigente no séc. XVIII, que ligava a Trafaria à Costa da Caparica. A reestruturação deste percurso, agora pedonal e ciclável, contempla espaços de permanência e de diálogo com o rio e com a vila.

Propõe-se também a construção de um canal de navegação, para pequenas embarcações, utilizando uma vez mais o rio como elemento aglutinador, que compreende a memória coletiva do lugar e a sua génese identitária. Desta forma, pretende-se integrar a zona afeta aos pescadores, através da criação de um porto palafítico ao longo do canal proposto.

⁸⁷ CULLEN, Gordon, Paisagem Urbana, 2006, p.40.

5.4 | PROPOSTA ARQUITETÓNICA

5.4.1. O NÚCLEO PREEXISTENTE

A proposta para a reabilitação e consolidação do núcleo preexistente define uma estratégia de articulação com o novo programa – Escola de Hotelaria e Turismo. Como tal, o projeto reflete a memória da fortificação, preservando todos os elementos que clarificam o seu sentido.

Atualmente a entrada no núcleo preexistente é realizada pelo portão a poente que delimita o espaço interior do forte do espaço exterior público. No entanto, a proposta prevê que este limite deixe de existir, dando lugar a um processo de continuidade espacial imposto pela interligação da praça d'água com o jardim formal existente.

Ao nível dos espaços exteriores prevê-se que o conjunto do forte integre um espaço de confraternização junto à plataforma da antiga bateria de tiro. Para tal, decidiu-se demolir o edifício que se sobreponha à leitura da bateria de tiro do século XVI, dando origem a um espaço verde, composto por um conjunto de plataformas habitáveis, que olham sobre o rio e incentivam ao convívio.

Programaticamente, prevê-se que o conjunto preexistente integre o refeitório da escola, que se abre sobre o jardim formal e as zonas administrativas. Complementarmente, sugere-se a reabilitação da igreja da nossa senhora da saúde como espaço expositivo de caráter temporário.

No Presídio - o coração da preexistência - pela lógica de percursos imposta e pela caracterização formal do espaço preexistente, o seu contributo deverá ser no sentido de preservar a memória militar do espaço, reconvertendo-se as celas em laboratórios sensoriais, destinados a espaços de trabalho, de leitura, workshops.

5.4.2. A ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO

A definição dos três novos volumes destinados à escola de hotelaria, assenta na relação com o edificado preexistente e com a envolvente natural, onde se procura reafirmar a continuidade territorial, recuperando a imagem da vila e potenciando novos usos e espaços de lazer.

O Volume construído na proximidade com o rio, espelha a vontade de receber tanto a comunidade escolar como o público em geral. A sua implantação articula a frente de rua com os percursos habitados que fazem a transição da cota baixa para a cota alta através de uma rampa, localizada lateralmente ao edifício. Ao nível do piso térreo este volume integra um auditório com capacidade para 200 pessoas, e um espaço expositivo junto ao átrio de entrada – Sala Rio.

No piso intermédio, este volume acolhe um espaço de cafetaria, que se abre sobre a paisagem e se articula com o espaço expositivo do piso inferior, e ainda, o átrio de entrada da escola e a sala polivalente. No último piso, desenvolve-se a biblioteca, a sala de professores e de reuniões, bem como os espaços de refeição para os funcionários e docentes.

A ligação deste volume com o bloco de aulas práticas é feita através de uma “ponte” suspensa, que os une no último piso.

Por último, o bloco das aulas teóricas e práticas, localizado junto à colina, garante um acesso tanto à cota baixa como à cota alta, interligando programaticamente os pisos. No piso inferior desenvolvem-se todas as áreas técnicas, como o armazém de cozinha, balneários, lavandaria e o estacionamento. Ainda no mesmo piso, surge um spa de aplicação, que tira partido da luz filtrada da colina e que expressa, pela modelação do espaço, uma atmosfera mais intimista.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

Ao nível da cota da praça da torre, o acesso ao volume das aulas é feito através de um átrio central. À semelhança dos outros pisos, a distribuição horizontal é realizada através de dois percursos paralelos entre si. O primeiro, é realizado junto à praça da torre e pretende-se que seja experienciado como uma extensão do espaço exterior público. O segundo, acontece junto à colina e interliga a componente prática do programa, as cozinhas de aplicação, que servem o restaurante temático do hotel pedagógico.

Por fim, o último piso deste volume articula as aulas teóricas com a componente prática do hotel de aplicação, que apesar de ocorrerem em alas separadas, são comunicantes. A distribuição horizontal e entrada nas salas de aula é realizada junto à colina, procurando que esta seja um elemento de reflexão e inspiração para os que o percorrem.



41. Perspetiva geral da Proposta

5.5 | MATERIALIDADE E ESTRUTURA

A PELE E OS OSSOS

“O Sonho, a obsessão de Mies foi, de alguma maneira, oferecer à humanidade a caixa de vidro. O deus branco da arquitetura colocou o homem vertical sobre o plano horizontal para que este dominasse a terra. E cobriu-o com um plano para o proteger da chuva e da neve. E circundou-o de vidro transparente para o proteger do frio e do vento. E assim deu-lhe quase tudo, com quase nada. Mais com menos.”⁹⁰

⁹⁰BAEZA, Alberto, A ideia construída, 6ª Edição, 2018, p.27.

5.5.1. A PELE - MATERIALIDADE

O diálogo com a memória preexistente mantém-se na escolha dos materiais para a execução e integração da nova construção. Assim, entende-se que a reabilitação também *“implica entender a arquitetura como expressão de materiais, métodos e sistemas do nosso tempo”*.⁹¹

No embasamento dos novos volumes, ao nível da praça d'água, utilizou-se o betão como elemento plástico, numa solução que pretende ser lida como um bloco compacto onde se cria um *«contraste entre o fechado próximo e o aberto distante...»*⁹² e que personifica o muro como limite habitado. A tonalidade deste material assemelha-se à da pedra calcária existente nas cantarias do presídio.

Dentro desta mesma lógica e à semelhança da estereotomia desenhada pelo Arquiteto Miguel Arruda, para a praça Diogo de Menezes em cascais, sugere-se a aplicação de betão poroso para os espaços exteriores, que para além de se tratar de um tipo de betuminoso realizado “in loco”, oferece a possibilidade de se compatibilizar com o desenho estereotómico pretendido e, desta forma, articular os sistemas de drenagem e de iluminação pública propostos.

⁹¹ TOSTÕES, Ana – Fundação Calouste Gulbenkian p.18.

⁹² ROHE, Mies van der, cit por TOSTÕES, Ana – Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, p.35.

À semelhança do betão, também o metal, o vidro e a madeira, assumem-se como materiais preponderantes na proposta.

A Madeira, além da leveza e conforto que transmite, serve também o propósito de contrabalançar a artificialidade do betão, presente no embasamento, e a frieza do metal, da estrutura. No último piso dos volumes propostos, a madeira surge como elemento estruturante. A função de revestimento dá lugar a um conjunto de lamelas orientáveis, que filtram a luz para o interior dos espaços, como se de um organismo vivo se tratasse.

O vidro, em conjunto com a luz, reflete, amplia e molda o espaço. Como tal, a conexão sensorial deste material com os restantes reflete-se em toda a proposta. Porém, é ao nível do piso intermédio que este material interpela o vazio e permite que o edifício descole e levite sobre a paisagem.

Ainda a respeito sobre a utilização do vidro, na Fundação Calouste Gulbenkian, Ana Tostões afirma, *“Neste edifício os caixilhos e vidros formam a maior parte da superfície exterior, e a sua contribuição para a aparência e expressão foi muito justamente considerada da maior importância. Na verdade, a simplicidade e o rigor revelados na escolha dos materiais potenciam as qualidades de contenção e sobriedade da obra.”*⁹³

⁹³TOSTÕES, Ana – Fundação Calouste Gulbenkian p.18.

5.5.2. OS OSSOS – A ESTRUTURA

*“O aço só ou em betão armado, permite esse outro movimento copernicano de poder separar o encerramento da estrutura de sustentação. A pele dos ossos. Esses ossos, esses pilares por onde agora seguirá essa Gravidade iniludível para se encontrar com a Terra”.*⁹⁴

O piso intermédio – ao nível da praça da torre - marca uma mudança de paradigma na forma como percebemos a “ideia construída”. Os volumes que nascem do sólido embasamento dão lugar à desmaterialização da própria forma, assumem-se os “ossos” de metal, materializando na consciência do edifício a existência de um só corpo.

Desde as portas das celas às grades nas janelas, os elementos metálicos que pontuam os edifícios preexistentes expressam uma memória de sofrimento. “Que o castigo (...) fira mais a alma do que o corpo”.⁹⁵ No entanto, os elementos da nova estrutura estabelecem a ligação com as preexistências através do recurso ao mesmo material, o metal, que agora contrasta com a liberdade do espaço. Assim, a regra e composição que a nova estrutura interpreta, procura que todos os materiais se relacionem em harmonia e que a Luz que atravessa os espaços «*vença a gravidade e convoque a beleza sublime.*»⁹⁶

Subordinados a uma dominante horizontalidade, os novos volumes são compostos por planos que gravitam e que culminam no piso mais elevado com uma cobertura parcialmente inclinada. Para além de fazer uma analogia às coberturas dos edifícios preexistentes, procurou-se que esta geometria potenciase espaços que sintetizam a qualidade da envolvente natural.

⁹⁴ BAEZA, Alberto, *A ideia construída*, 6ª Edição, 2018, p.35.

⁹⁵ Foucault, Michel, *Vigiar e Punir*, 1977, p. 21.

⁹⁶ BAEZA, Alberto, *A ideia construída*, 6ª Edição, 2018, p.37

E por fim, “quando o arquiteto aplica os artifícios adequados ao sol, à LUZ, esta, atravessando o espaço definido por estruturas mais ou menos pesadas, que precisam de estar ligadas ao solo para transmitir a força primitiva da GRAVIDADE, quebra o feitiço e faz com que esse espaço flutue, levite, voe”.⁹⁷

⁹⁷ BAEZA, Alberto, A ideia construída, 6ª Edição, 2018, p.50.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória militar construída durante vários séculos uniu os povos e permitiu o desenvolvimento do território, mas foi perdendo, ao longo dos tempos, o sentido na vida das cidades. As memórias de outrora, fortalezas marítimas, despoletam agora a preocupação pela salvaguarda e manutenção destas peças identitárias, símbolos da memória coletiva.

Apesar da sua função primordial ter perdido relevância, a matriz cultural que a vincula, espelha na imagem da cidade o seu carácter singular, assim como as características formais e construtivas que determinam o enorme potencial para a formulação de novos programas, com o objetivo da sua reinscrição nas cidades contemporâneas.

Ícones do seu tempo, os vários exemplares de arquitetura militar e em particular na margem sul do tejo, constituem não só uma marca importante na história, mas também uma presença indelével na vida das comunidades, que urge ser preservada.

Nesse sentido, a intervenção no Forte da Nossa Senhora da Saúde surge como uma oportunidade de reabilitação e valorização deste exemplar militar, que representa a cultura e a memória matricial da vila da Trafaria.

O Programa – Escola de Hotelaria e Turismo - para além de potenciar o desenvolvimento do turismo em todo o concelho, reforça a relação simbiótica entre os elementos naturais e antrópicos e permite a reintegração e qualificação da comunidade jovem.

Em suma, a proposta urbana e arquitetónica define o sentido de complementariedade entre a comunidade e a vila e estabelece premissas que integram o valor histórico numa lógica contemporânea, onde a construção nova se relaciona com a preexistência através dos novos percursos que as interligam e permitem visitar para sempre este lugar.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

CAPÍTULO VII

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

AAVV – *Fortificação do Território. A segurança e defesa de Portugal do século XVII ao século XIX. S.l.: Museu da Presidência da República; Exército Português; Câmara Municipal de Elvas, 2013.*

BARROCA, Mário Jorge – *Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I. In: PORTVGALIA. Porto: I.A.F.L.U.P., Nova Série, 2003, vol. XXIV, pp. 95- 112.*

BARRADAS, Carlos Leal. *OuTrafaria.* 2014.

BARRANHA, Helena. Património Cultura - Conceitos e Critérios Fundamentais.”vol. 39, no. 5, 2008.

BAEZA, Alberto Campo. *Aprendendo a Pensar,* 2008.

BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Bombouts, RAMALHO, Margarida de Magalhães – *As Fortificações Marítimas da Costa de Cascais. S.l.: Livros Quezal, 2001.*

BRANDI, Cesare. Teoria Do Restauro de Cesari Brandi.”, ORION, vol. 225, no. 1, 2006.

CANDAU, Joel. *Antropologia de La Memoria.* 2006, p. 128.

CARITA, Rui, Cardoso, António Homem – *O Escudo do Reino. A Fortaleza de São Julião da Barra. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional, 2007.*

CASTELOS MEDIEVAIS DE PORTUGAL. II Congresso do Centro Europeu para o Estudo dos Castelos, Zurich. Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1 vol., 1949.

CALIXTO, Carlos Pereira - *São Julião da Barra: os primeiros 100 anos. Oeiras: Câmara Municipal, 1989.*

CHOAY, Françoise. Alegoria Do Património. Edições 70, 07–2010th ed., 2010.

CID, Pedro-*As fortificações medievais de Castelo de Vide. Monumentos. Monografias. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2005.*

CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana. Lisboa: Edições 70, 2008.*

GARCIA, Francisco de. *CONSTRUIR EN LO CONSTRUIDO*, 1992, p. 324.

GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. 2000.

HALBWACHS, Maurice. *The Collective Memory*, 1980.

LEFÈBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro Editora, 4ª Edição. 2006

LEITE, António Santos and FELICIANO, Ana Marta. *Memória, Arquitectura e Projecto*. 2016.

LOURO, Margarida, *Memória da Cidade Destruída: Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. 2016

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Trad. de Maria Cristina Tavares, 1960.

POLLAK, Michael "Encadrement et silence: le travail de la mémoire", *Pénélope*, 12, 1985, p. 37.

PORTAS, Nuno. *Do vazio ao cheio, in: Cadernos de Urbanismo Vazios e o planeamento das cidades, PCRJ/SMU, Rio de Janeiro, pp. 7-10, 2000.*

ROSSI, Aldo. *A Arquitetura Da Cidade*, 2001.

SCHULZ, Christian Nnorberg. *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. 1979.

SOARES, Manuel. *Trafaria e Sua Toponímia*. 1986.

SOUSA, R. H. Pereira de. *Fortalezas de Almada e Seu Termo*. Arquivo Hi, 1981.

VERBO. *Enciclopédia Logos I*. 1997, p. 756.

ZUMTHOR, Peter. *Atmosferas*. Editorial Gustavo Gili, 12th–2006th ed., 2006.

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

CAPÍTULO VIII

ANEXOS

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

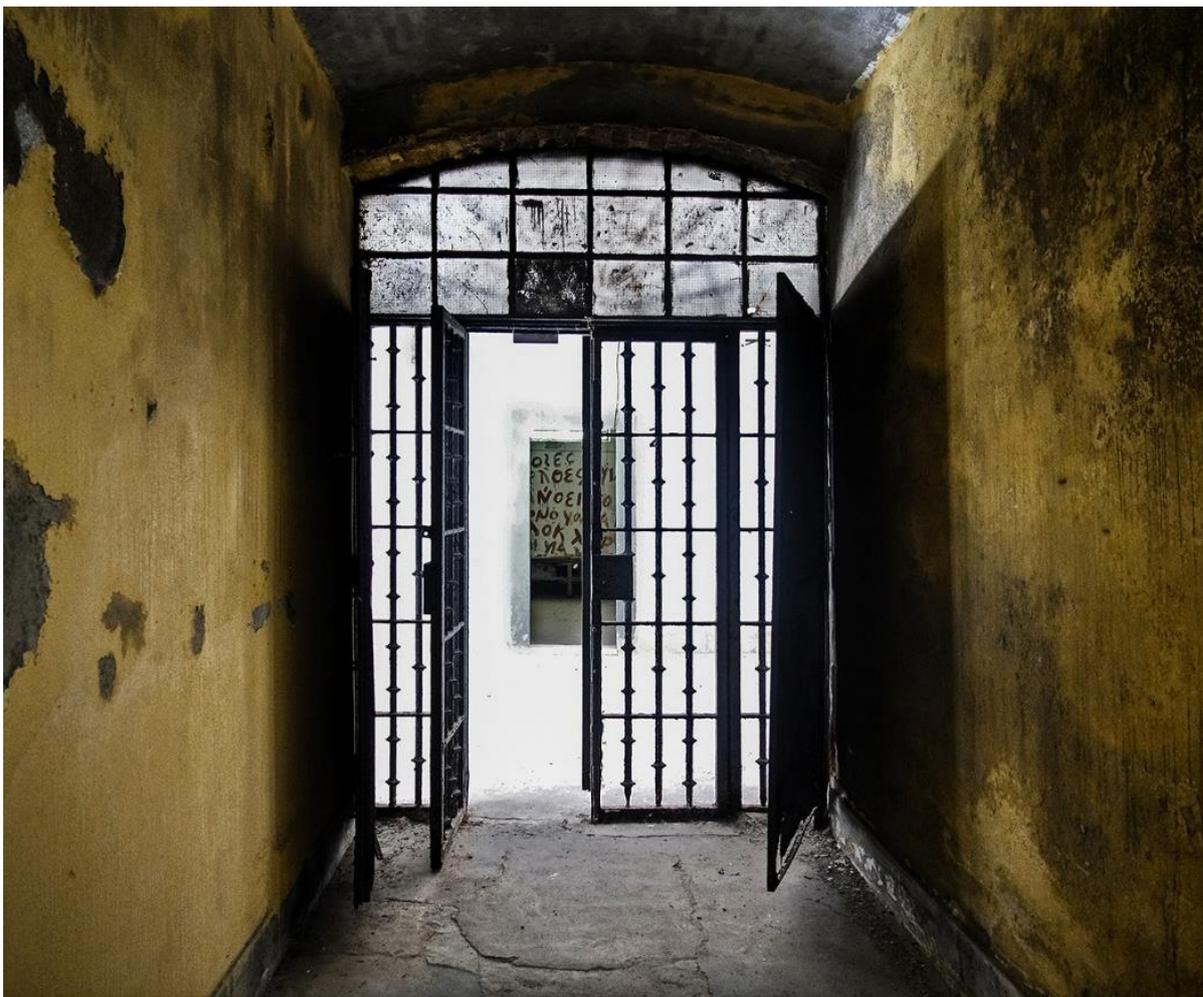




MEMÓRIA (RE)VISITADA

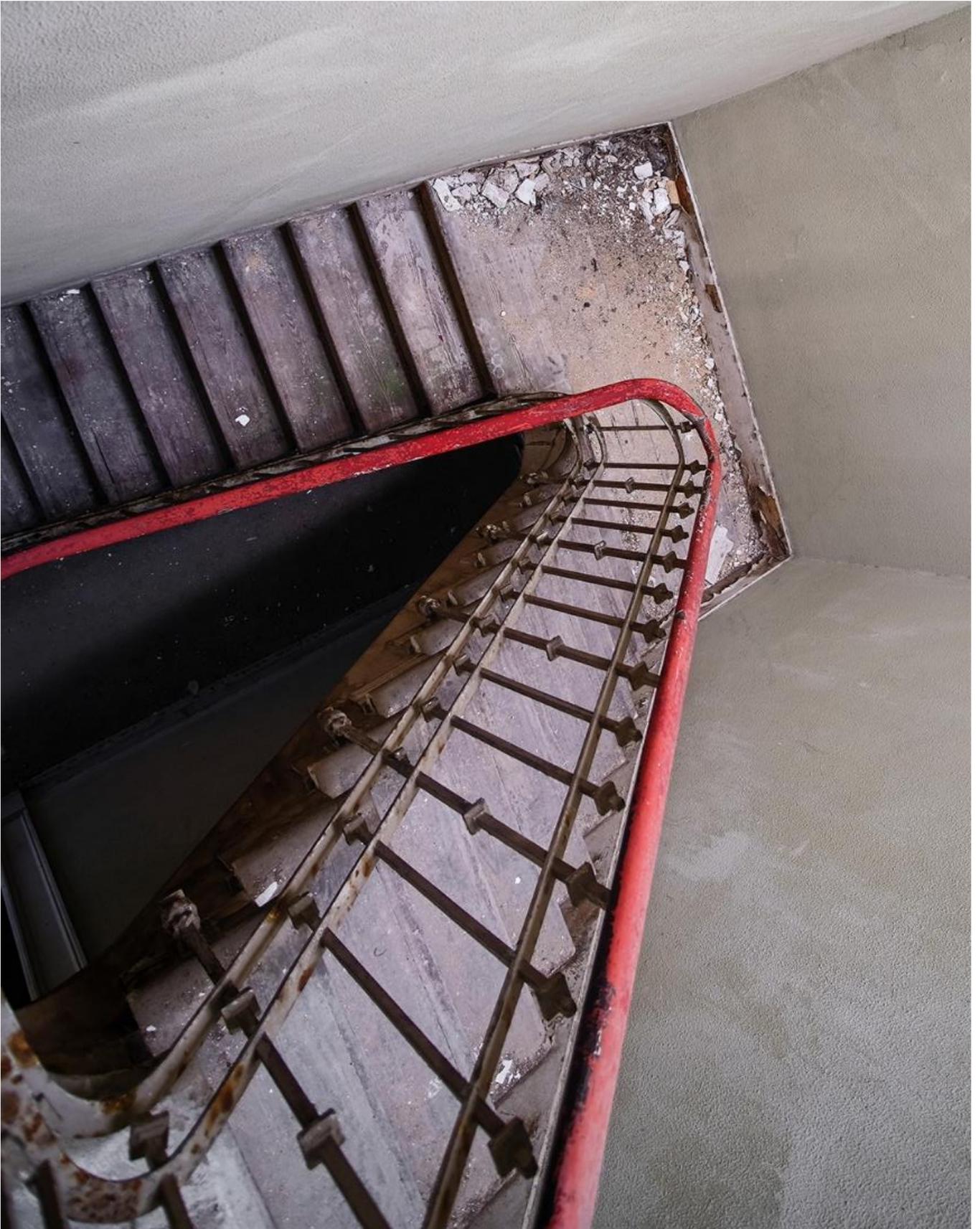
Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

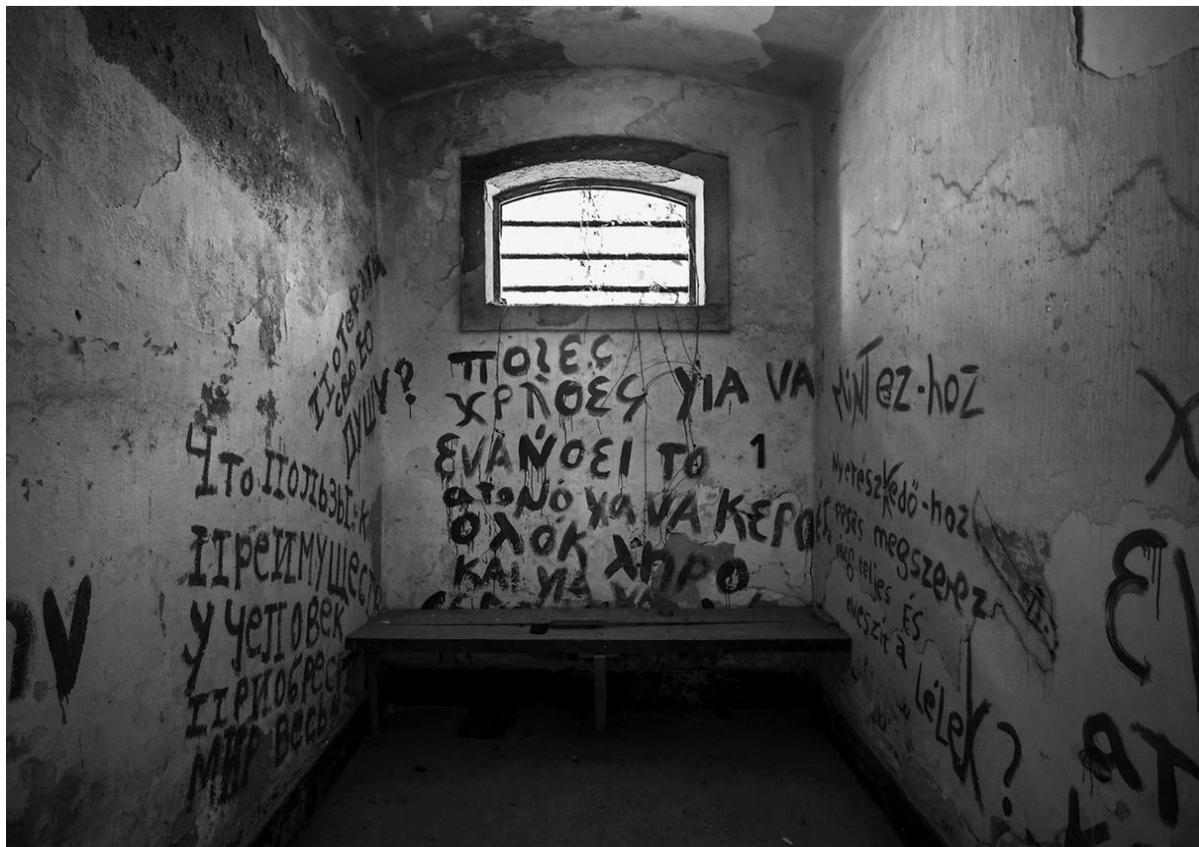




MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

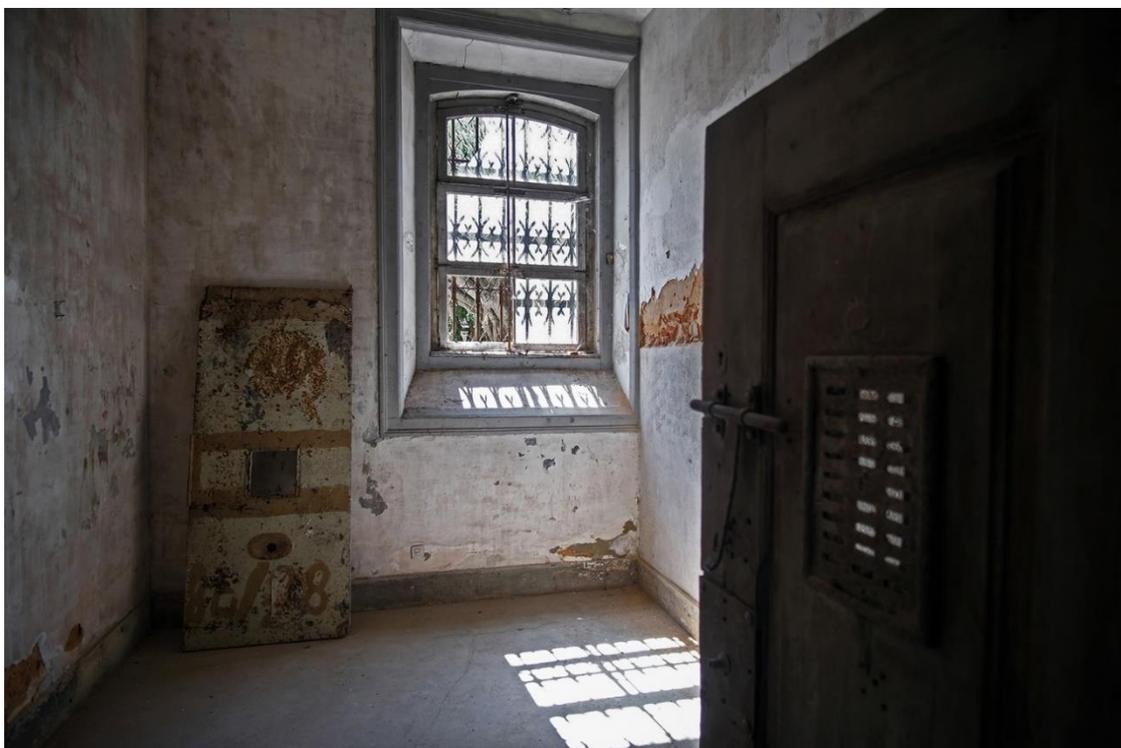




MEMÓRIA (RE)VISITADA

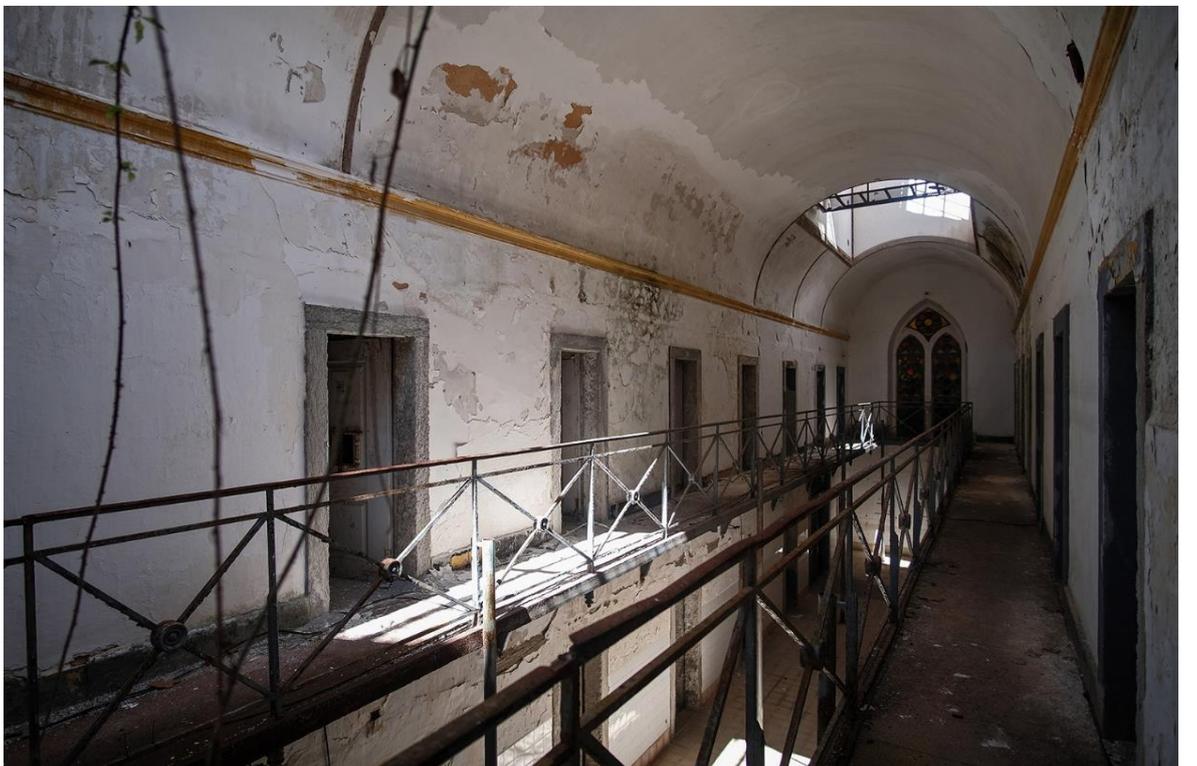
Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo





MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo





MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo





MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

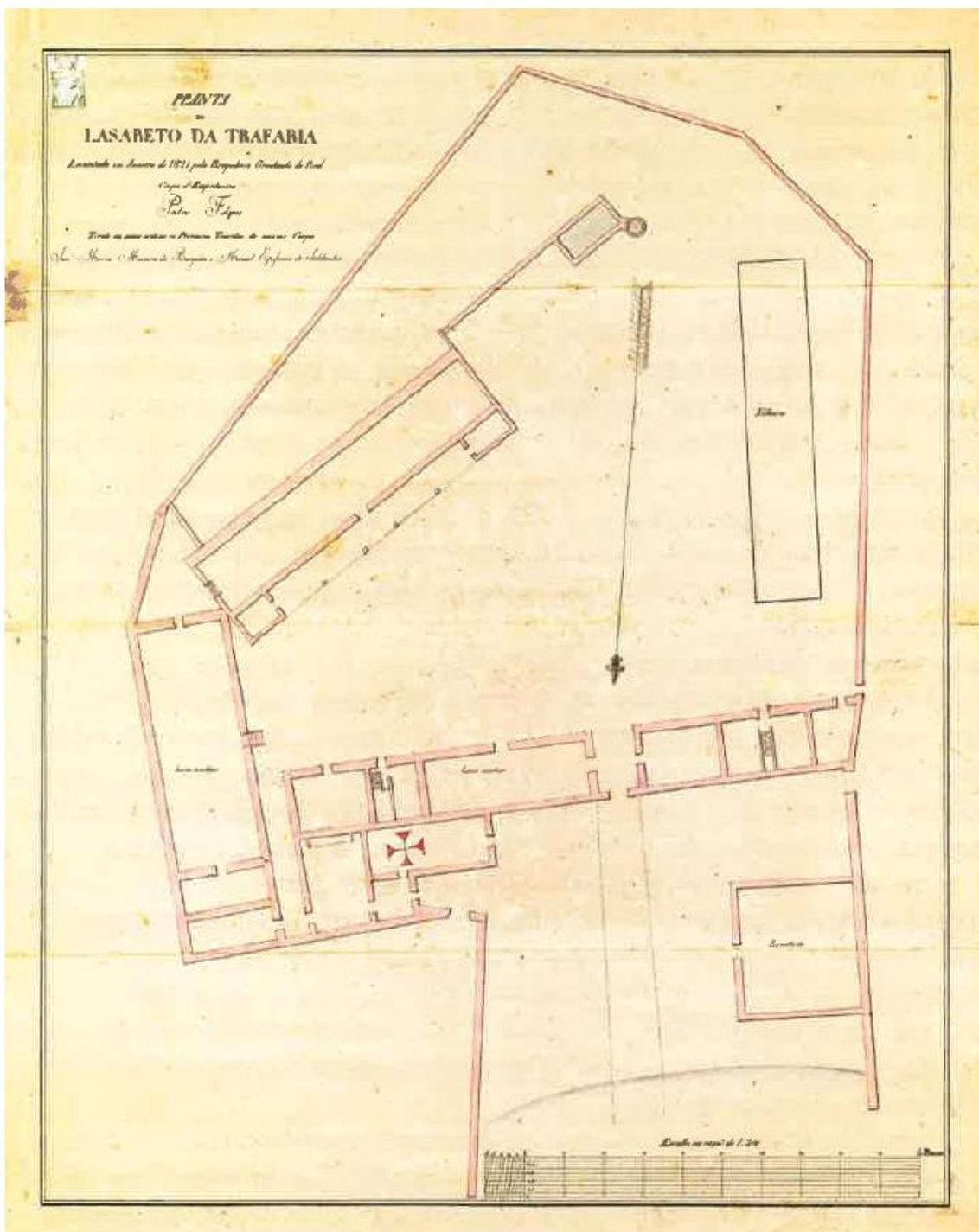
Trafaria — Vista parcial e estrada da Costa



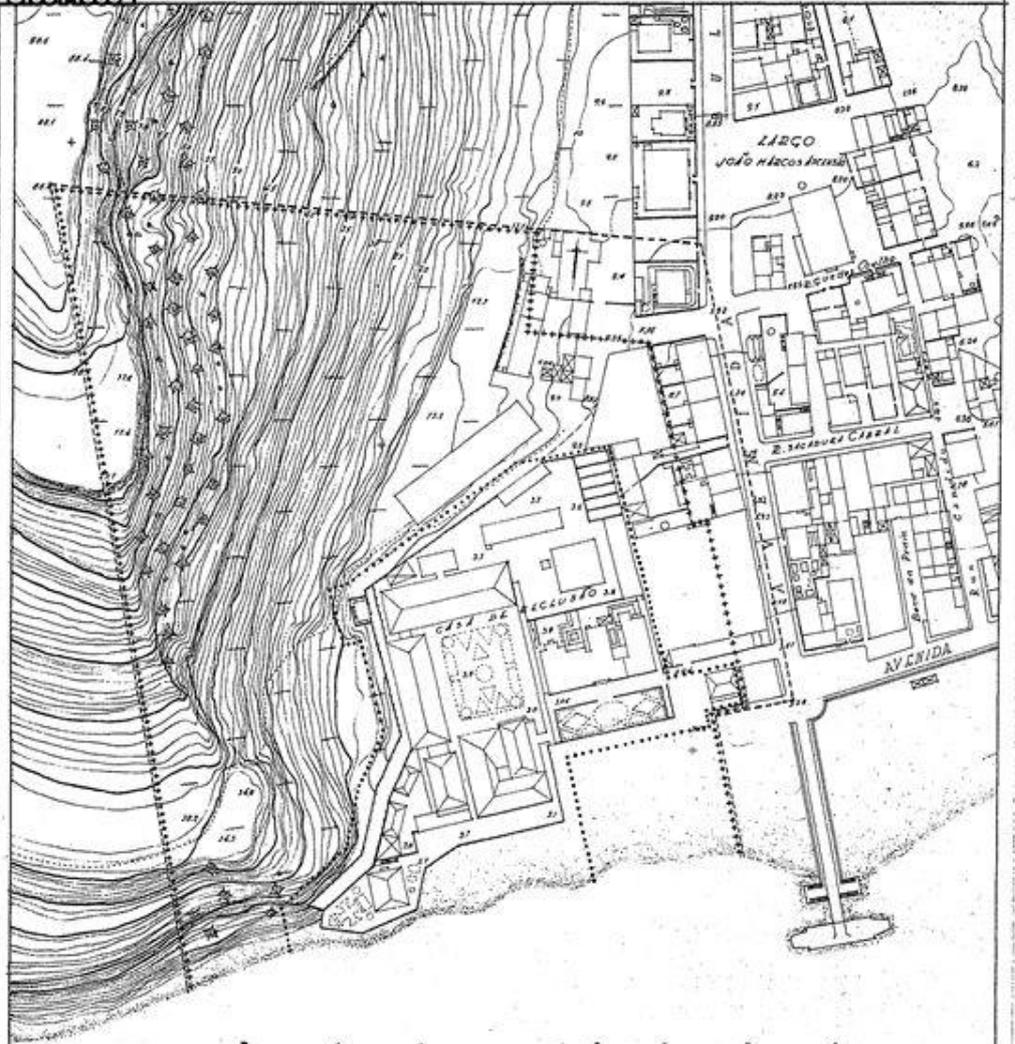


MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo



SIPADES.00148582



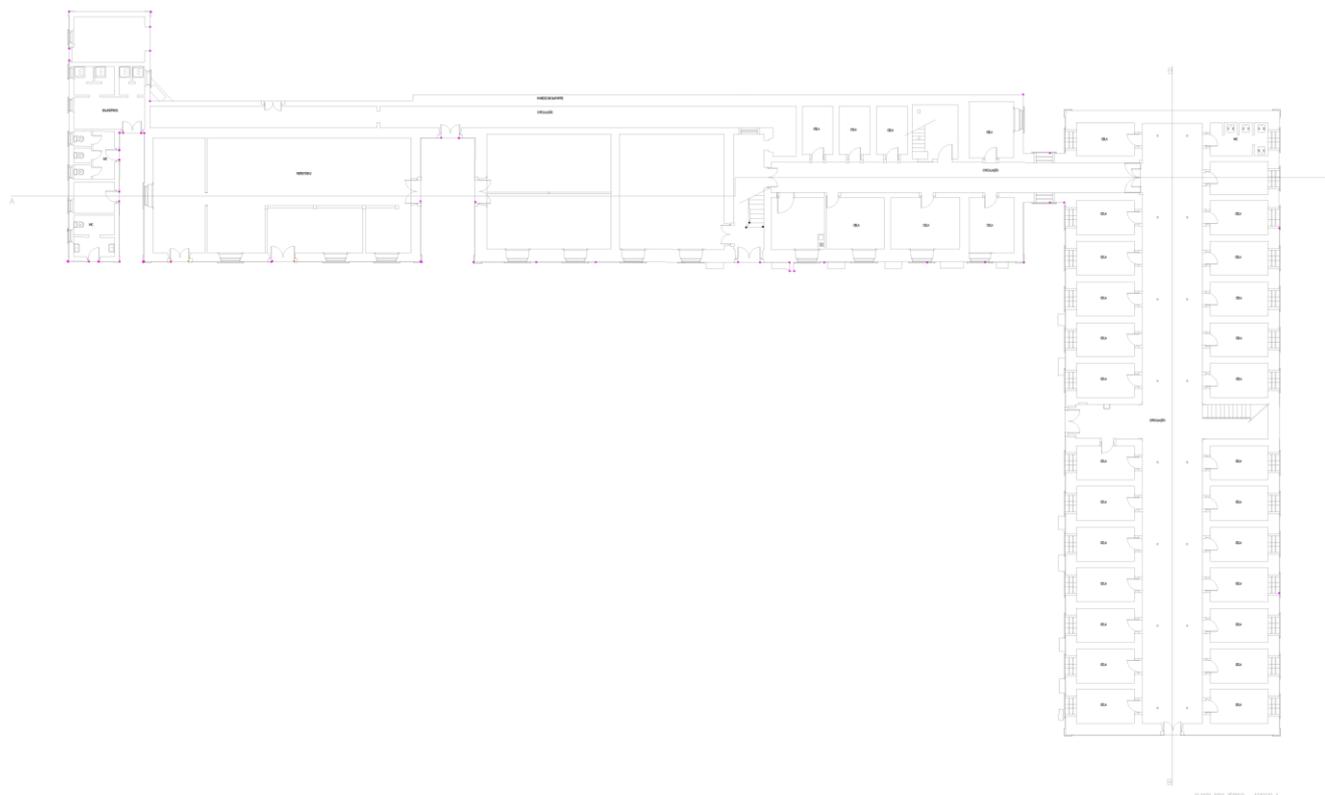
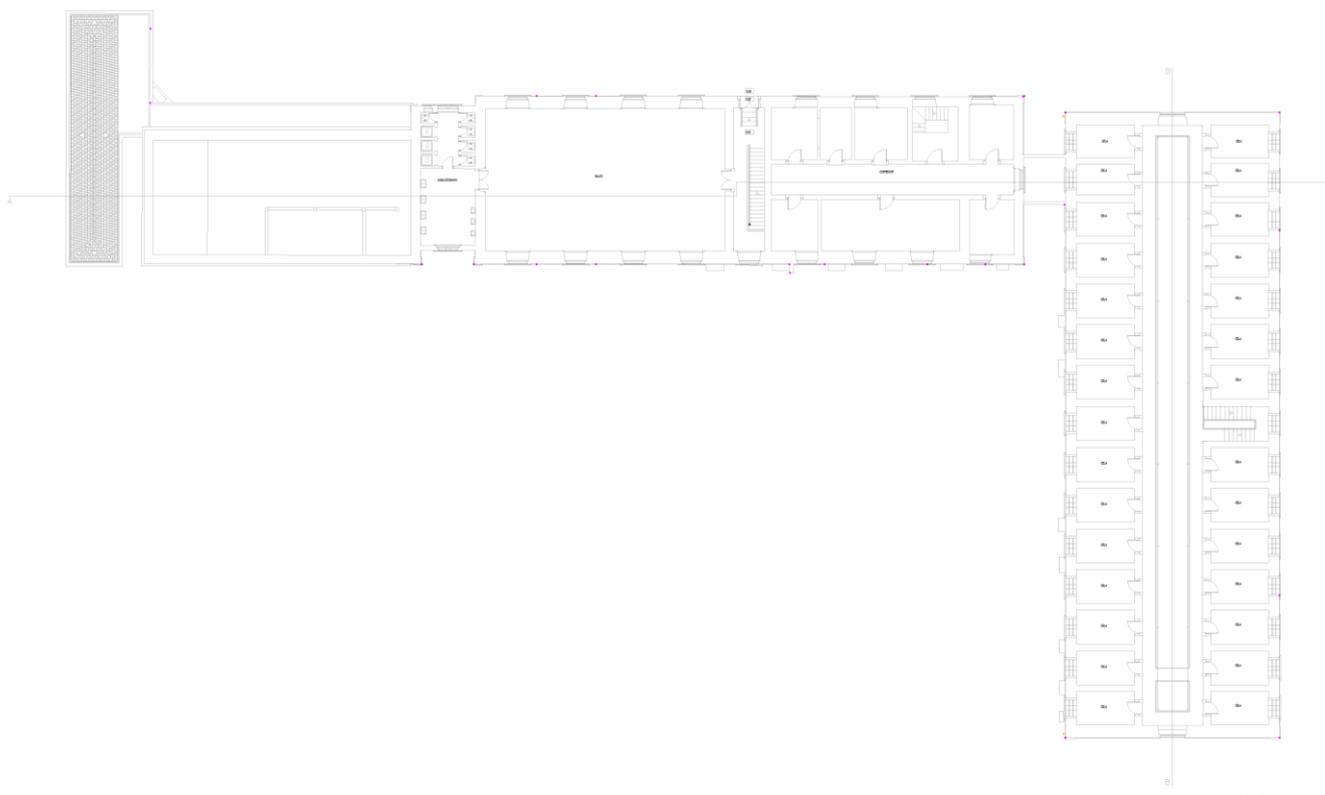
148582
ZONA DE PROTECÇÃO DO PRÉBIO DO ESTADO ONDE ESTÁ
INSTALADA A CASA DE RECLUSÃO DO GOVERNO MILITAR DE
LISBOA, NA TRÁFEGUA PLANTA TOPOGRÁFICA NA ESCALA DE 1:1000

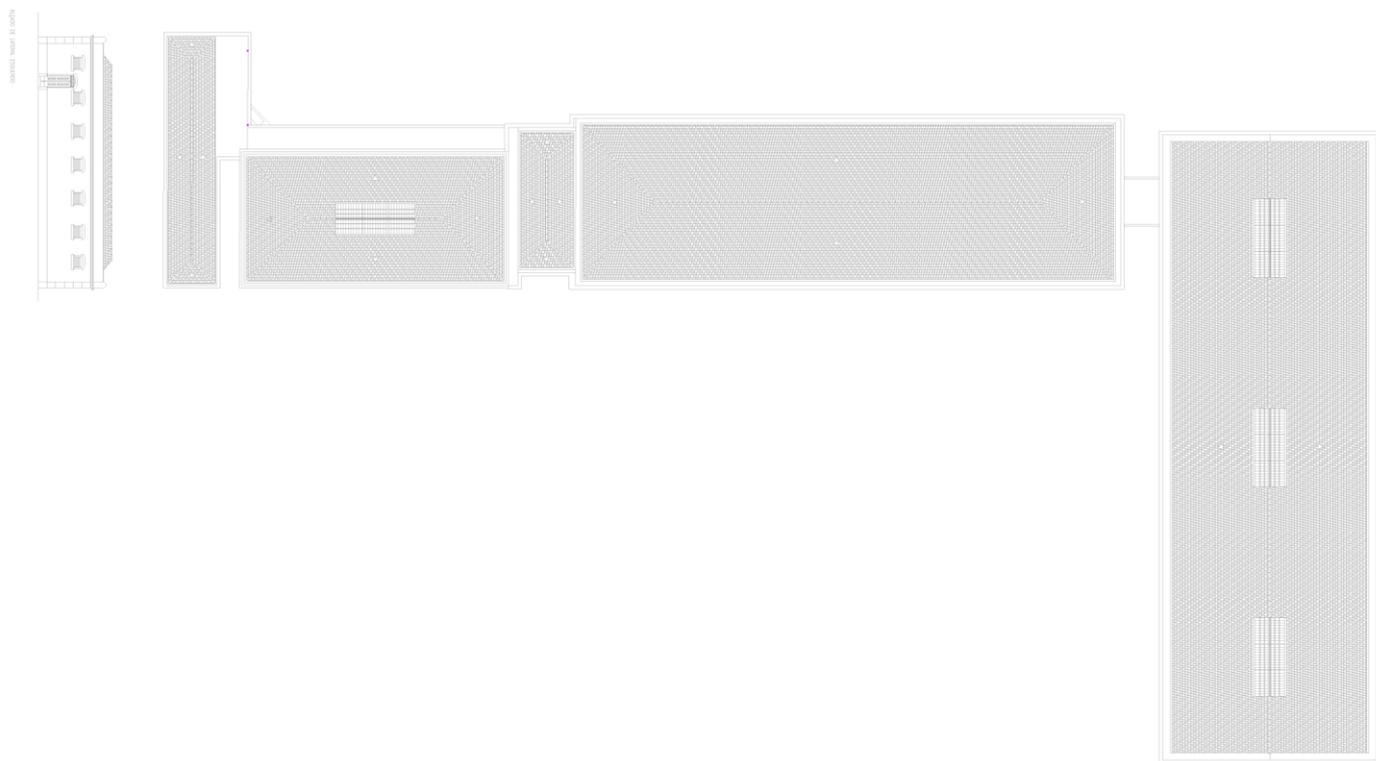
SIPA
Sistema de Informação
Arquitectónica
FORT DE SAGVÉM

LEGENDA
..... zona pedonal de circulação
..... zona de protecção
..... limite da propriedade

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

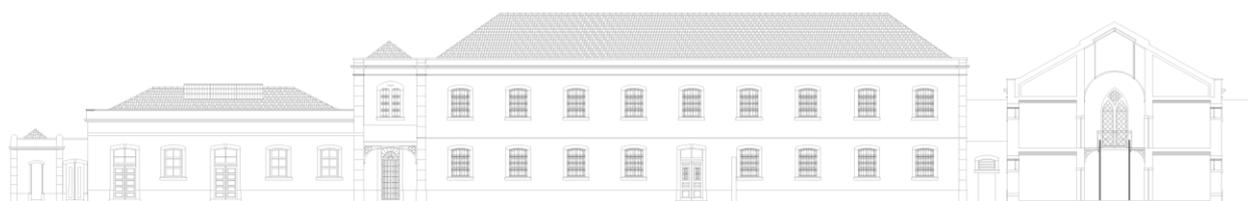




PLANO DEBENEFICIA - CORTA 4

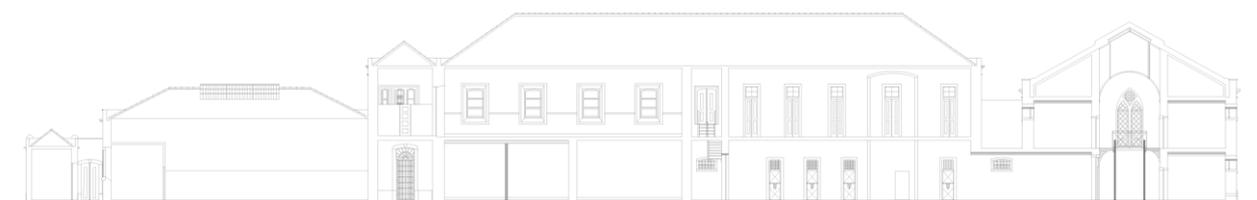
MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

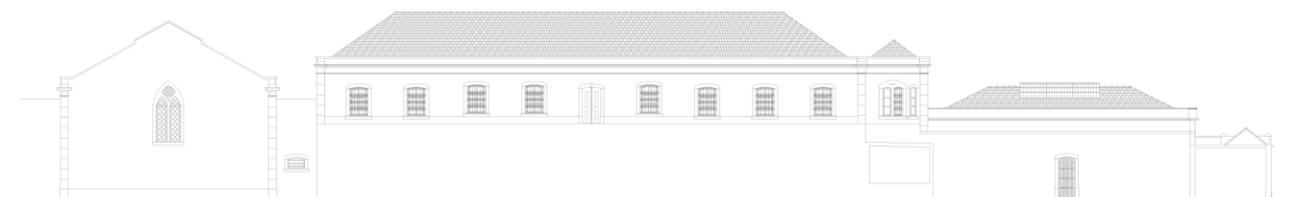


ALVARO PRINCIPAL

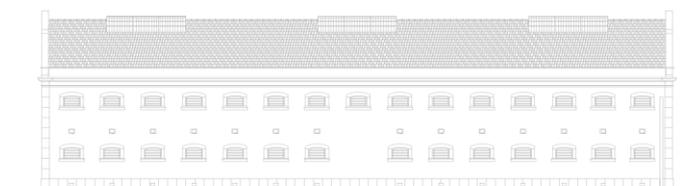
CORTE 3-4



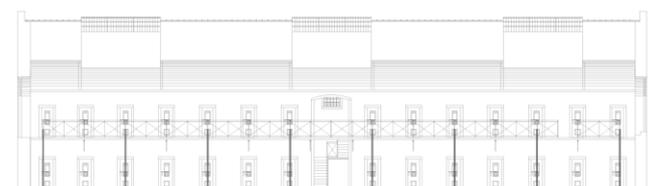
CORTE 2-4



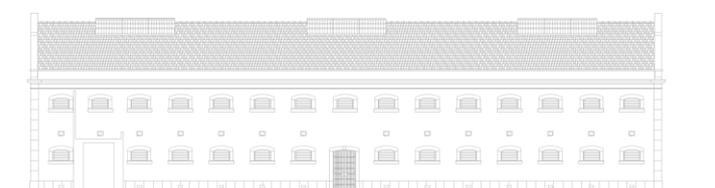
ALVARO PRINCIPAL

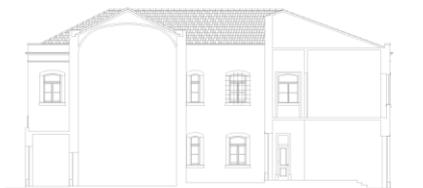


ALVARO PRINCIPAL



CORTE 1-4





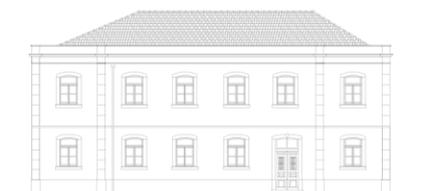
CORTE 1-1



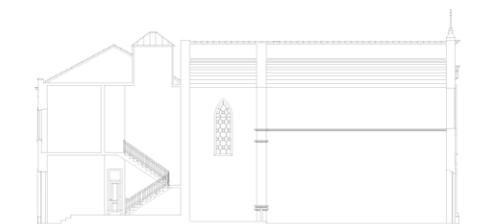
ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO LATERAL ESQUERDO



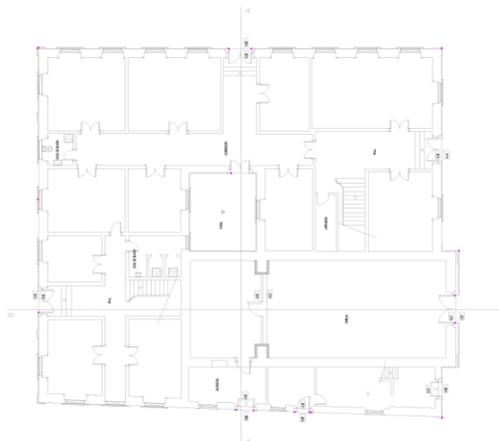
ALÇADO N. 10002



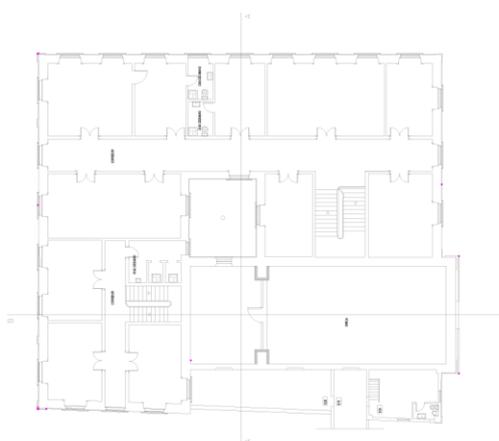
CORTE 2-2



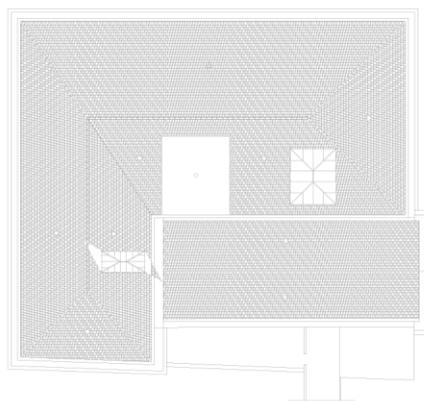
ALÇADO LATERAL DESTRO



PUNTA DO N.º 1 - CORTADO 1



PUNTA DO N.º 1 - CORTADO 1



PUNTA DO OBEREJAN - CORTADO 1

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo



ALÇADO DE TRÁS



ALÇADO PRINCIPAL



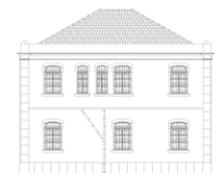
CORTE A-A



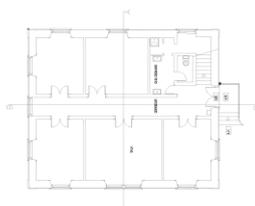
ALÇADO DE TRÁS (RECONSTR.)



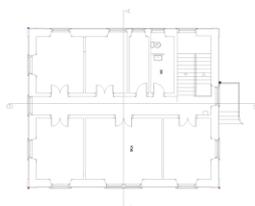
CORTE B-B



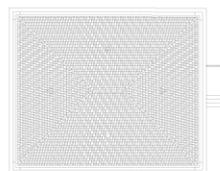
ALÇADO DE TRÁS (BRETO)



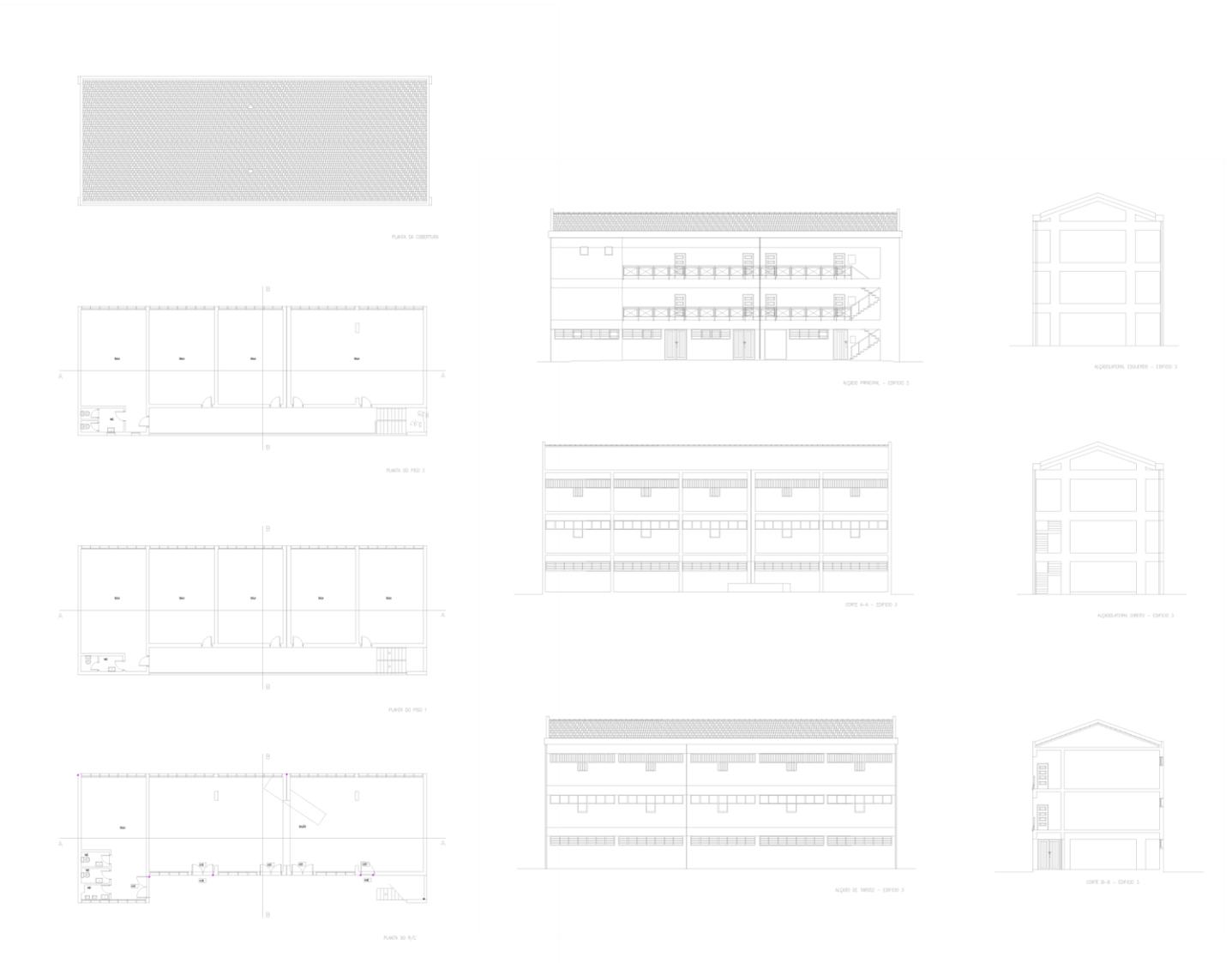
PLANO DE T/C - EPT00 0



PLANO DE 1ºO - EPT00 1

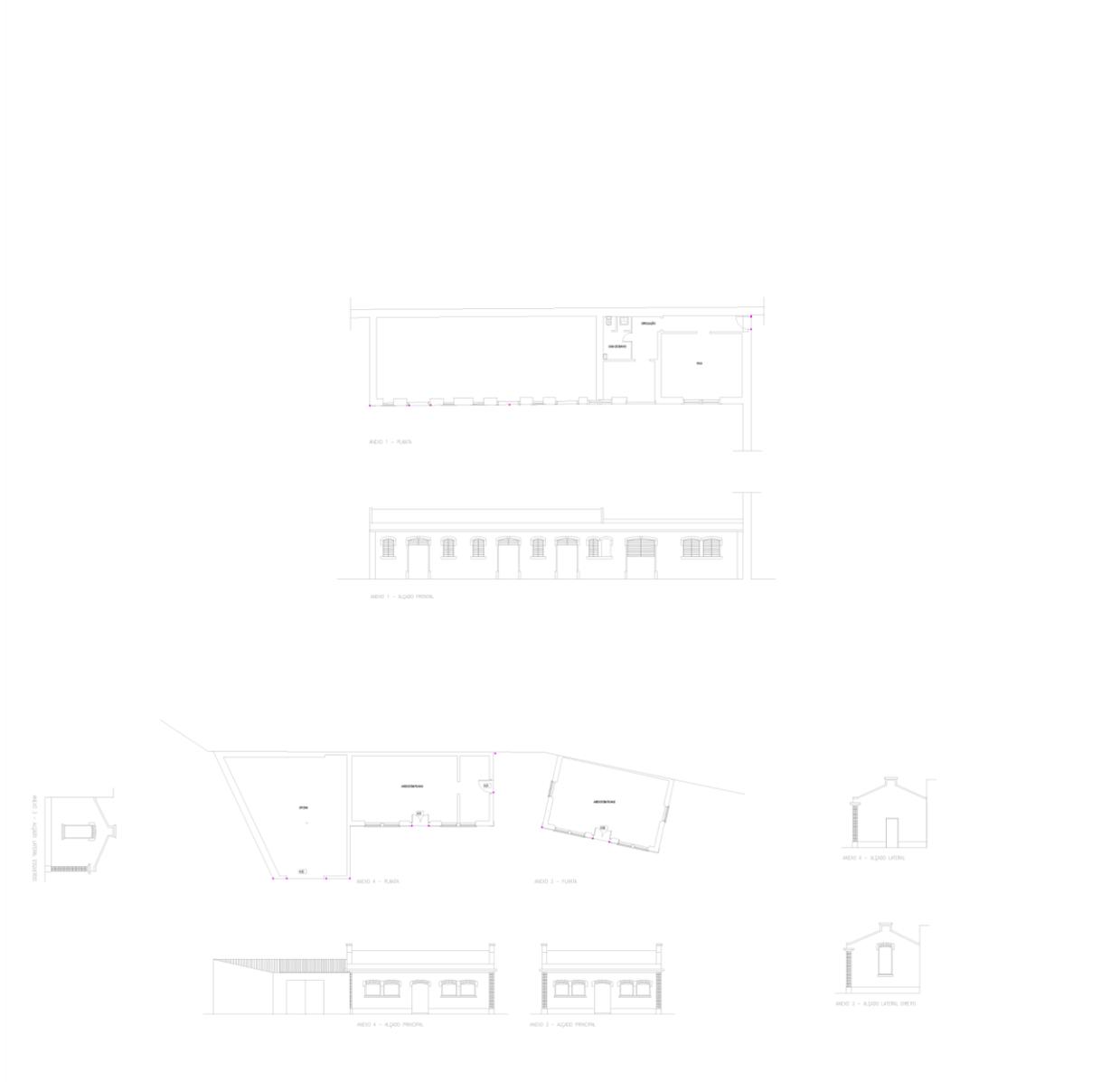


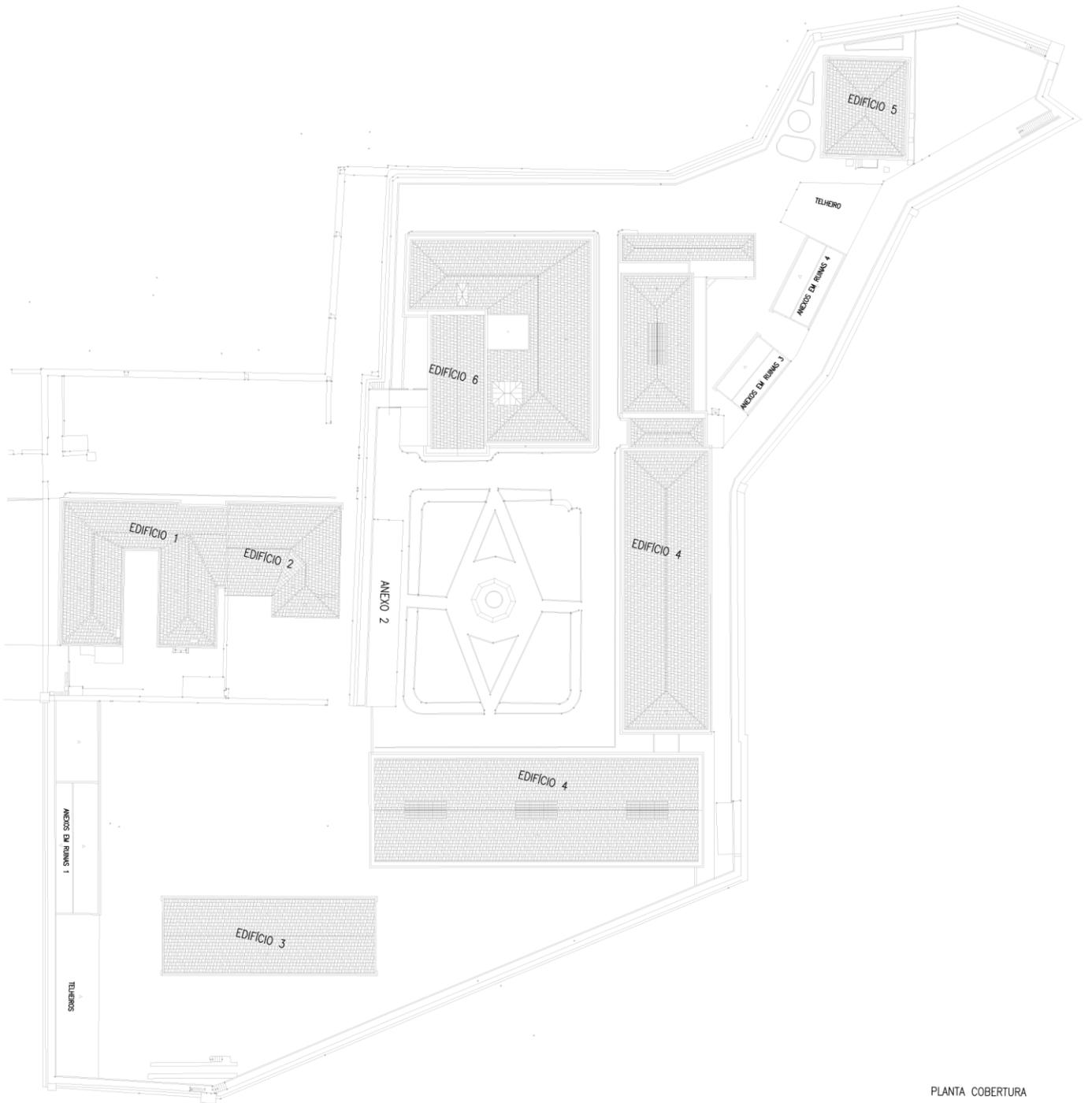
PLANO DE COBERTURA - EPT00 2



MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

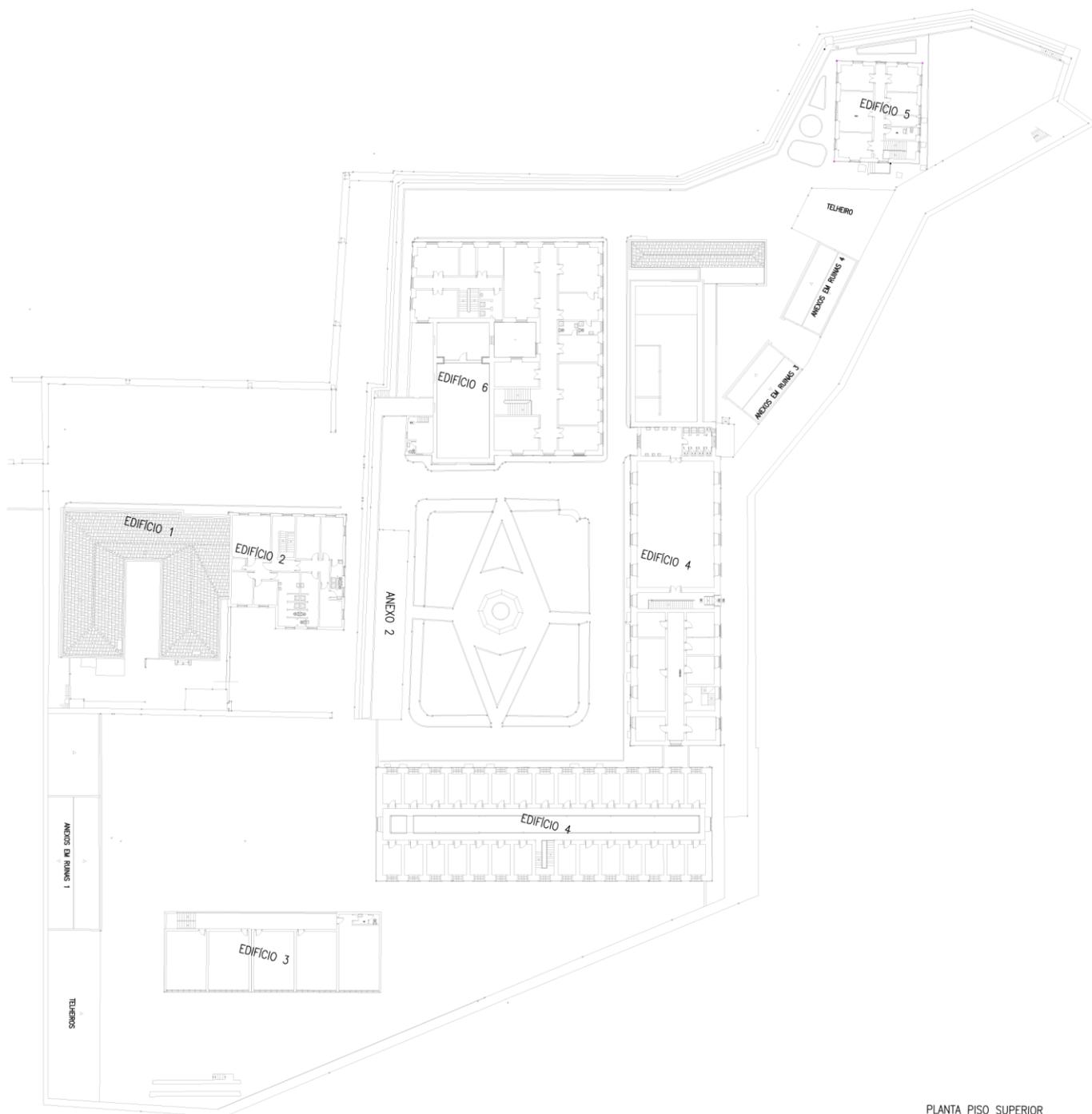




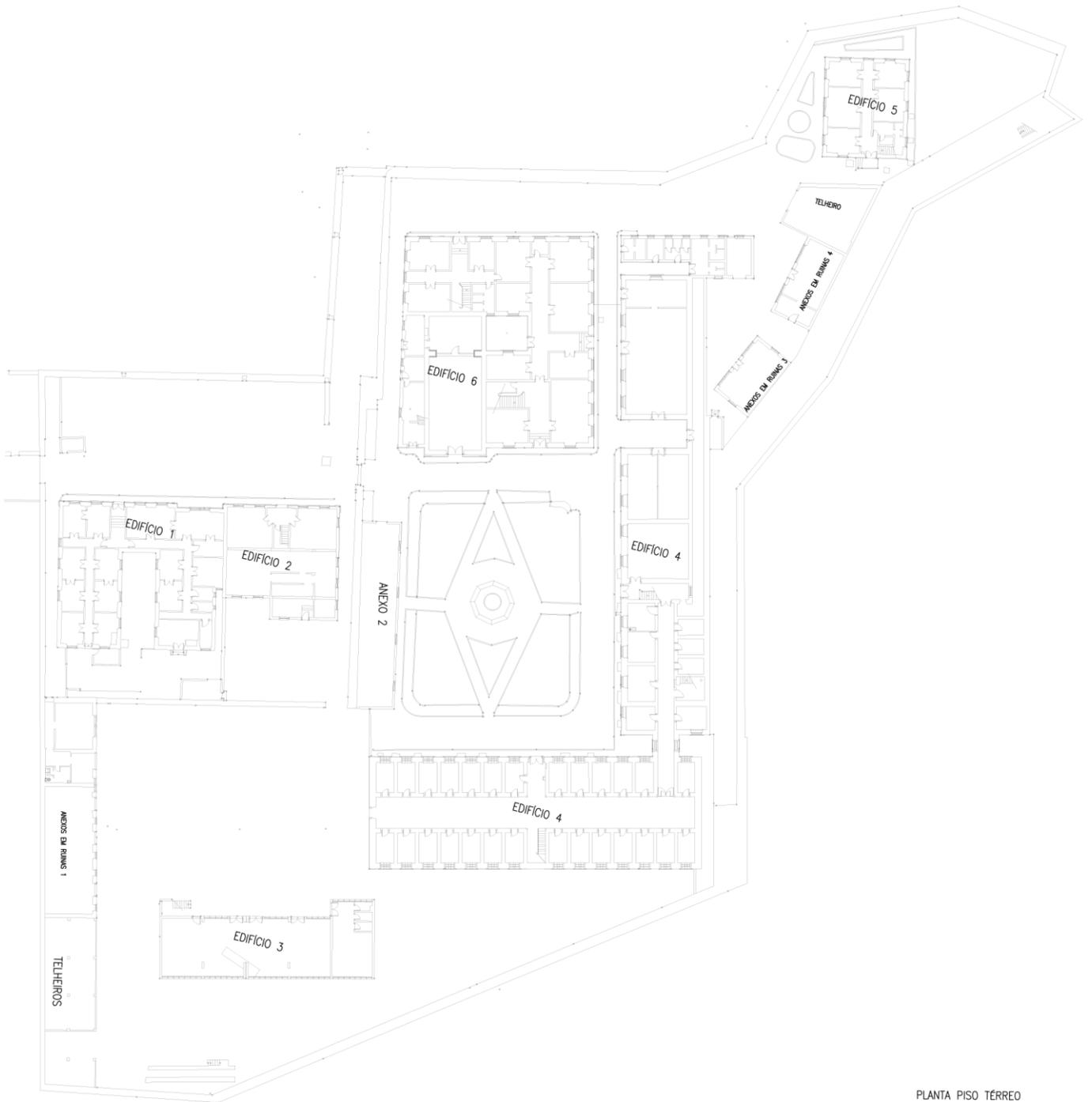
PLANTA COBERTURA

MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo



PLANTA PISO SUPERIOR



PLANTA PISO TÉRREO

MEMÓRIA (RE)VISITADA

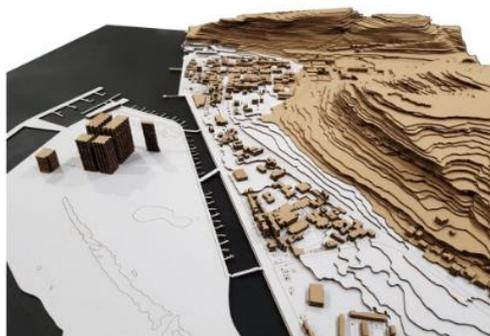
Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

Maquetes Finais

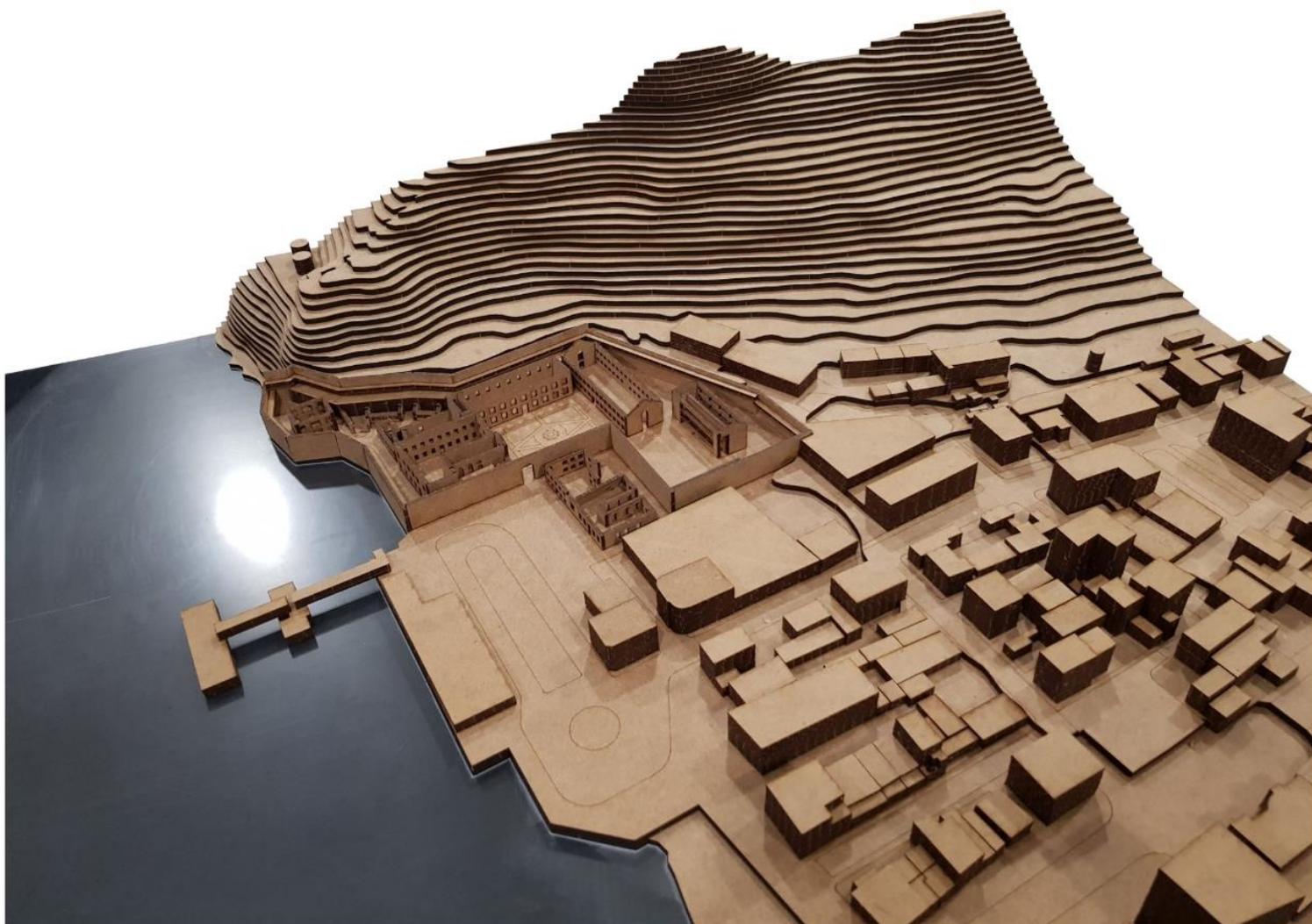
MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

01| Maquete final da Proposta Urbana – Esc. 1/2000



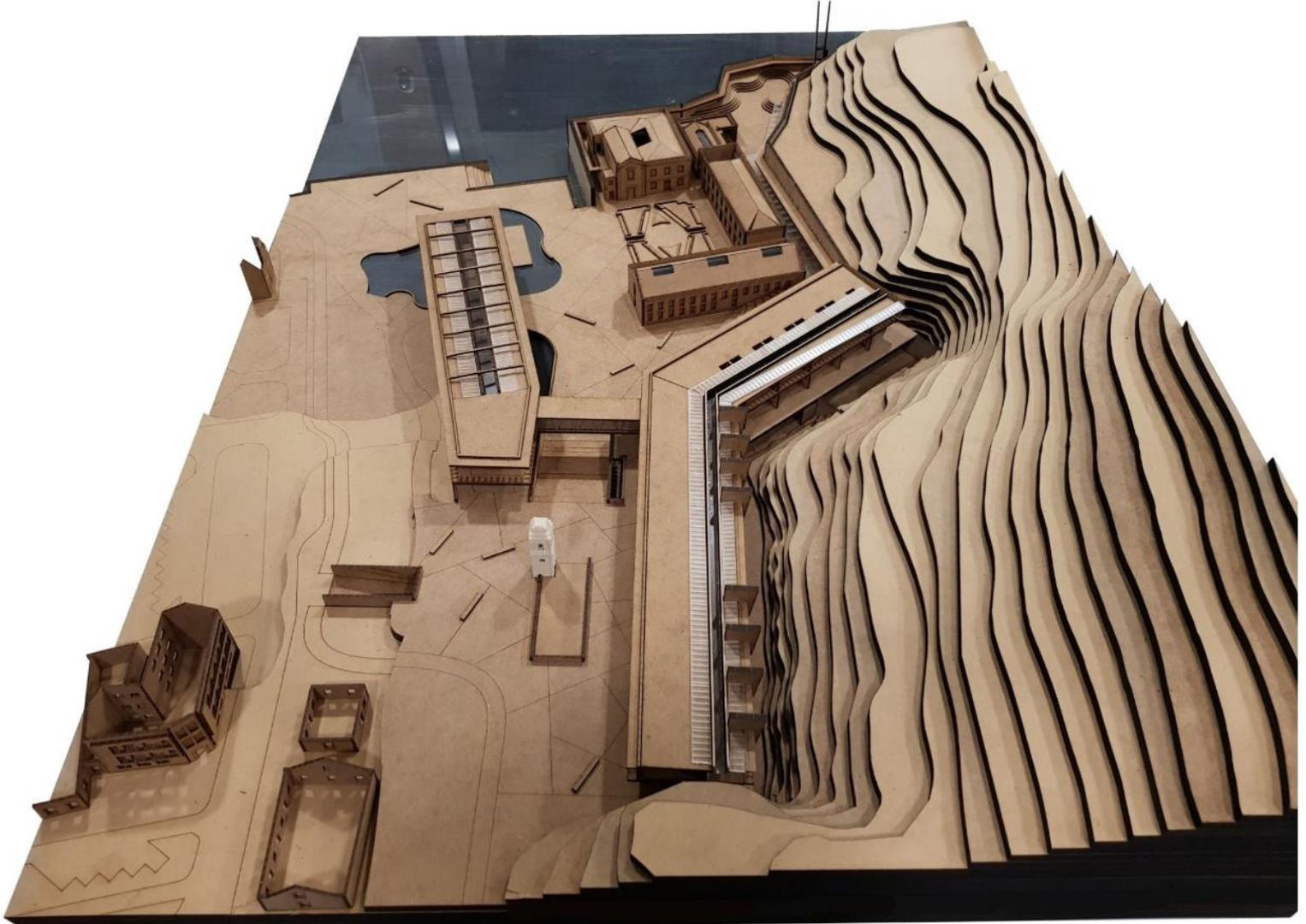
02 | Maquete final da Situação Existente – Esc. 1/500



MEMÓRIA (RE)VISITADA

Reabilitação do Forte da Trafaria como Escola de Hotelaria e Turismo

03| Maquete final da Proposta Arquitetónica – Esc. 1/250



APRESENTAÇÃO GRÁFICA

Montagem do Painel de Apresentação Completo

01| Enquadramento Urbano – Análise do Território

02| Proposta Urbana | Escala 1/5000

03| Proposta Urbana | Escala 1/1000

04| Proposta Urbana | Escala 1/500

05| Perspetiva Urbana – Norte - Sul

06| Axonometria Programática Explodida

07| Perspetiva Urbana – Sul - Norte

08| Perspetivas Exteriores I

09| Planta de Cobertura | Escala 1/250

10| Planta do Piso à Cota 15 | Escala 1/250

11| Planta do Piso à Cota 10 | Escala 1/250

12| Planta do Piso à Cota 4 | Escala 1/250

13| Cortes Transversais | Escala 1/250

14| Alçado Poente | Escala 1/250

15| Corte Longitudinal | Escala 1/250

16| Alçado Nascente | Escala 1/250

17| Perspetivas Interiores I

18| Matéria e Detalhe Construtivo - Planta | Escala 1/50

19| Matéria e Detalhe Construtivo - Corte | Escala 1/50

20| Corte Transversal Perspetivado | Escala 1/50

21| Corte Construtivo | Escala 1/20

22| Detalhe de Fachada | Escala 1/20

23| Detalhes Construtivos | Escala 1/10

24| Perspetivas Exteriores II



01 - Vista Aérea da Trafaria (1958)



02 - Passeio Ribeirinho da Trafaria (2011)



03 - Núcleo Urbano da Trafaria (2017)



04 - Núcleo Urbano e a Indústria (2018)



05 - Vista do Cais de Belém para a Trafaria (2019)



06 - Ruína da Torre da Igreja N.ª S.ª Conceição (2020)



07 - Estrutura Militar - Bateria da Alpena (2020)



08 - Estrutura Militar - Forte Da Trafaria (2020)



ESQ. LOCALIZAÇÃO - 1-50000

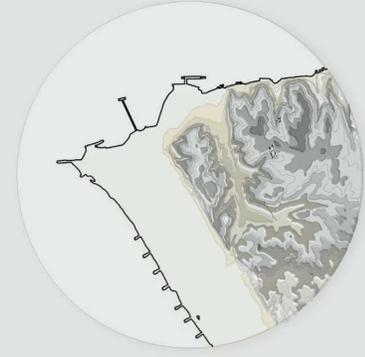


ESTRUTURA VERDE - 1-50000



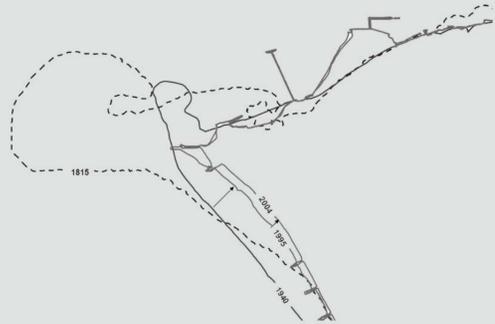
ESTRUTURA SECA E HÚMIDA - 1-50000

Seco
Húmido



MAPA DE DECLIVES - 1-50000

0 > 30(%)

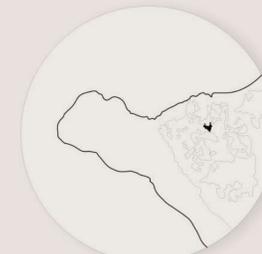


EVOLUÇÃO DA LINHA DE COSTA (adaptado de Ferreira, 1999)

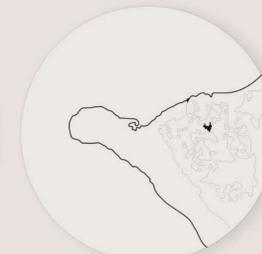


- Área de Intervenção
- Traçado Viário
- Ciclovía
- 01 Torre de Belém
- 02 Forte da Trafaria
- 03 Silos (Sitopor)
- 04 Quartel Militar da Trafaria
- 05 Bateria da Raposeira
- 06 Bateria da Alpena

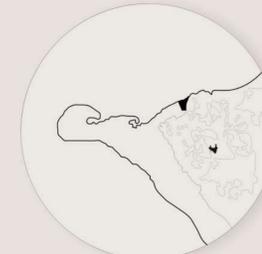
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA TRAFARIA- 1-10000



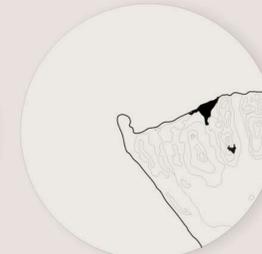
1600



1700



1815



1960



2020



2100

○ Evolução Territorial



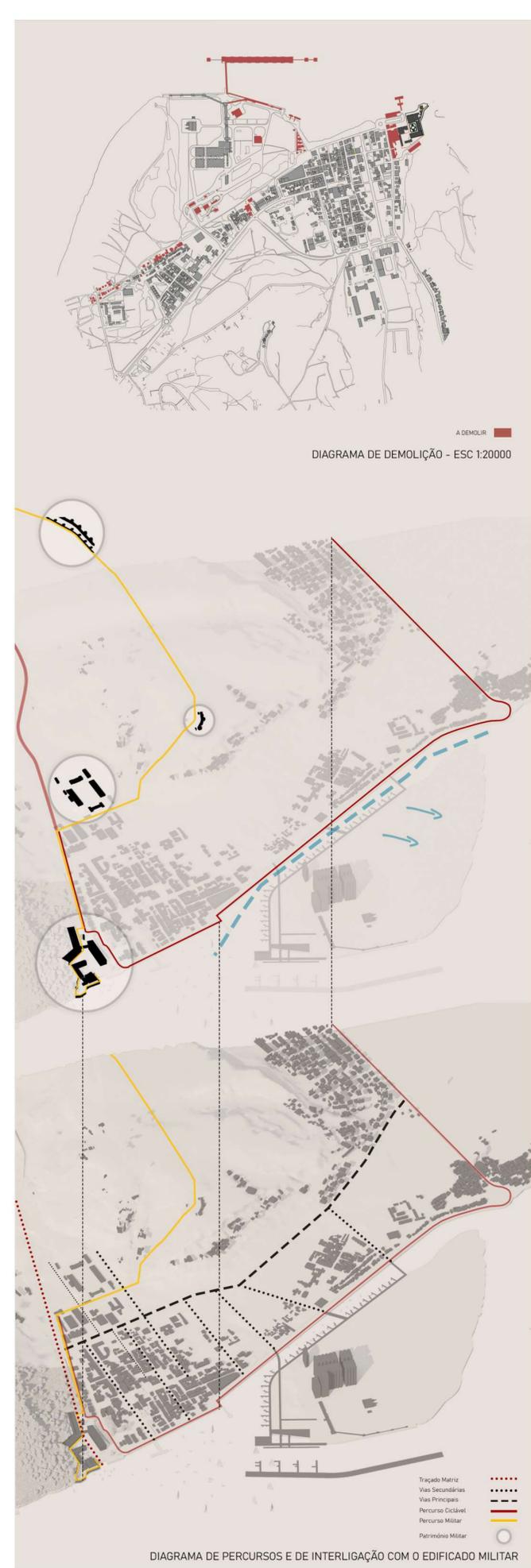
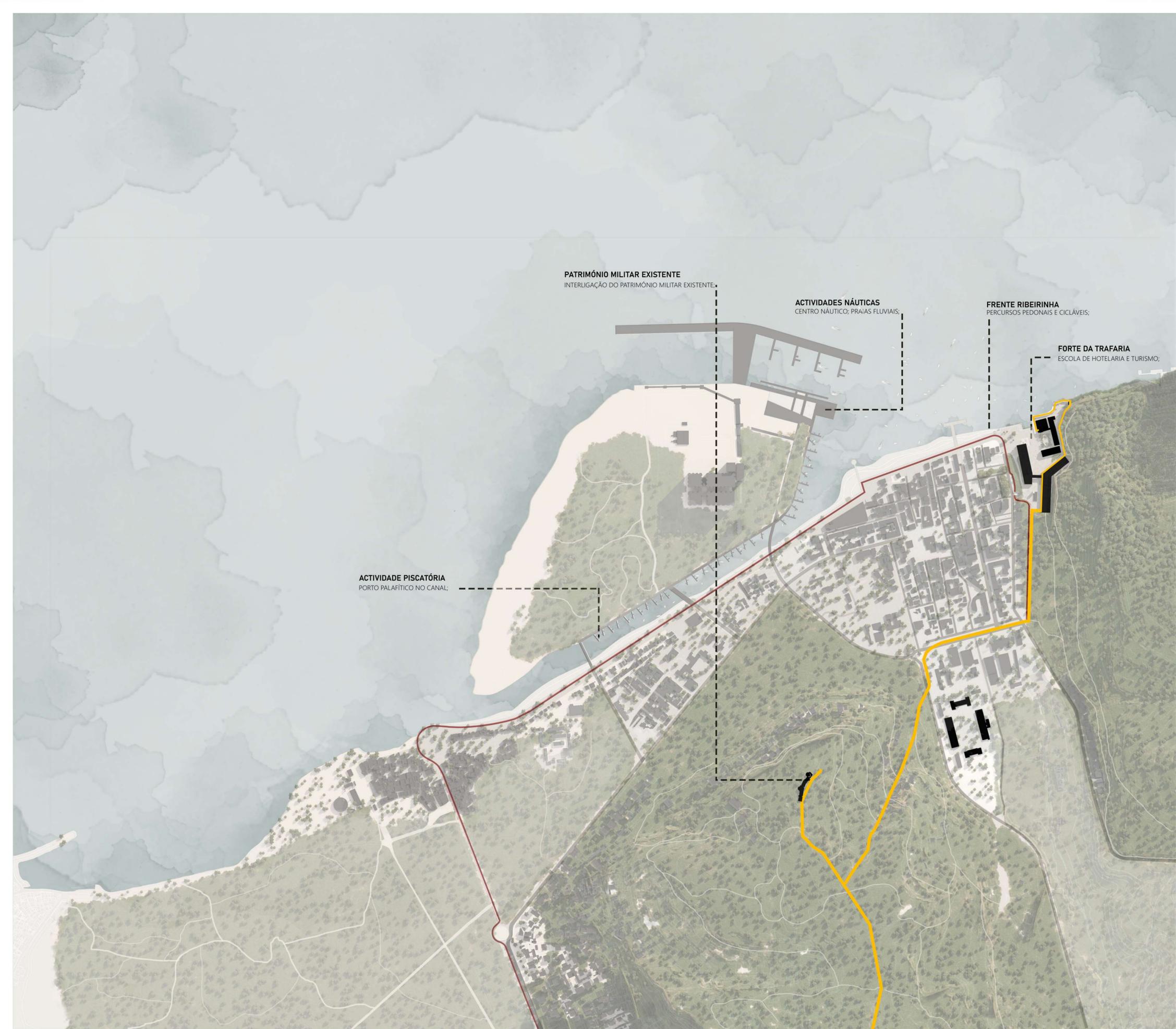
- Vias Principais
- Vias Secundárias
- Forte da Trafaria

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA TRAFARIA- 1-5000

MEMÓRIA (RE)VISITADA

REABILITAÇÃO DO FORTE DA TRAFARIA COMO ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO

ENQUADRAMENTO URBANO - ANÁLISE DO TERRITÓRIO
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa | Mestrado integrado em Arquitectura
João Pedro Dias | Orientadores : Prof. Dr. António Santos Leite | Prof. Dr. Jorge Firmino Nunes

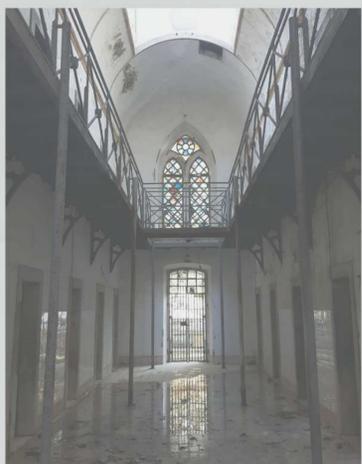




01 - Vista Do Percurso do Adarve (2020)



02 - Jardim Formal no Interior do Forte (2020)



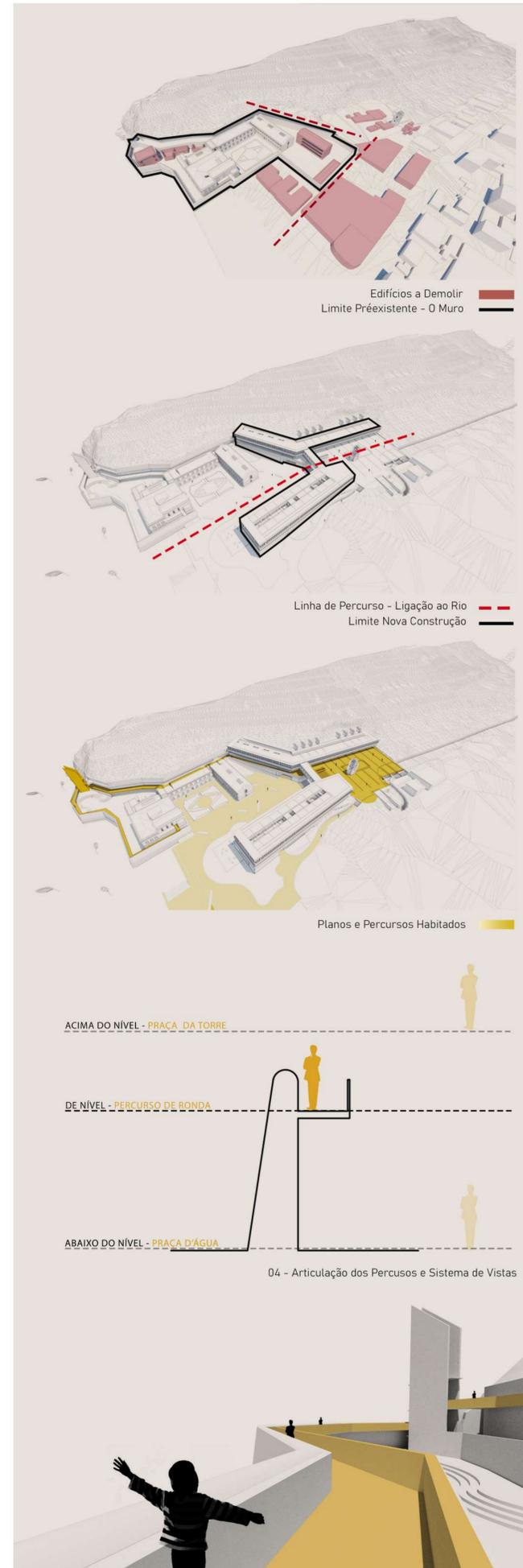
03 - Edifício da Ala Prisional (2020)



04 - Conjunto Pré Existente (2020)



05 - O adarve e a vista para Lisboa (2020)



Edifícios a Demolir
Limite Préexistente - O Muro

Linha de Percurso - Ligação ao Rio
Limite Nova Construção

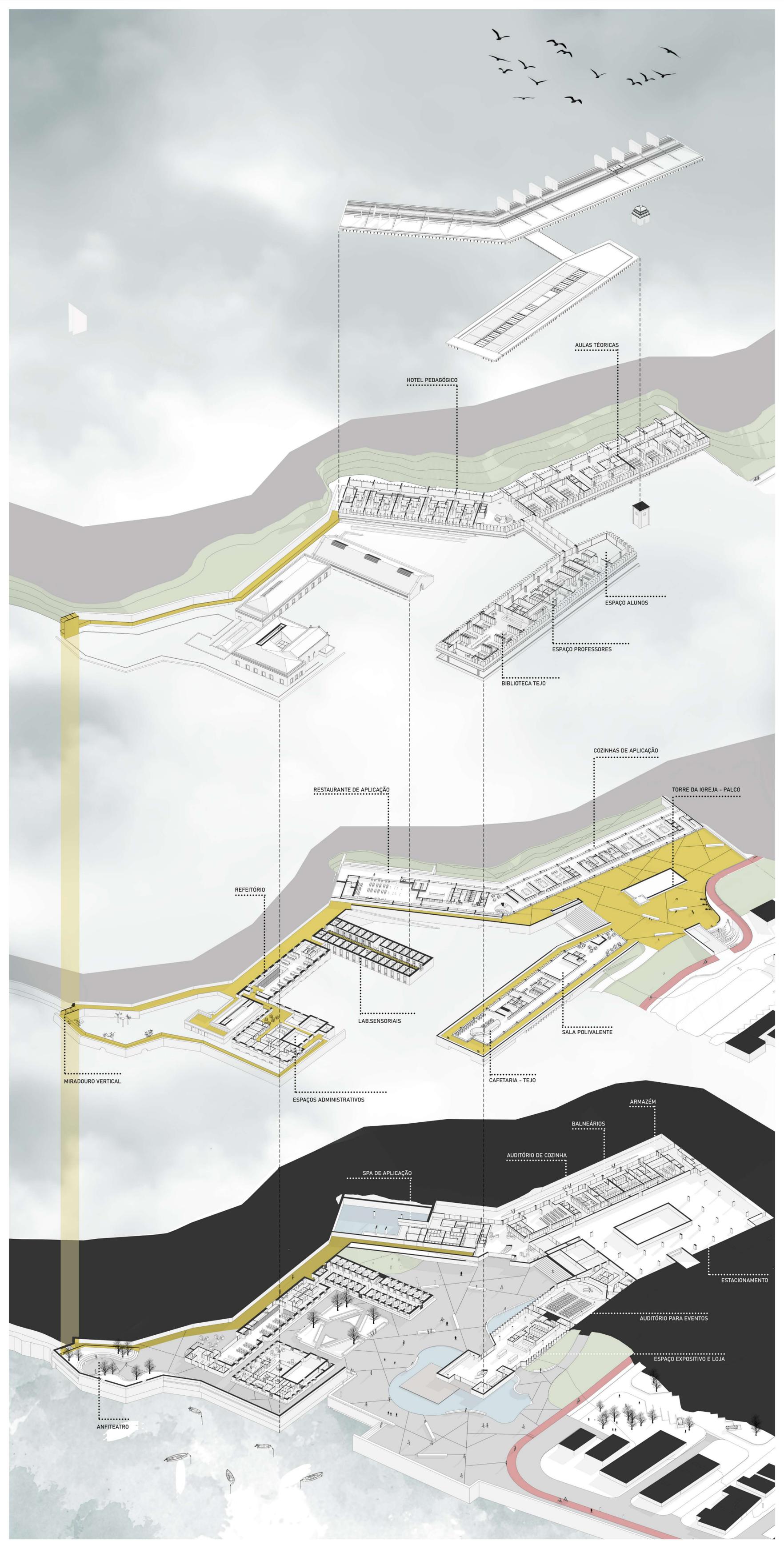
Planos e Percursos Habitados

ACIMA DO NÍVEL - PRAÇA DA TORRE
DE NÍVEL - PERCURSO DE RONDA
ABAIXO DO NÍVEL - PRAÇA D'ÁGUA

04 - Articulação dos Percursos e Sistema de Vistas



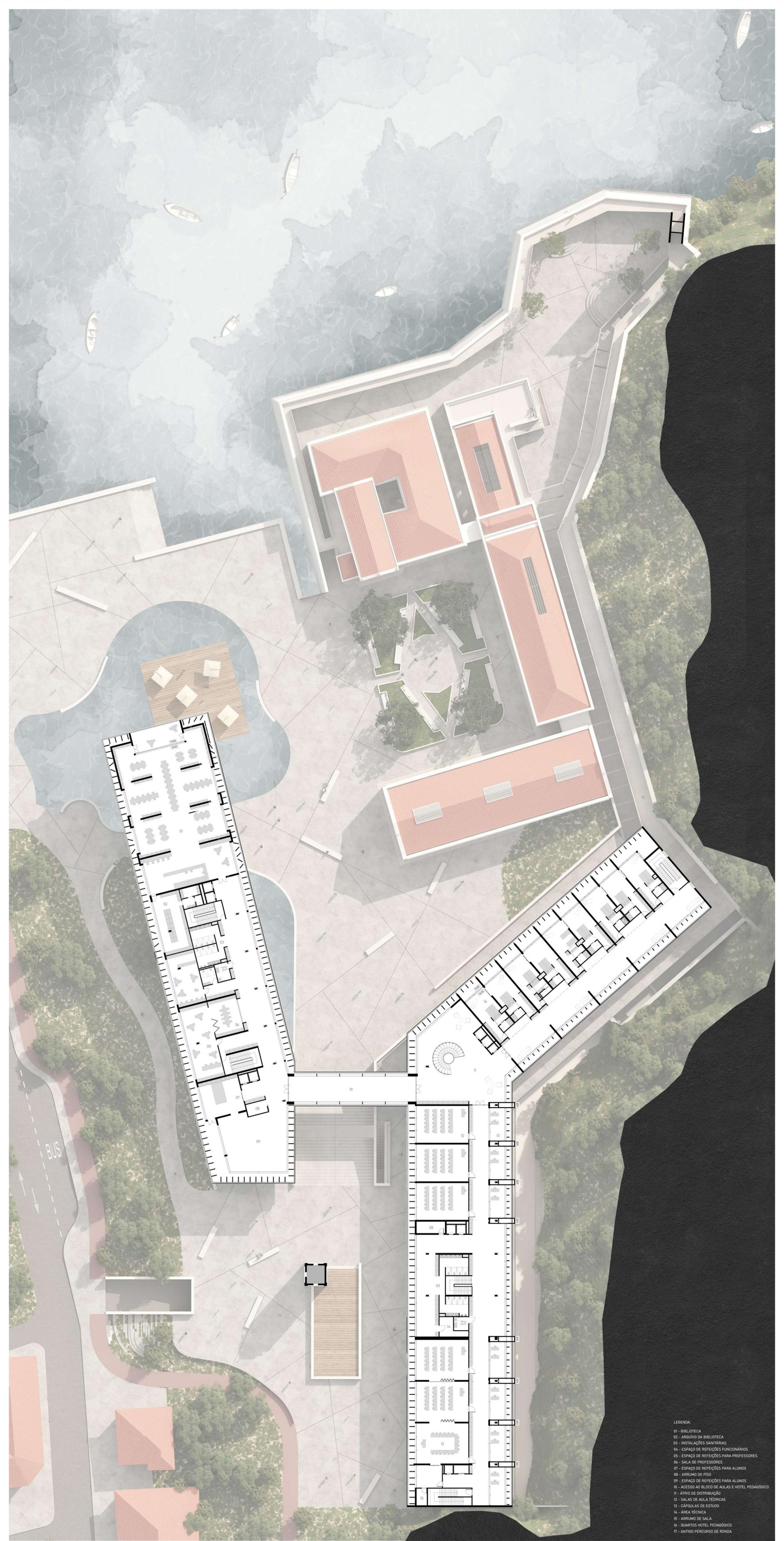




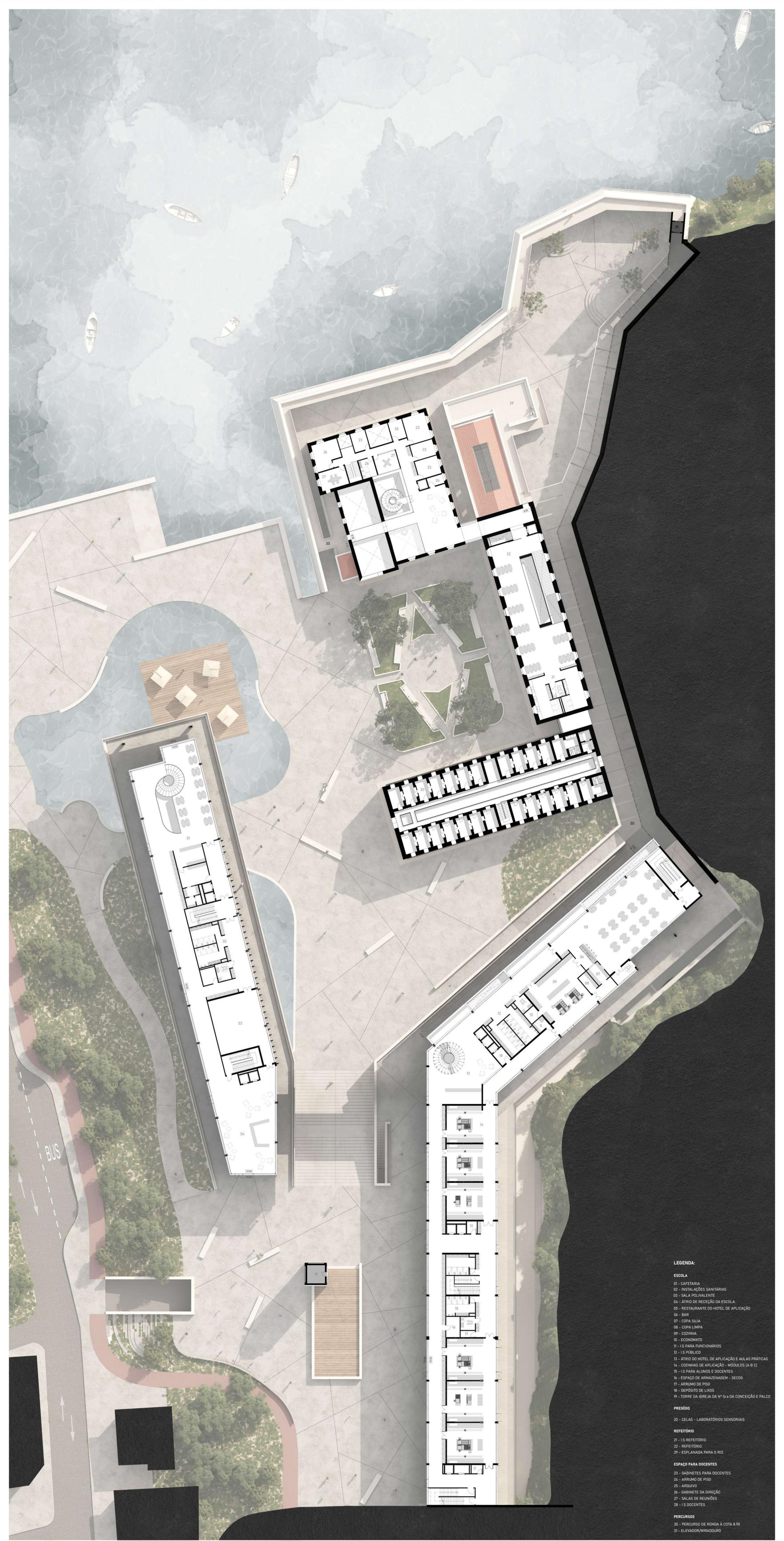








- LEGENDA:
- 01 - BIBLIOTECA
 - 02 - ARQUIVO DA BIBLIOTECA
 - 03 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
 - 04 - ESPAÇO DE REFEIÇÕES PARA FUNCIONÁRIOS
 - 05 - ESPAÇO DE REFEIÇÕES PARA PROFESSORES
 - 06 - SALA DE PROFESSORES
 - 07 - ESPAÇO DE REFEIÇÕES PARA ALUNOS
 - 08 - ARRILMO DE PISO
 - 09 - ESPAÇO DE REFEIÇÕES PARA ALUNOS
 - 10 - ACESSO AO BLOCO DE AULAS E HOTEL PEDAGÓGICO
 - 11 - ÁTRIO DE DISTRIBUIÇÃO
 - 12 - SALAS DE AULA TEÓRICAS
 - 13 - CÁPSULAS DE ESTUDO
 - 14 - ÁREA TÉCNICA
 - 15 - ARRILMO DE SALA
 - 16 - QUARTOS HOTEL PEDAGÓGICO
 - 17 - ANTIGO PERCURSO DE RONDA



LEGENDA:

ESCOLA

- 01 - CAFETARIA
- 02 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- 03 - SALA POLIVALENTE
- 04 - ÁTRIO DE RECEÇÃO DA ESCOLA
- 05 - RESTAURANTE DO HOTEL DE APLICAÇÃO
- 06 - BAR
- 07 - COPA SUJA
- 08 - COPA LIMPA
- 09 - COZINHA
- 10 - ECONOMATO
- 11 - IS PARA FUNCIONÁRIOS
- 12 - IS PÚBLICO
- 13 - ÁTRIO DO HOTEL DE APLICAÇÃO E AULAS PRÁTICAS
- 14 - COZINHAS DE APLICAÇÃO - MÓDULOS (A B C)
- 15 - IS PARA ALUNOS E DOCENTES
- 16 - ESPAÇO DE ARMAZENAGEM - SECOS
- 17 - ARRUMIO DE PISO
- 18 - DEPÓSITO DE LIXOS
- 19 - TORRE DA IGREJA DA N.ª S.ª DA CONCEIÇÃO E PALCO

PRÉSIDIO

- 20 - CELAS - LABORATÓRIOS SENSORIAIS

REFETÓRIO

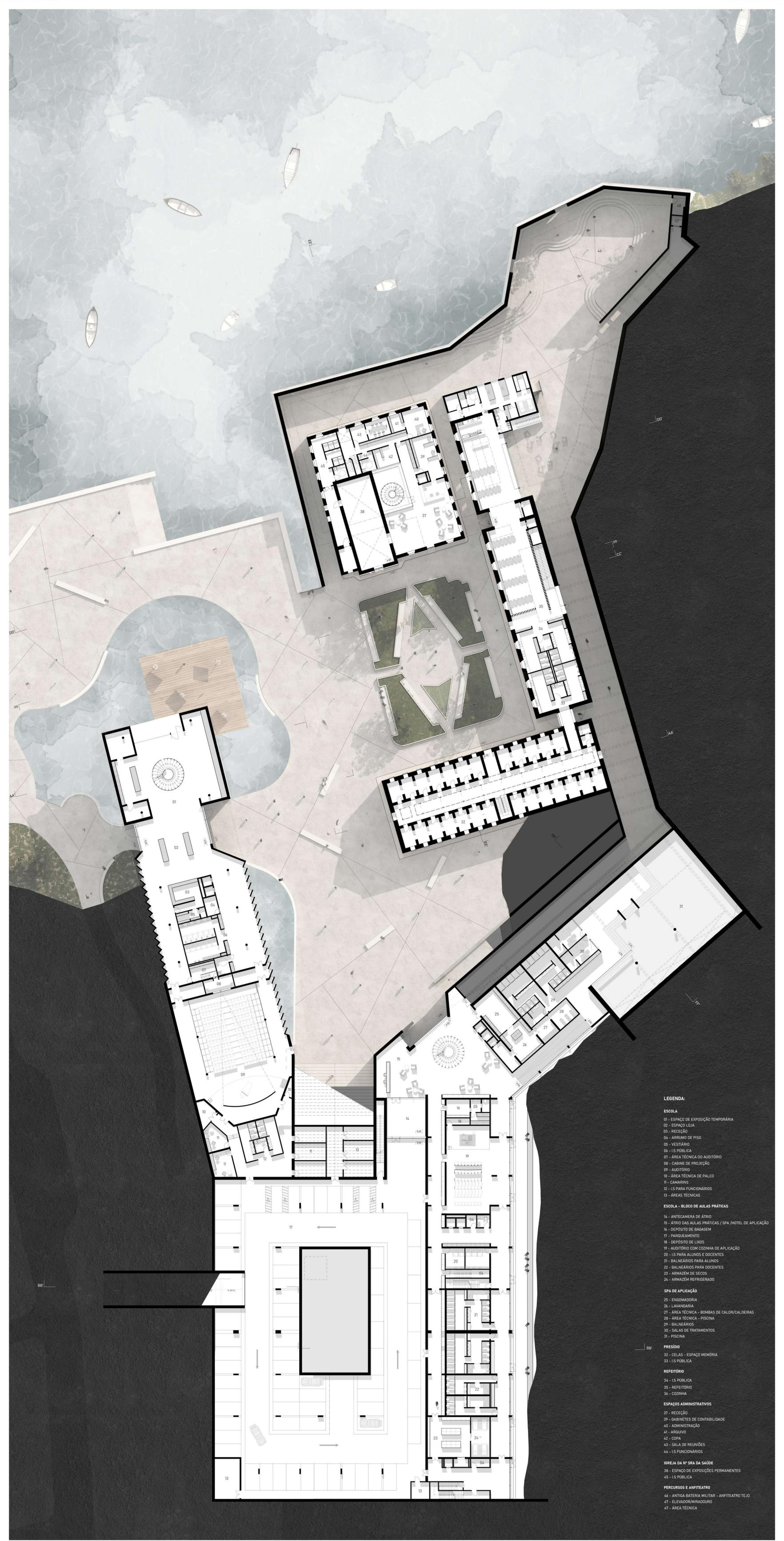
- 21 - IS REFETÓRIO
- 22 - REFETÓRIO
- 29 - ESPLANADA PARA O RIO

ESPAÇO PARA DOCENTES

- 23 - GABINETES PARA DOCENTES
- 24 - ARRUMIO DE PISO
- 25 - ARQUIVO
- 26 - GABINETE DA DIREÇÃO
- 27 - SALAS DE REUNIÕES
- 28 - IS DOCENTES

PERCURSOS

- 30 - PERCURSO DE RONDA À COTA 8 90
- 31 - ELEVADOR/MIRADOURO



LEGENDA:

- ESCOLA**
- 01 - ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA
- 02 - ESPAÇO LOJA
- 03 - RECEÇÃO
- 04 - ARRUMO DE PISO
- 05 - VESTIÁRIO
- 06 - I.S PÚBLICA
- 07 - ÁREA TÉCNICA DO AUDITÓRIO
- 08 - CABINE DE PROJEÇÃO
- 09 - AUDITÓRIO
- 10 - ÁREA TÉCNICA DE PALCO
- 11 - CAMARINS
- 12 - I.S PARA FUNCIONÁRIOS
- 13 - ÁREAS TÉCNICAS
- ESCOLA - BLOCO DE AULAS PRÁTICAS**
- 14 - ANTECAMERA DE ÁTRIO
- 15 - ÁTRIO DAS AULAS PRÁTICAS / SPA / HOTEL DE APLICAÇÃO
- 16 - DEPÓSITO DE BAGAGEM
- 17 - PARQUEAMENTO
- 18 - DEPÓSITO DE LIXOS
- 19 - AUDITÓRIO COM COZINHA DE APLICAÇÃO
- 20 - I.S PARA ALUNOS E DOCENTES
- 21 - BANHEIROS PARA ALUNOS
- 22 - BANHEIROS PARA DOCENTES
- 23 - ARMAZÉM DE SECOS
- 24 - ARMAZÉM REFRIGERADO
- SPA DE APLICAÇÃO**
- 25 - ENCOMANDARIA
- 26 - LAVANDARIA
- 27 - ÁREA TÉCNICA - BOMBAS DE CALOR/CADEIRAS
- 28 - ÁREA TÉCNICA - PISCINA
- 29 - BANHEIROS
- 30 - SALAS DE TRATAMENTOS
- 31 - PISCINA
- PRÉSIDIO**
- 32 - CELAS - ESPAÇO MEMÓRIA
- 33 - I.S PÚBLICA
- REFETÓRIO**
- 34 - I.S PÚBLICA
- 35 - REFETÓRIO
- 36 - COZINHA
- ESPAÇOS ADMINISTRATIVOS**
- 37 - RECEÇÃO
- 39 - GABINETES DE CONTABILIDADE
- 40 - ADMINISTRAÇÃO
- 41 - ARQUIVO
- 42 - COFA
- 43 - SALA DE REUNIÕES
- 44 - I.S FUNCIONÁRIOS
- IGREJA DA N.ª SRA DA SAÚDE**
- 38 - ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES PERMANENTES
- 45 - I.S PÚBLICA
- PERCURSOS E ANFITHEATRO**
- 46 - ANTIGA BATERIA MILITAR - ANFITHEATRO TEJO
- 47 - ELEVADOR/MIRADOURO
- 47 - ÁREA TÉCNICA



CORTE AA



CORTE BB



CORTE CC



CORTE DD



CORTE EE



CORTE FF

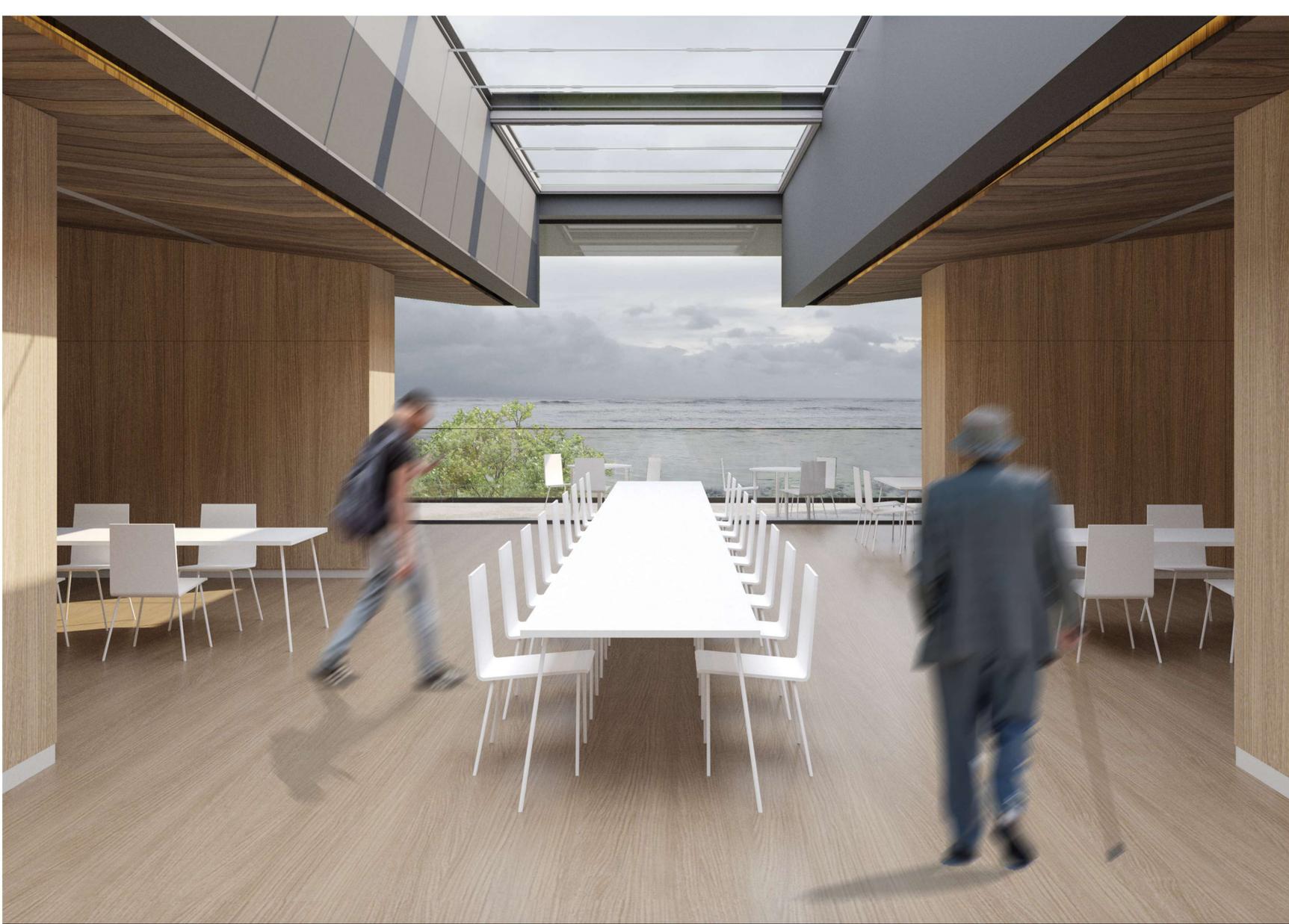


CORTE GG











10.00

10.03

2.40

80

30

1.40

90

1.20

90

1.20

90

2.10

2.10

90

2.50

30

3.02

90

90

35

90

1.50

2.10

2.10

90

1.50

2.10

2.10

90

35

90

1.40

30

20

20

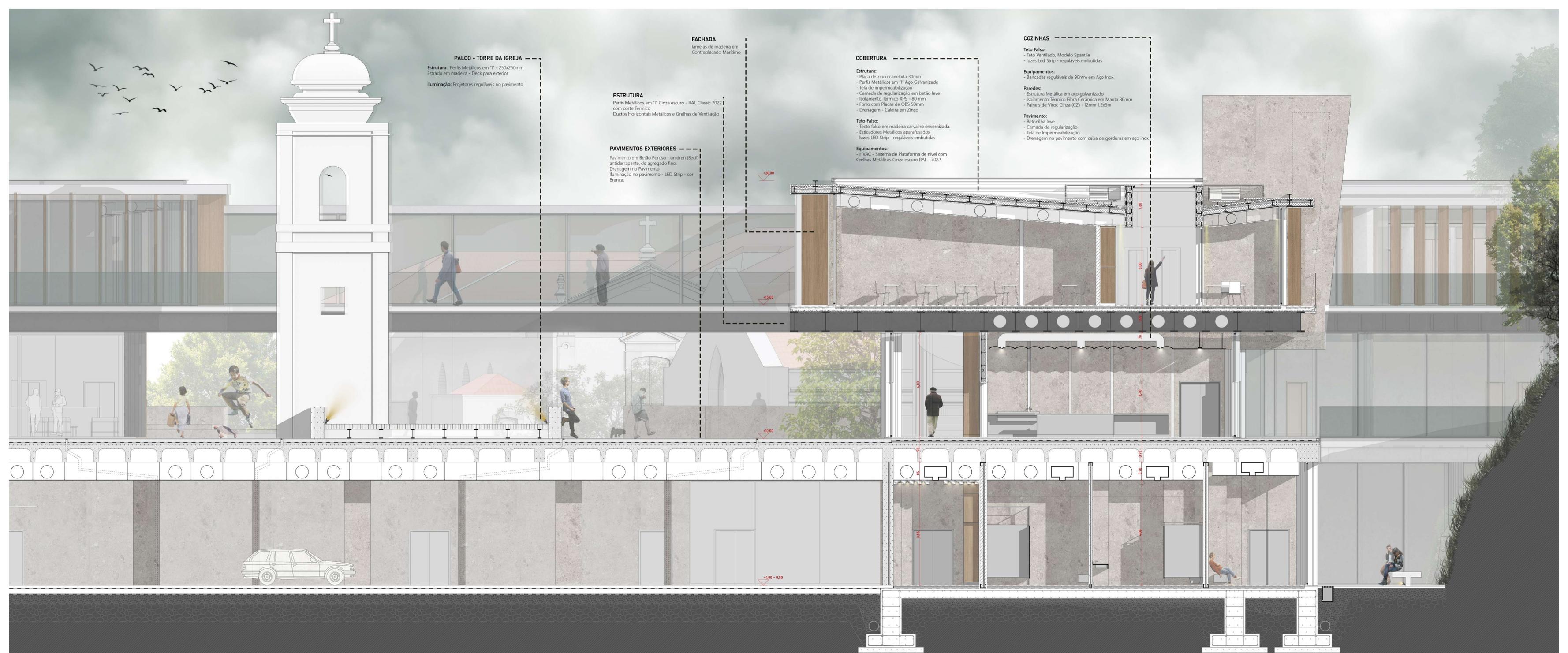
1.40

30

20

20

20



PALCO - TORRE DA IGREJA

Estrutura: Perfis Metálicos em "I" - 250x250mm
Estrado em madeira - Deck para exterior
Iluminação: Projetores reguláveis no pavimento

FACHADA

lamelas de madeira em
Contra-placado Marítimo

ESTRUTURA

Perfis Metálicos em "I" Cinza escuro - RAL Classic 7022
com corte Térmico
Ductos Horizontais Metálicos e Grelhas de Ventilação

PAVIMENTOS EXTERIORES

Pavimento em Betão Poroso - unidren (Secil)
antiderrapante, de agregado fino.
Drenagem no Pavimento
Iluminação no pavimento - LED Strip - cor
Branca.

COBERTURA

Estrutura:
- Placa de zinco canelada 30mm
- Perfis Metálicos em "I" Aço Galvanizado
- Tela de impermeabilização
- Camada de regularização em betão leve
- Isolamento Térmico XPS - 80 mm
- Forro com Placas de OBS 50mm
- Drenagem - Caleira em Zinco

Teto Falso:
- Tecto falso em madeira carvalho envernizada.
- Esticadores Metálicos aparafusados
- luzes LED Strip - reguláveis embutidas

Equipamentos:
- HVAC - Sistema de Plataforma de nível com
Grelhas Metálicas Cinza escuro RAL - 7022

COZINHAS

Teto Falso:
- Teto Ventilado, Modelo Spantile
- luzes Led Strip - reguláveis embutidas

Equipamentos:
- Bancadas reguláveis de 90mm em Aço Inox.

Paredes:
- Estrutura Metálica em aço galvanizado
- Isolamento Térmico Fibra Cerâmica em Manta 80mm
- Painéis de Viroc Cinza (CZ) - 12mm 1,2x3m

Pavimento:
- Betonilha leve
- Camada de regularização
- Tela de Impermeabilização
- Drenagem no pavimento com caixa de gorduras em aço inox



MEMÓRIA (RE)VISITADA
 REABILITAÇÃO DO FORTÉ DA TRAFARIA COMO ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO



CORTE PERSPECTIVADO | Escala 1:50
 Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Mestrado Integrado em Arquitectura
 João Pedro Dias | Orientadores: Prof. Dr. António Santos Leite | Prof. Dr. Jorge Firmino Nunes





